

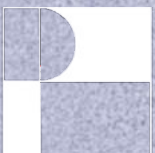
ISSN 2763-9258

TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO



TULHA
V7_N8_2021



TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO



TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO

CONSELHO EXECUTIVO

EDITORA

Carolina Xavier Pinto de Souza

DIRETOR DE REVISÃO

José Victor Ribeiro Belarmino

DIRETOR DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Caio Rodrigues Ramos

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Lívia Bicudo Candido de Jesus

PROJETO GRÁFICO

Caio Rodrigues Ramos

CONSELHO EDITORIAL

Isabella de Aquino Machado
Luana Silveira Coelho
Moyra Oliveira Simões
Nadia Isadora Lopes
Thais Coelho Moda

TUTORA

Dra. Jane Victal

Revista TULHA. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Programa de Educação Tutorial - PET Arquitetura e Urbanismo. Campinas, SP n.1 (set. 2015) v.7, n.8 jun/nov 2021

Periodicidade anual a partir de 2016

ISSN 2763-9258

Rua Professor Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 -
Parque Rural Fazenda Santa Cândida - Campinas/SP
- CEP:13087-571
A/C CEATEC - PRÉDIO H12

A TULHA é uma publicação digital produzida pelo grupo PET Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas, que, desde 1992, desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão

EDITORIAL

É com enorme alegria que apresentamos a Revista TULHA nº8, produzida pelo PET Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Uma revista que vem passando por reformulações, com o intuito de trazer, a cada número, mais reflexões, discussões e diferentes sensações sobre Arquitetura e Urbanismo e seus mais diversos campos aos autores e leitores.

A inscrição na Biblioteca Nacional e, por consequência, adquirir o ISSN, foi um enorme marco para a revista e muito gratificante para todos os integrantes do corpo editorial deste número. Foi um processo que exigiu adequações e muito esforço para que o atingíssemos com êxito, garantindo que a revista seja reconhecida agora em âmbito nacional.

Agradecemos a todos os autores, colaboradores e leitores, de modo especial à comissão avaliadora do Concurso de Capa e Quebra de Páginas – Me. Fábio Boretti Neto de Araújo, Professora Dra. Ana Paula Giardini Pedro, petiana egressa Isabelle Gonçalves de Oliveira e petiano egresso Matheus Rodrigues Moura - cujo tema foi “Novos Tempos: Ressignificação e Democratização dos Espaços Públicos”, e que contemplou as artes do arquiteto e urbanista Victor Lucena, ilustrando a revista deste ano e compartilhando sua sensível visão sobre a temática. À Professora Dra. Luciana Bongiovanni Martins Schenk, que contribuiu com suas belas palavras sobre o tema do concurso.

Agradecemos também ao comitê avaliativo de seleção de ensaios – Professora Dra. Ana Cecília Mattei de Arruda Campos, Professora Dra. Maria Eliza de Castro Pita e a Professora Dra. Paula Francisca Ferreira da Silva – que fizeram uma seleção minuciosa de todos os trabalhos recebidos, juntamente com os editores chefes da revista. E, por fim, ao arquiteto e fotógrafo André Scarpa e à Dra. Gabrielle Astier de Villatte Weatley Okretic, que colaboraram com seus incríveis trabalhos. Sem vocês, a revista deste ano não seria a mesma.

Estar à frente deste número da Revista TULHA foi de enorme aprendizado, finalizando um lindo ciclo no grupo PET, com muita gratidão por todas as pessoas que conheci, amizades que fiz e por todos os ensinamentos adquiridos ao longo da graduação. De modo especial, agradeço a nossa tutora, Dra. Jane Victal, por toda a ajuda e conhecimento compartilhado, e a todos os integrantes do corpo editorial da Revista TULHA, que fizeram um trabalho ímpar para que a revista fosse publicada com sucesso.

Me despeço de mais uma etapa da minha vida, na expectativa do próximo número e das próximas realizações do grupo.

Carolina Xavier P. Souza
Carolina Xavier Pinto de Souza

SUMÁRIO

46

ensaios PROJETUAIS

P. 8
O DESENHO É UM ATO POLÍTICO
Victor Lucena

P. 10
NOVOS TEMPOS: RESSIGNIFICAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS
Luciana Bongiovanni Martins Schenk
Ilustração: Caio Rodrigues Ramos e Luiza Simionatto Budahazi

16

ensaios CIENTÍFICOS

P. 18
PAISAGEM CULTURAL NO BECO DO BATMAN: DA EXPERIÊNCIA DO CONCRETO AO MUNDO VIRTUAL
Luiza Simionatto Budahazi e Jane Vítal

P. 24
ANÁLISE DO URBANISMO DAS CIDADES ÁRABES ISLÂMICAS
Sarah Vieira Paz Souza

P. 30
PROJETO DIST II A EXPERIÊNCIA EM CAMPINAS: UMA ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO PARA COMUNIDADES EMPREENDEDORAS
Gabrielle Astier de Villatte Weatley Okretic e Laura Machado de Mello Bueno

P. 40
POR UMA DEFINIÇÃO DE MITO, ORDEM E ORIGEM EM LINA BO BARDI: A NOÇÃO DE ORIGEM
Vera Santana Luz

P. 48
UIAMA
Ariadne Meo Santos Ayres, Gabriel Magalhães Teixeira, Isabella Maria Veronezi, Laura Botelho Santos, Maria Beatriz Soares Mercuri, Renata Bertuzzo Veiga, Rodrigo Geraldini Losano, Tauana Bertacco Queiroz e Victoria Rodrigues de Moraes

P. 60
COMPLEXO PRISMA MIOLO DE QUADRA
Bia Carvalho Costa Santos, Bruna Catarina Ludovico, Giovanna Loiola Marques e Isabelle Contiero

P. 66
ABRIGO EMERGENCIAL EM MADEIRA
Aaron David Paim Pavliuk, Anna Cecília Soares Mota, Helena Rosandiski Hiratuka, Luana Coelho Silveira, Luiza Cappelin Zago, Matheus Randi Bueno e Thaís Coelho Moda

P. 74
RESSIGNIFICAÇÃO DA ROTUNDA: INSTITUTO REGIONAL DA CULTURA
Grigor Pugliesi Bittencourt, Isabella da Rocha Dacal, Lívia Bicudo Candido de Jesus e Marina Silva Faria Soares

P. 82
PIN SINALIZAÇÃO URBANA
Camila Valbert, Carolina Xavier Pinto de Souza, Isabel Reis de Souza, Larissa Namie Higa e Leticia Vasques Zerati

P. 86
A REGENERAÇÃO URBANA DO BAIRRO BOM RETIRO, SÃO PAULO
Bia Carvalho Costa Santos, Caio Rodrigues Ramos, Erik José da Silva, Luiza Simionatto Budahazi, Michelle Namie Maekawa e Rodrigo Issao Miyashiro

94

ensaios TEXTUAIS

P. 96

É POSSÍVEL FALAR DE UM LUGAR DA MULHER?

Bianca Rizk, Helena Martins Colombo, Isabela Nonato Criado, Lara Papin Briani, Nilma Karoline Souza da Conceição e Pâmela Nascimento Vieira

P. 100

ARQUITETURA DO VAZIO: A CONCEPÇÃO DE NADA E DE TUDO

Caio Rodrigues Ramos, Giovanna Loiola Marques e Luma Cristina Cavallaro

P. 106

O ENCONTRO ENTRE A ARQUITETURA E A DANÇA

Milena Furlan Andrello e Sarah Maria Miranda Lima

P. 110

RAÇA: UM OLHAR “SOB” A ARQUITETURA E O URBANISMO

Ana Beatriz Balbino Gonçalves

114

ensaios GRÁFICOS

P. 116

HOMENAGEM AO ARQUITETO PAULO MENDES DA ROCHA

André Scarpa

P. 132

ENTRE TEMPOS

Marília Dal Bem Grizzo

P. 138

REBELDIA

Marília Dal Bem Grizzo

142

concurso de CAPA

P. 142

VICTOR LUCENA

1° Lugar

P. 144

ANNA CECÍLIA SOARES MOTA

2° Lugar

P. 154

GUILHERME MOURA MASSUCATO

3° Lugar

NOVOS TEMPOS: RESSIGNIFICAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

O DESENHO É UM ATO POLÍTICO

Todo desenho de arquitetura tem uma responsabilidade inerente, ele irá afetar vidas. Tanto das pessoas que irão executar esse desenho, tornando-o real, quanto das que irão conviver com o projeto finalizado. Essa responsabilidade fica ainda mais evidente em um contexto de espaço público, onde cada decisão do desenhista afeta diretamente um número maior de pessoas.

Cabe ao arquiteto perceber a profundidade de cada traço. O projeto nunca está desconectado da realidade em que ele está inserido, o desenho pode legitimar, corroborar, criticar e até confrontar, mas nunca se isentar dessa realidade.

A arquitetura hostil, tema cada vez mais em discussão, não se faz presente somente em sua forma mais bruta e direta, como no caso de repercussão nacional das pedras pontiagudas instaladas sob um viaduto, na Zona Leste de São Paulo, e denunciado pelo Padre Júlio Lancelotti. Esse projeto excludente está presente em diversas cidades, muitas vezes escondidos por eufemismos e formas que buscam enaltecer um desenho que tenta se desvencilhar de seu contexto e principalmente de sua responsabilidade. O objetivo é claro, expulsar moradores de rua de espaços públicos.

Um mobiliário urbano pode ressignificar um espaço público, trazendo acolhimento à população, a convidando a viver a cidade. Mas também pode expulsar, dificultar a permanência e o convívio, transformando os espaços públicos em lugares somente de passagem.

As artes expõem de forma gráfica as intenções desse desenho de mobiliário urbano contemporâneo cada vez mais normalizado, se propondo a despertar um olhar crítico sobre esses mobiliários e levantar a discussão para futuros projetos, qual o impacto do seu desenho?

Victor Lucena, arquiteto, formado pela PUC-Campinas em 2019, metido a ilustrador.

V. Lucena

Victor Lucena

@sagaz_

Novos Tempos: Ressignificação e democratização dos espaços públicos

AUTORA

Dra. Luciana Bongiovanni Martins Schenk
Arquiteta e Urbanista/Docente no Instituto
de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo e do Programa de Pós-
Graduação, (IAU - USP)

ILUSTRAÇÃO

Caio Rodrigues Ramos
Luiza Simionatto Budahazi
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo,
PUC-Campinas

Afinal, o que pode almejar a Arquitetura e o Urbanismo em resposta ao mundo? Ou, melhor estabelecido o recorte, que resposta é capaz de formular a Arquitetura e Urbanismo para esse território brasileiro, imenso, diverso e desigual?

Como não sentir a pressão do desafio frente a tantas informações? Temos uma formação complexa e multidisciplinar que nos leva a pensar em tantas entradas, questões, possibilidades de abordagem...

Nesse volume a pauta elege o espaço público, essa categoria que poderia ser um conceito, se estivessemos entre juristas e se tratasse de questão fundiária, estrito senso. Mas nossa experiência tensiona essa chave, e é positivo que essa tensão se instale: em tempos de mudança, quando o mundo se torna instável e nosso papel nesse mundo, bem como as condições de vida humana repercutem essa instabilidade, é natural que pensemos sobre essa situação. (ARENDR, 2004)

A filósofa Hannah Arendt, mais conhecida por seu livro *A Condição Humana* de 1958 é referência fundamental quando se estuda as dimensões e significados do espaço público, lugar da vida urbana por excelência. Sua fala se constrói nessa peculiar imagem que distingue o público como o lugar da comunicação, da potencial troca que se realiza a partir dessa possibilidade que nos distingue e define: dialogar.

Aqui a complexidade se apresenta, em um estado democrático o lugar da vida urbana é a convivência na diferença, somos iguais e diferentes: iguais nos direitos e deveres; diferentes enquanto grupos e interesses. Contudo a vida política exige que construamos convergências, aqui as particularidades estarão em segundo plano, denominadores comuns nos unirão e, fundamentalmente os conflitos dizem respeito a diferentes interesses, que manifestam diferentes princípios e valores.

A arena onde esse jogo se apresenta é especialmente o espaço público. Ali tudo significa, perceber, ler, revelar, as informações concorrem e nos afetam.

Pensar é elaborar sobre essas informações, exercício político e aprendizado fecundo. No caso específico da Arquitetura e do Urbanismo, pensar é represen-



¹...as metáforas sendo o pão de cada dia de todo o pensamento conceitual." Responsabilidade e Julgamento. ARENDT, Hannah, 2004:75.

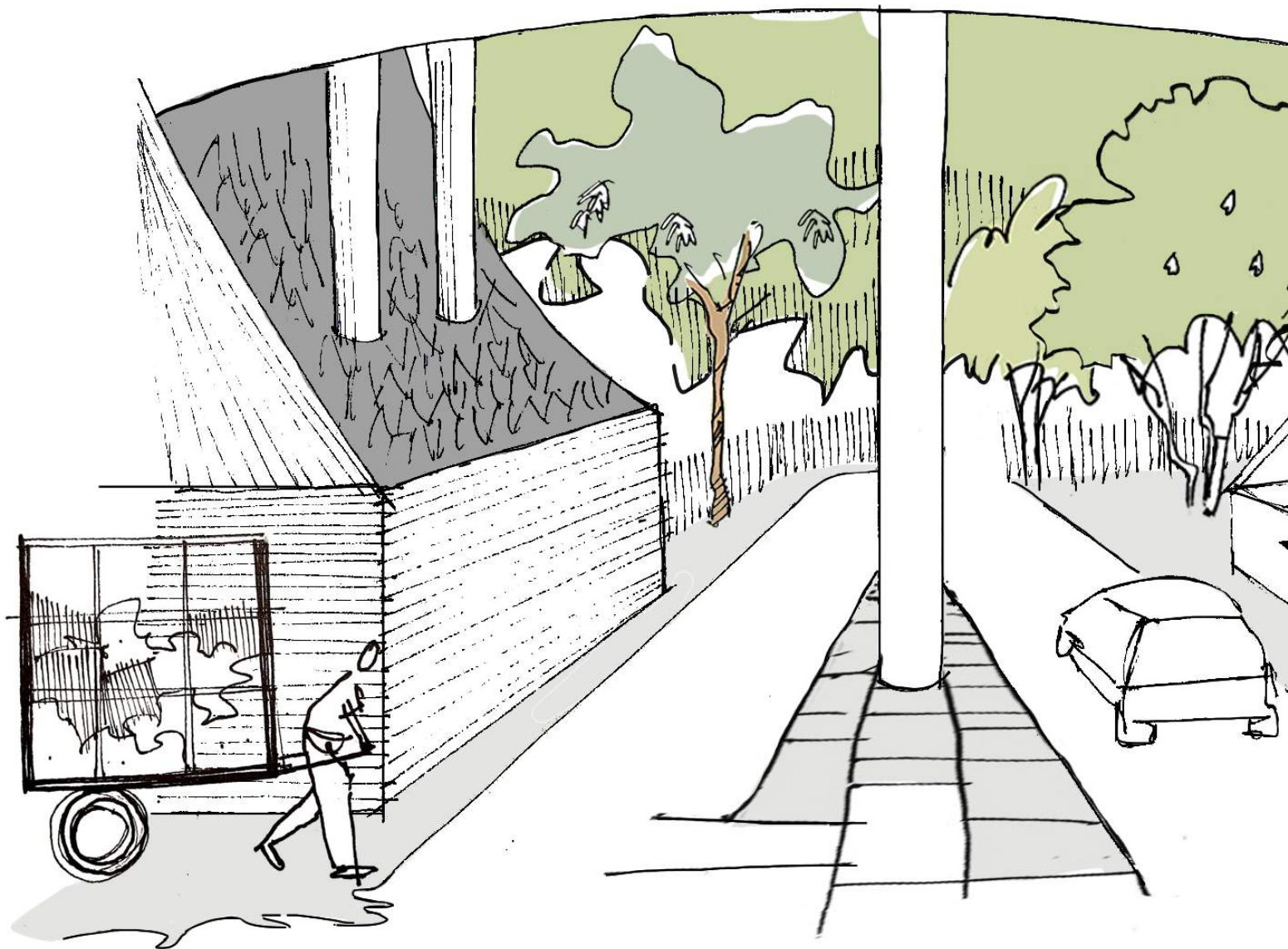


tar, propor é desenhar. Aqui a representação registra esse movimento na direção de uma síntese, que envolve um sem número de idas e vindas, croquis, desenhos, recursos virtuais de diversas ordens unindo pontas que vem de diferentes lugares: história, memória, dados físicos e sociais, cultura, evolução morfológica, cartografias, documentos, fotografias, depoimentos...

A temática em tela guarda uma narrativa: o espaço público brasileiro sofreu um encolhimento, a modernidade e seus modos de vida nos tiraram das calça-

das e ruas, das praças, dos parques onde eles tiveram a sorte de existir... No Brasil, esse movimento teve feições próprias e particulares em suas muitas cidades, nos seus mais de cinco mil municípios cuja população, atesta o IBGE, é majoritariamente urbana.

Na literatura e nas revistas internacionais esse fenômeno de encolhimento vem sendo revisado e o espaço público resgatado nas últimas décadas. Lugar de trocas, é o espaço protagonista da qualidade de vida, compreendida como mobilidade, saúde, lazer, encontro.



Há aqui um paradoxo que instala um debate que, longe de se resolver, só amplia o desafio de querer ser arquiteto(a) urbanista nesse país. Não há como desviar o olhar do que se passa em nossa realidade. O espaço público brasileiro expõe nossas fragilidades justamente por sua natureza pública. Acessível, ele é o espaço da oportunidade, da venda de produtos, da economia alternativa, da moradia, da ausência. Ele acumula problemáticas que não veremos comparecer nas revistas e sites internacionais. E isso só confirma sua natureza política, a

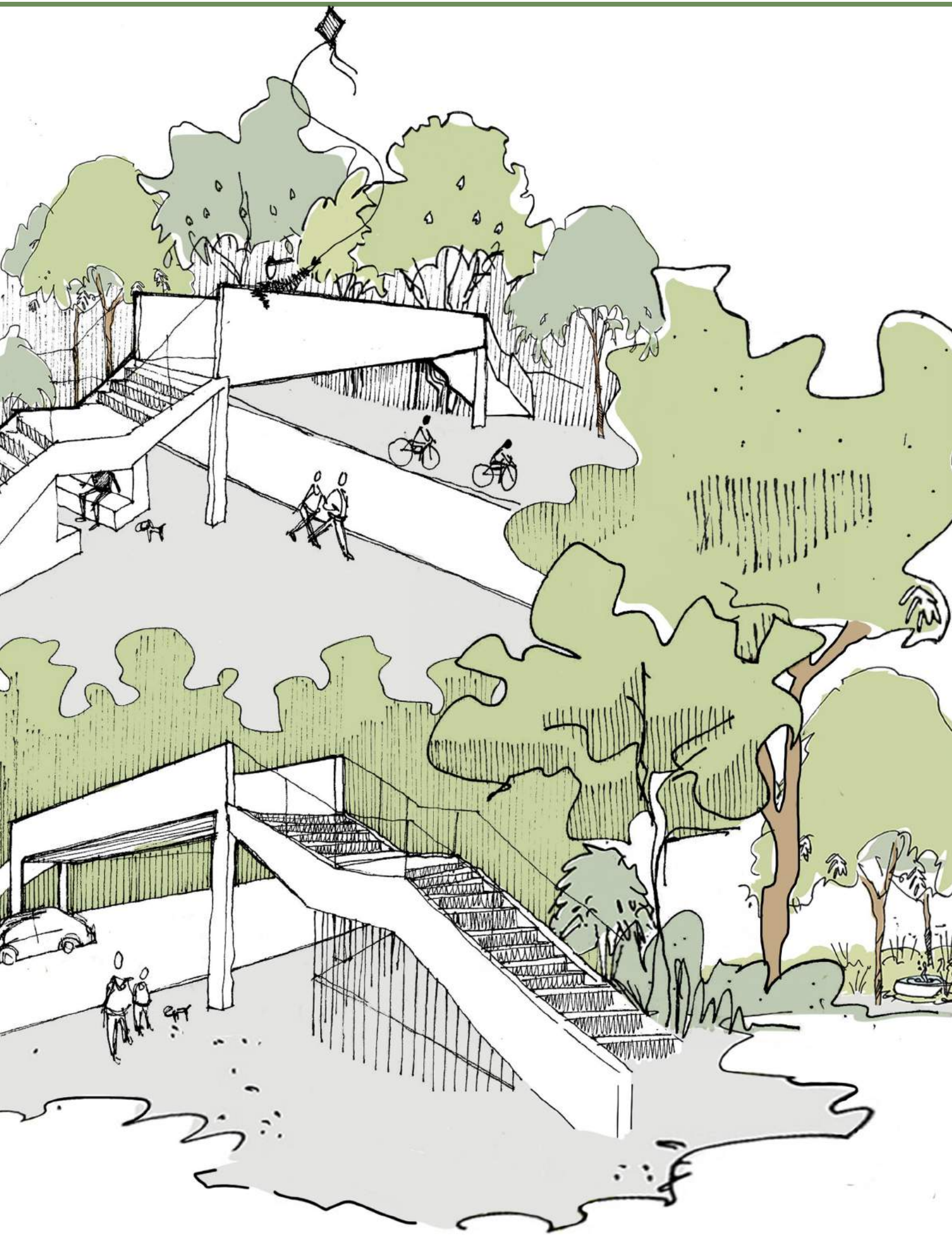
paisagem que encontramos é a expressão de nossas escolhas como sociedade.

Retorna a questão: que respostas serão possíveis?

Uma resposta que não se furte à complexidade do presente não será uma resposta simples, mas uma resposta com perguntas, proposições, ofertas de diálogo engastadas e amalgamadas em sua formulação.

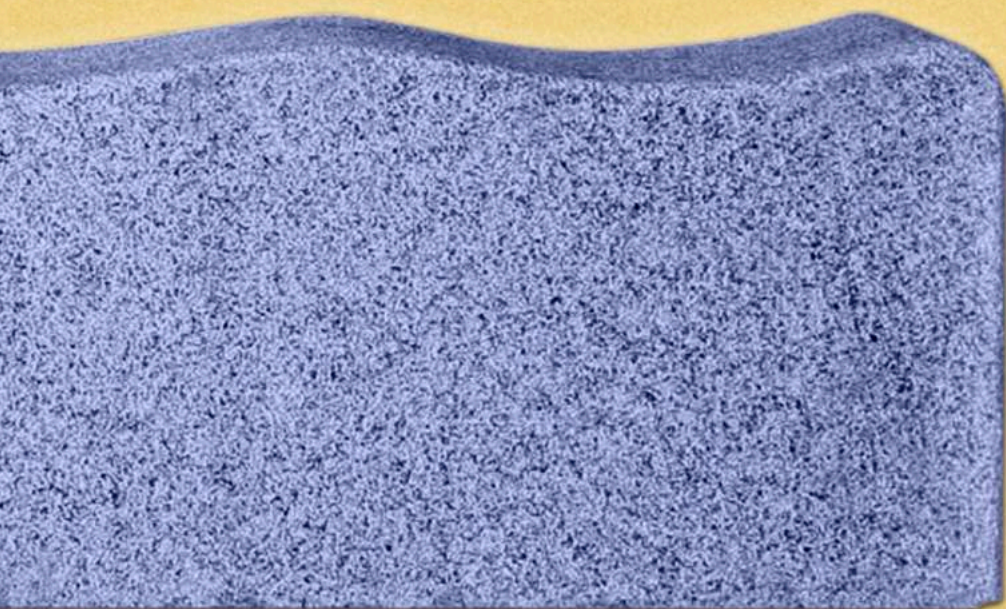
Lugares para a vida, em suas muitas dimensões.











ensaios
CIENTÍFICOS

Paisagem cultural no Beco do Batman: da experiência do concreto ao mundo virtual

AUTORAS

Luiza Simionatto Budahazi
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo,
PUC-Campinas

Drª. Jane Victal
Arquiteta e Urbanista / Docente e
Pesquisadora do Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura e Urbanismo,
PUC-Campinas

RESUMO

A resignificação do Beco do Batman por meio do compartilhamento de imagens nas redes digitais tem proporcionado a valorização da região de Pinheiros, cujos principais atrativos devem-se pela fácil acessibilidade na capital paulista e pela presença do grafite, expressão artística efêmera de caráter crítico. Tendo a cidade como suporte, a arte urbana está atrelada aos eventos cotidianos de uma população que produz uma **cultura emergente**, isto é, que está à margem do sistema hegemônico (SANTOS, 2008). Esta primeira apropriação do espaço, que surgiu como “cultura de baixo”, passou a atrair jovens pela exuberância e peculiaridade de sua paisagem, que por sua vez se tornaram agentes de resignificação urbana baseada na difusão da imagem deste locus nas redes sociais. Dessa maneira, percebe-se a popularização da imagem de tal destinação turística através do meio digital, caracterizada pela divulgação da experiência particular que cada indivíduo estabeleceu em decorrência do caráter pictórico e da indústria criativa ao qual este espaço está associado. Com a resignificação e valorização do distrito que o fenômeno induziu, vemos na atualidade uma quantidade expressiva de lançamentos imobiliários.

PALAVRAS-CHAVE

Resignificação urbana; paisagem cultural; redes sociais; Beco do Batman; Distrito de Pinheiros; São Paulo

1. FENÔMENOS DE RESSIGNIFICAÇÃO NO DISTRITO DE PINHEIROS EM SÃO PAULO

Atualmente vemos um processo de resignificação do Beco do Batman ocorrendo nas mídias sociais, tornando esse espaço o destino de uma população jovem que se utiliza da fotografia e dos dispositivos móveis para produzir novas linguagens acerca do território, pautadas na divulgação e na influência massiva de postagens contendo a imagem da paisagem urbana local.

Dado o alcance mundial que as redes sociais promovem, em especial o Instagram, o Beco do Batman, no Distrito de Pinheiros em São Paulo, se tornou local atrativo para a visitação, levando grande número de turistas que para lá se deslocam com o objetivo de usufruir da experiência de um espaço peculiar da cidade e apreciar seus grafites. A origem desse tipo de arte

urbana está também associada ao tipo de morador local e a atividade voltada à **indústria criativa** que se instalou no bairro. A experiência singular que se promove, induzida por essas duas camadas de resignificação, a concreta e a virtual, surge como construção social por ser permeada pela expressão cultural de uma comunidade de artistas e artesãos.

Desse modo, entende-se a importância dos celulares como produtores de novas linguagens e sua difusão pelas redes sociais como agente de produção de novos significados aos lugares. Uma vez que as fotografias são capazes de proporcionar uma narrativa baseada no recorte da paisagem, onde se entende a decodificação individual do espaço experienciando, novos olhares situados no ciberespaço complementam a experiência da fruição no espaço concreto. As imagens, veiculadas no Instagram e demais redes sociais, dão testemunho da presença no espaço concreto, denotam a autenticidade do evento no momento da fruição e atribuem valor ao turista que é o gerador da informação. O **uso de hashtags**, por sua vez, é responsável por conectar e agrupar lugares e diferentes comunidades a partir da associação de imagens postadas em torno de determinados assuntos, gerando feixes de significados. Além disso, a narrativa se relaciona com a leitura instantânea e dotada de significados das imagens publicadas, já que se identifica a importância do caráter visual na vivência dos espaços na contemporaneidade.

2. CULTURA EMERGENTE E RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Sem a presença de limites precisos, o Beco do Batman exerce uma área de influência em seu entorno que abrange os bairros de Pinheiros, de Sumarezinho, do Jardim das Bandeiras e da Vila Madalena. A fim de compreender a atual **morfologia urbana** da área estudada, é preciso ir mais a fundo no início da ocupação e urbanização do Distrito de Pinheiros. De acordo com a Planta Geral da Capital de São Paulo, elaborada sob a direção de Gomes Cardim em 1897, no final do século XIX o local ainda se encontrava sem qualquer referência

a ocupação, porém, há indícios da sua localização. Nessa Planta da cartografia antiga da cidade de São Paulo, a Avenida Paulista finaliza no conjunto do Hospital de Isolamento e Cemitério Municipal (atual Cemitério do Araçá) de onde parte a Avenida Rebouças que leva a então singela Villa dos Pinheiros. É possível destacar o traçado ortogonal das quadras e ruas do bairro Cerqueira César, atualmente bairro de Pinheiros, num quadrilátero delimitado pela Av. Rebouças, o conjunto do Hospital e um curso d'água, provavelmente o Córrego Verde I.



Figura 1 - Detalhe do mapa de 1930 pontuando a área onde surgiu o atual quadrilátero Beco do Batman no Distrito de Pinheiros. Fonte: S.A.R.A Brasil, 1930, disponível em: geosampa.prefeitura.sp.gov.br. Acesso em 01/07/2021



Figura 2 - Mapa do quadrilátero do Beco do Batman contendo: o traçado original do córrego Verde I que foi canalizado e fechado, a Rua Harmonia e o cemitério São Paulo Cardeal / Fonte: BUDAHAZI, VICTAL, 2021, com base no Mapa Administrativo GeoSampa.



Figura 3 - Foto aérea do bairro da Vila Madalena - 1950 / Fonte: Acervo Antônio Landi. Disponível em <http://guiavivavila.com.br/historias/antes-de-mais-nada/>. Acesso em 15/07/2020

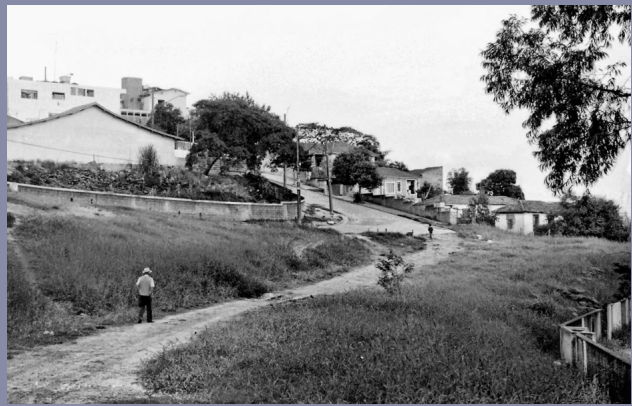


Figura 4 - Foto de 1986 - Rota de passagem por onde se podia caminhar de forma mais amena. Rua Fidalga ao fundo. Fonte: Acervo José Eduardo Afonso. Disponível em: <http://docfoto.com.br/site/a-vila-madalena-do-passado-em-fotos-documentais/>. Acesso em 19/05/2020

Em 1930, com o Mapeamento Sara (figura 1), identificou-se o Cemitério S. Paulo em vias de ser construído e um tecido urbano em expansão, com ruas ainda sem identificação quanto aos nomes. Ao longo do Córrego Verde I, nota-se que toda a parte posterior é um fundo de vale com áreas alagáveis de difícil urbanização. Assim, esta área se constituirá como uma ruptura da malha urbana obstruindo a continuidade do sistema de ruas e quadras nas proximidades do cemitério. Desvalorizado e sem prioridade de uso urbano, dividindo os arrabaldes e o centro mais dinâmico da cidade, o local atrás do cemitério era um fundo de vale provavelmente inóspito (figura 2). No entanto, no outro lado desta **cicatriz urbana**, encontrava-se em formação um bairro com ruas ainda sem denominação, pequenos lotes, poucos ocupados por casinhas, para além do curso sinuoso do Córrego.

Em 1954, com o levantamento cartográfico da Vasp-Cruzeiro presente no site GeoSampa, é possível identificar que os terrenos ao fundo do cemitério S. Paulo já se encontravam totalmente ocupados por edificações estreitas e compridas em lotes irregulares, que se acomodavam ao terreno, desviando do córrego e construindo passagens entrecortadas. Como consequência, surge um beco, provavelmente uma rota de **passagem nos fundos dos lotes**, por onde se podia "cortar" o caminho de forma mais amena e direta. Sendo assim, em meados do século, a região possuía um forte caráter familiar e operário (figuras 3 e 4), que mudaria conforme a chegada de estudantes a partir da instalação do campus da Universidade de São Paulo no bairro Butantã.

Para além das transformações no caráter da região de Pinheiros, nota-se a presença de aspectos que induziram a mudança do sentido de lugar e promoveram a **ressignificação, renovação e gentrificação** da área onde hoje se encontra o Beco do Batman. Este ponto se encontra nas fronteiras de bairros tradicionais do distrito de Pinheiros, mas tem a Vila Madalena como ponto de atração a partir do qual toda a região foi se tornando conhecida.

Em sua origem a região era ocupada esparsamente desde a várzea do Rio Pinheiros até o chamado espigão da Avenida Paulista. No início do século XX, imigrantes portugueses se instalaram na região da atual Vila Madalena, possuindo como atrativo a linha de bonde que ligava Pinheiros ao centro. No entanto, o **bairro operário** era dotado de uma infraestrutura urbana muito precária e em meados do século, com a presença do líder comunitário Padre Olavo Pezzotti, o bairro recebeu equipamentos públicos como uma Igreja Matriz, escolas e um ambulatório. Além disso, o líder promoveu o asfaltamento para quase todas as ruas do bairro e a extensão da linha de bonde existente. (PORTUGHEIS, 2014).

Assim, no âmbito cultural, as festividades que ali ocorriam tinham influência portuguesa, mas, em algum momento de sua história, o Padre Olavo adquiriu uma máquina cinematográfica com a qual projetava filmes a noite na parede externa da Casa Paroquial. Isso demonstra a preocupação dos próprios habitantes em promover **lazer e cultura** em seu meio e a vocação para certo tipo de atividade coletiva no espaço público das ruas (PORTUGHEIS, 2014).

Até o início dos anos 1970, o bairro continha um caráter familiar, o qual começou a mudar com a vinda de estudantes e professores. As casas operárias eram edificações em lotes comprimidos com aluguéis de custo modesto e por isso passaram a ser procuradas para **habitação de estudantes**. O local se encontrava a meio caminho entre o centro da cidade e o então recém-construído Campus da Universidade de São Paulo e, com a implantação de transporte coletivo, passaram a conter repúblicas de estudantes.

Com a nova demanda populacional, aumentaram os equipamentos de serviços e de comércio no bairro, assim como a quantidade de pontos de encontros e dentre eles estão os restaurantes e livrarias, frequentados em sua maioria pelos estudantes. Aliado a eles, o bairro foi destino de muitos jovens cineastas, produtores e jovens artistas, que foram montando seus ateliês no local. Devido a isso, a Vila Madalena e partes do Distrito de Pinheiros começaram a se expandir, adensar e verticalizar, o que fez com que pouco a pouco as antigas casas familiares dos imigrantes portugueses cedessem seus terrenos a pequenos restaurantes, bares e cafés.

No início dos anos 1970 surgiu, em várias das grandes cidades do mundo, um tipo de arte urbana que foi designada como **grafite**. Feito em muros e paredes, era realizado por grupos de jovens para marcar circuitos territoriais. Segundo Sandro José Cajé Paixão (2011), a escrita caligráfica e infantil dos grafites norte-americanos da época marca a legibilidade de apelidos entre os integrantes dessas gangues como uma forma de rebelião contra a discriminação que sofriam. Com o passar dos anos, os grafites começaram a se aproximar das experiências abstratas, uma vez que o uso das cores e arranjos das formas, que captam o movimento do grafiteiro, têm a função de causar um forte impacto visual.

Assim, o movimento foi sendo intensificado e

tomando novas formas e linguagens, mais complexas e criativas como forma de expressão artística. Essa **forma de arte, transgressora e resistente aos espaços de museus**, chamou a atenção das grandes mídias, fazendo com que o grafite se popularizasse principalmente entre os jovens. Os norte-americanos Jean-Michel Basquiat (1960-1988) e Keith Haring (1958-1990) destacam-se como importantes artistas precursores da pintura mural em Nova Iorque, onde a cidade passa a ser o suporte da arte.

Durante a ditadura militar no Brasil, as liberdades de expressão eram fortemente reprimidas. Com isso, artistas e jovens estudantes passaram a usar o ambiente urbano como palco de suas intervenções e críticas ao sistema político vigente, como foi o caso dos estudantes da USP que se instalaram na região do Distrito de Pinheiros. Os grafites realizados por esses estudantes possuíam o traçado a mão livre, o intenso uso de cores, incorporavam elementos das histórias em quadrinhos e das artes gráficas, além de elementos textuais que os completavam com dizeres de resistência política, compreendendo **a arte de uma sociedade que está à margem do sistema da arte tradicional**.

Assim, a apropriação do Beco a partir dos grafites ocorreu na década de 1970 por um grupo de grafiteiros pioneiros composto por: Maurício Villaça, Júlio Barreto, Jorge Tavares, Rui Amaral e John Howard. A designação de "Beco do Batman" surgiu devido ao desenho do homem-morcego das histórias em quadrinhos que foi inscrito em um ponto evidente do beco e se tornou uma marca de reconhecimento daquela paisagem urbana.

Segundo Valverde (2017), os grafiteiros de São Paulo expressavam seus cotidianos por meio dessa arte marginal, buscando estabelecer um diálogo com a cidade. O Beco do Batman, por ser um lugar residual da cidade, de difícil acesso por automóveis e pouco iluminado, com baixo valor imobiliário, se tornou boa opção para montagem de ateliês e pequenas oficinas. Contendo muros de fundos de lotes e lugar de passagem de pedestres para cortar caminhos, se tornou um ponto privilegiado para grafiteiros (figura 5).

É importante ressaltar que os muros de fundos de lotes que dão origem ao Beco do Batman são de domínio privado. No entanto, quando os moradores permitem a manutenção dos grafites, eles promovem a valorização daquele beco abandonado e a ressignificação da região. A tensão entre público e privado, reforçada a partir da relação entre os muros dos lotes e a apropriação, pelos artistas e pela população, promove a transformação da área em espaço de convívio e de fruição estética. Nesse sentido, vemos uma **relação equilibrada entre o público e o privado**, visando o bem comum na rua, uma vez que ambos os atores servem de suporte para fomentar a cultura emergente do grafite.

A notoriedade desse local, assim como a popularização do grafite entre os jovens, está muito relacionada com outras formas de expressão da arte e do cotidiano de jovens da periferia, dentre elas podemos citar o estilo musical hip hop e o skate. A paisagem urbana passa a ser o palco ideal da manifestação dessa

cultura emergente que vem de baixo para cima: **“A comunicação marginal é a alternativa daqueles que rejeitam a representação diplomática das classes dominantes”.** (PAIXÃO, 2011, p. 175)

Com o tempo, todo o quadrilátero em torno do beco que surgiu com a canalização e tamponamento do Córrego Verde I, tornou-se reconhecido como sendo uma grande galeria a céu aberto. As pinturas passaram a ocorrer também nas outras pequenas ruas do quadrilátero e aparecem pontualmente desde as ruas mais movimentadas até o “coração” do beco. Pode-se dizer que os grafites do Beco do Batman induziram a revitalização da paisagem urbana na região atrás do cemitério que era visto como um lugar desvalorizado da cidade (figura 6). A promoção dessa revitalização foi feita por uma **cultura emergente que reivindica seu direito de usufruir a cidade**, a qual tem sido a pauta das intervenções urbanas ocorridas em São Paulo desde o fim do século passado.

Este espaço urbano se transformou em um espaço privilegiado de um grupo heterogêneo de pessoas interessadas na indústria criativa devido a fatores como a localização estratégica: a região de Pinheiros fica localizada na porção sudoeste da cidade, é considerada um dos locais de maior concentração de profissionais e pequenas empresas voltadas à indústria criativa da cidade de São Paulo. Esta atividade se expandiu de forma espontânea, sem incentivos do governo e seu caráter emergente forneceu as bases para a ressignificação e revalorização do espaço urbano.

Como espaço público e “galeria à céu aberto”, o beco se tornou destino de visitantes que colocavam esse ponto da cidade em seus **roteiros turísticos** (figura 7). Um passeio sem custos de entrada, popular e democrático, aberto a todos. O colorido e a paisagem urbana cenográfica proporcionaram a motivação ideal para a visita de jovens adeptos ao “selfie” e às redes sociais.



Figura 5 – Beco do Batman em 1994. Autor: Paulo Angerami. Acervo IMS



Figura 6 – Beco do Batman em 2019. Fonte: Acervo pessoal. Fotografia tirada em 17/07/2019



Figura 7 - Interação entre os visitantes e o grafite das asas presente no Beco do Batman / Fonte: Acervo pessoal. Fotografia tirada em 17/07/2019

3. DO CONCRETO AO VISUAL

Uma vez que a renovação da região de Pinheiros foi proporcionada pela influência da indústria criativa a partir dos equipamentos culturais próximos e do grafite, outro fator capaz de promover o lugar se deve pela publicação de imagens do Beco do Batman no meio digital, em especial no Instagram. O uso de imagens com hashtags e/ou geotags potencializam a criação de uma comunidade artística através do agrupamento de fotos em comum entre os mais diversos usuários. É como se o registro do momento concreto individual se estendesse ao mundo virtual, de maneira que o compartilhamento da experiência se atrela à imagem pessoal pela qual o indivíduo quer passar para os demais (PEREIRA, SANTIAGO, 2017).

Em decorrência da postagem, o indivíduo reforça a linguagem despojada e jovem da arte urbana, assim como o caráter efêmero dessa forma de expressão, já que os grafites estão em constante sobreposição e renovação, demonstrando o **dinamismo da arte urbana** em contraste com o caráter estático das obras expostas nos museus (figura 8). O dinamismo também está presente na maneira de interpretar a paisagem do Beco do Batman, uma vez que as fotografias publicadas constituem um recorte do espaço, dotado de significados pessoais, capazes de influenciar os demais usuários a vivenciar a experiência concreta da destinação turística. É fato que, na contemporaneidade, a cultura visual se faz muito presente, sendo que a população jovem demonstra a tendência ao veicular mensagens por meio de imagens, assim como fazem quando compartilham suas experiências em frente aos grafites.

Por fim, um aspecto fundamental para a ressignificação da região de Pinheiros associada ao desenvolvimento da indústria criativa se deve pelos dispositivos móveis capazes de armazenar uma enorme quantidade de fotografias, além de serem os responsáveis pela **conexão de diferentes grupos** por meio das mídias sociais. O desenvolvimento da tecnologia vem possibilitando a criação de ferramentas versáteis que permitem estender para o mundo virtual a experiência concreta individual de

um destino turístico, como é o caso do Beco do Batman.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadrilátero urbano correspondendo ao local que é conhecido como Beco do Batman e seu entorno imediato, inserido no Distrito de Pinheiros na cidade de São Paulo, passou por duas fases de ressignificação com fenômenos de cultura emergente que surgiram a partir da produção espontânea de expressões da arte contemporânea. Primeiramente o grafite, um movimento de arte urbana que surgiu a partir de finais da década de 1970 e transformou um beco de passagem, escuro, desvalorizado e empobrecido em galeria a céu aberto, alterando a paisagem urbana. Mais recentemente, com a revitalização do lugar em decorrência desta arte popular, o beco tornou-se um lugar de intensa visitação de turistas que, utilizando a tecnologia móvel, registram suas passagens pelo lugar e postam nas redes sociais levando a intensificação e a formação novos significados para esse espaço público paulistano.

Como o local ficou conhecido pela presença de profissionais da indústria criativa, artistas, cineastas, artesãos e outras modalidades de atividades culturais, passou também a receber um comércio de entretenimento com restaurantes gourmet, bares, cafés e boutiques que resultaram na valorização dos bairros do distrito, processo que ainda se encontra em fase de expansão.

Em síntese, é possível observar que a manifestação de uma cultura emergente no Beco do Batman, vem sendo capaz de ressignificar a paisagem. A fácil acessibilidade ao meio físico devido à privilegiada localização próximo ao centro histórico, a importantes equipamentos ligados à indústria criativa e a oferta de transporte público têm sido alguns dos fatores responsáveis pelo novo sentido do lugar. De igual modo, a presença dos grafites, expressão artística efêmera de caráter crítico que possui o espaço público como suporte, tem atraído turistas de todo o mundo a vivenciarem a experiência concreta de tal destinação turística. Por conseguinte, a fácil acessibilidade virtual a partir do caráter democrático das redes sociais, associadas a atratividade social e cultural da região de Pinheiros, corroboram para a construção de uma comunidade artística virtual que reivindica o direito de usufruir a cidade e de se apropriar de espaços públicos como forma de garantir a sociabilização dos indivíduos e a democratização do acesso à arte. O compartilhamento de imagens veiculadas ao Beco nas mídias digitais, em especial o Instagram, proporcionam uma nova leitura do lugar baseada na experiência particular. Desse modo, percebe-se a paisagem como construção social, pois a experiência concreta se estende ao mundo virtual como forma de validação daquele ambiente e daquela cultura.

Esses dois tipos de requalificação urbana, que surgem “de baixo para cima” com teor transgressor e a partir das camadas populares sem o auxílio governamental colaboram para a revitalização do espaço público. No entanto, o mercado imobiliário é extremamente hábil em

detectar formas diversas de urbanidade e, apropriando-se desses atributos típicos da cultura local, transforma-os em valores monetários. Já se observa então, surgirem vários lançamentos de torres de apartamentos e a verticalização que se acentua, o que deve trazer problemas urbanos como o adensamento acima da capacidade do sistema viário e principalmente a gentrificação, quando a população de origem não puder mais sustentar a elevação do custo de vida no local.



Figura 8 – Grafite presente no Beco do Batman / Fonte: Acervo pessoal. Fotografia tirada em 17/07/2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACIA HIDROGRÁFICA DOS CÓRREGOS VERDE - BRAÇOS I E II. Realizado pela Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/anexo_vii_corrego_verde_bracos_i_e_ii_1331049609.pdf. Acesso em 08/08/2020.
- SANTOS, Milton. Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- PAIXÃO, Sandro José Cajé da. O meio é a paisagem: pichação e grafite como intervenções em São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em estética e História da Arte, da Universidade de São Paulo. 2011.
- Planta n. 11: PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO. Original impresso de Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim – 1897. Disponível no Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal. São Paulo, setembro/outubro de 2008. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-indice.htm>. Acesso em: 08/08/2020.
- PORTUGHEIS, Débora Jun. Vila Madalena: Pólo de Comércio, Lazer e Cultura. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica Institucional/RUSP realizado sob orientação de Profa Dra. Heliana Comin Vargas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. 67p.
- PEREIRA, Luciana Noronha; SANTIAGO, Aline Gonçalves. Redes sociais e paisagem da destinação turística: fotografias online na construção da imagem da cidade. Periódico Paisagem e Ambiente: Ensaios – n°40 – São Paulo p.9 – 31 – 2017.
- SANTOS, Milton. Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- S.A.R.A. Brasil, Mapa Topográfico do Município de São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1930. Disponível no Mapa Digital da Cidade de São Paulo, www.geosanpa.prefeitura.sp.gov.br.
- VASP-Cruzeiro, Prefeitura Municipal de São Paulo, consórcio VASP Cruzeiro em 1954. Disponível no Mapa Digital da Cidade de São Paulo, www.geosanpa.prefeitura.sp.gov.br.
- VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Os limites da inversão: a heterotopia do Beco do Batman, São Paulo. ISSN: 1984-8501 Bol. Goia. Geogr. (online). Goiania, v. 37, n. 2, p. 223-244, maio/ago. 2017.

Análise do urbanismo das cidades árabes islâmicas: a influência da religião e da cultura no traçado urbano

AUTORA

Sarah Vieira Paz Souza

10º sem. de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

O presente artigo é resultado de um trabalho de iniciação científica no Programa de Educação Tutorial (PET) da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e investiga o urbanismo das cidades islâmicas no Oriente Médio. Partindo do pressuposto que a religião Islâmica tem grande influência sobre a forma e a morfologia urbana, busca-se entender quais são os motivos para essas similaridades. Além disso, é feita a análise e caracterização de alguns espaços dessas cidades: o centro, a circulação e a área residencial

PALAVRAS-CHAVE

urbanismo islâmico, islamismo, morfologia urbana

1. INTRODUÇÃO

O estudo das cidades é provocativo por natureza assim como é amplo e de diverso alcance. Seria impossível para um único indivíduo tentar entender sua complexidade devido ao volume imenso de conhecimento necessário para realizar tal ação. Uma cidade pode ser analisada por diversas perspectivas, como econômico, política, sociológica, geográfica, histórica, artística e arquitetonicamente. [...] A cidade, a criação humana mais compreendida, inclui tudo e nada que se refere ao homem ser exterior a ela. Tudo que afeta a humanidade está refletido na cidade (MONTEQUIN, 1983, p.43, tradução nossa).

A cidade é produto da combinação e da integração de diversas ações determinadas pelas tradições, culturas, ideias políticas, forças econômicas, grupos ou indivíduos (DINIZ, OLDONI, 2017). De acordo com Costa e Netto (2015) e Macedo (2012), “a forma como a cidade está organizada, setorizada e disposta sobre o terreno, se constituem nas características da sociedade urbana local e, portanto, compreender o espaço requer, primeiramente, uma compreensão holística de todos os fenômenos que permeiam esta sociedade local” (DINIZ, OLDONI, 2017, p. 3).

Diante disso, é importante compreender a cultura e as tradições da comunidade que habita em um local para

entender como se dá a organização espacial de uma cidade. A morfologia urbana é a ciência responsável pela análise dessa forma, interligando-a com os fenômenos que a originaram (LAMAS, 1993 apud DINIZ, OLDONI, 2017, p. 3). O modo como os elementos se organizam no espaço é o objeto de estudo dos morfologistas (REGO; MENEGUETTI, 2011, p. 125).

Ao longo da evolução urbana do Oriente Médio e Europa surgiram três tipos de cidades com morfologias distintas: a privada e religiosa cidade Islâmica, a pública cidade da antiguidade clássica, a doméstica e ruralizada cidade do Norte da Europa (MONTEQUIN, 1983). O presente trabalho se ocupa em analisar o primeiro tipo de cidade, identificando e analisando os elementos característicos dela.

O conceito de cidade Islâmica começou a ser desenvolvido e estudado de forma mais profunda pelos Orientalistas Franceses no início do século XX, destacando-se os irmãos George e William Marçais e Jean Sauvaget. São feitos alguns estudos sobre essa temática nos anos seguintes, destacando-se o trabalho de Von Grunebaun (1946).

De acordo com Marçais (1928), os muçulmanos podem ser considerados construtores de cidades. Isso se deve pelo fato do Islã ser uma religião necessariamente urbana uma vez que seu fundador, Maomé, e seus primeiros seguidores pertencerem à elite islâmica. As primeiras cidades muçulmanas se desenvolvem a partir de acampamentos de comerciantes sedentários. Segundo o autor, o Islã não é apenas uma religião que teve origem em assentamentos árabes, mas que também os favoreceu e deu suporte a eles.

Dessa forma, apoiado no caráter singular desse urbanismo, o presente artigo, derivado de uma pesquisa de iniciação científica, tem por objetivo listar e analisar os elementos característicos e compreender a morfologia das cidades islâmicas no Oriente Médio. Para isso foi feito um levantamento bibliográfico e análise de mapas e projetos urbanos dessas cidades.

¹While the individual structures were always changing, the general configuration of the city remained the same. Such an urbanistic process was never hampered by temporal or geographical differences. Precisely, because of it Muslim cities are so similar in all times and locations (MONTEQUIN, 1983, p. 47).

²It outlined a way of life based on the moral ethical and communal principles contained in the Qur'ah. The city that resulted thereafter was the manifestation of this model. While the physical structure reflected a decentralization of power and autonomy of communities that could only have been possible through a strict adherence if ethics and responsibilities incumbent upon urban living in Islam. This model can be described as a behavioral model based upon the principles of moral unity, social relation and ethical responsibility (HAMMED, 1991, p. 65).

³The emphasis laid on human responsibility, ethical behavior and communal solidarity enhanced the participation of local inhabitants in the creation of their immediate environment (HAMEED, 1991, p. 40).

2. URBANISMO ÁRABE ISLÂMICO

Enquanto as estruturas individuais estavam sempre mudando, a configuração geral da cidade se manteve. Tal processo urbano nunca foi dificultado por diferenças temporais ou geográficas. Precisamente por isso a cidade muçulmana é tão semelhante em todas as épocas e locais (MONTEQUIN, 1983, p. 47,¹ tradução nossa).

Destacam-se nas cidades muçulmanas as semelhanças que essas apresentam entre si, em nenhuma outra cultura é possível achar um senso de urbanismo tão forte (MONTEQUIN, 1983). O autor Loghod (1983) mostra que as cidades se parecem uma com as outras:

Apesar de não ser possível abordar uma única cidade islâmica, nota-se nas cidades que tiveram a presença da civilização islâmica, uma estrutura profunda na linguagem da expressão islâmica do espaço bem como um idioma recorrente que se adaptam a funcionalmente a estrutura comumente observada na cidade islâmica (LOGHOD, 1983, p. 65).

Essas características podem ser observadas pela morfologia semelhante, circulação com traçado irregular e tortuoso, e a presença de elementos comuns nessas cidades. Diante disso, questiona-se o que possibilitou essa identidade urbana tão forte? Esse questionamento pode ser respondido pelo fato do desenho urbano e a lei islâmica urbana serem baseados nos textos sagrados presentes no Alcorão, Hadith, entre outros. A partir desses textos é possível perceber a relação do Islã e o urbanismo. Diante disso, Hameed (1991) cria a hipótese que a cidade islâmica tradicional é um produto de um modelo que foi desenvolvido pelo profeta Maomé na comunidade de Medina:

Isto esboçava a forma de vida baseada nos princípios morais, éticos e comunitários contidos no Alcorão. A cidade, então, resulta da manifestação desse modelo. Enquanto a estrutura física refletia o espaço de relação, seu tratamento e seu centro refletia uma descentralização de poder e autonomia das comunidades que foi possível apenas por meio de uma estrita adesão de incumbências éticas e de responsabilidade sobre a vida urbana no Islã. Esse modelo pode ser descrito como um modelo de comportamento baseado nos princípios da unidade moral, relação social e responsabilidade ética (HAMMED, 1991, p. 65, tradução nossa).²

Dessa forma, o Alcorão e o Hadith dispõem a perspectiva da visão mais autêntica da cidade no Islã (HAMEED, 1991). Apesar do Alcorão não tratar especificamente sobre questões relacionadas à vida urbana, ele contém valores que orientam a vida dos fiéis, e princípios éticos e morais são usados também como guias para a modelação do espaço (HAMEED, 1991). Na lei islâmica todos os atos, incluindo o planejamento urbano, devem ser avaliados de acordo com os termos do sma

salih (bem social). Nesse aspecto, todos os fundamentos indicam que a meta da produção e conservação da lei islâmica é o bem comum universal de humanos e outros seres vivos juntos. Nos textos sagrados, nota-se que "a ênfase recai sobre a responsabilidade humana, comportamento ético e solidariedade comunitária aprimorando a participação dos habitantes locais na criação³ do ambiente" (HAMMED, 1991, p. 40, tradução nossa).

No Hadith, uma coletânea de dizeres atribuídos a Maomé, é possível notar uma forte marca do urbanismo. Isso acontece pelo fato desse texto se referir ao período de tempo que Maomé estava legislando em Medina. Esse texto é a base para a ética cotidiana, a unidade da comunidade e portanto, da elaboração de uma forma de vida individual e coletiva o que influencia no espaço urbano: "ao modelar as relações humanas baseadas nos princípios do Alcorão, modela-se o espaço e as interações que ocorrem nele" (HAMEED, 1991, p. 62, tradução nossa).⁴

Logo, os valores presentes no Alcorão são determinantes para entender as características da cidade árabe islâmica. A separação evidente no desenho urbano entre o espaço residencial e o espaço público é consequência de princípios presentes no Alcorão, que considera que o interior da casa é um lugar sagrado que deve ser protegido. A cidade tradicional muçulmana é baseada nesta privacidade e no aspecto religioso da vida (MONTEQUIN, 1983). A qualidade segmentada dessa cidade, gerada pela oposição do público e doméstico, junto com a suprema importância da religião, são os fatores que determinam as características da cidade islâmica.

Segundo Montequin (1983) a cidade muçulmana é funcional, e por isso é mais simples e modesta que as cidades gregas e romanas (MONTEQUIN, 1983). Essa simplicidade, no entanto, não deve ser interpretada como um retrocesso urbano. A ausência de alguns elementos presentes nas cidades europeias, como as áreas sociais comuns (ágora, teatro, estádios), se dava pela falta de necessidade desse tipo de espaço na comunidade Muçulmana uma vez que as interações sociais acontecem nas mesquitas e nos espaços semi privados.

Por fim, é importante ressaltar que a cidade tradicional muçulmana tem características comuns pois o desenho urbano deve seguir três princípios fundamentais: o de unidade moral, de relações sociais e de responsabilidade ética:

A unidade moral cria pontos sociais e religiosos de integração específicos na malha da cidade por meio da organização espacial da hierarquia das mesquitas. As relações sociais direcionam os espaços e os caminhos aos domínios públicos, residências e domésticos os quais levam a específicos tipos de agrupamentos formados ao redor de áreas que concentram determinado uso. A responsabilidade ética guia a responsabilidade do uso do espaço e a sua manutenção assim como o respeito do direito dos outros na comunidade (HAMMED, 1991, p. 65, tradução nossa).⁵

Ao seguir esses princípios, as cidades árabe-islâmicas apresentam uma morfologia urbana semelhante e elementos urbanos comuns. Nos tópicos a seguir, esses elementos característicos da morfologia das cidades islâmicas serão aprofundados e analisados.

2.1. CENTRO DA CIDADE ÁRABE-ISLÂMICA

De acordo com Piccinini (2009), a organização clássica da cidade árabe muçulmana consiste no grande centro composto por: mesquita principal, palácio ou cidadela, mercado, banhos públicos, escolas religiosas.

A mesquita pode ser considerada um dos elementos mais importantes da cidade islâmica, segundo Hammed (1991) a mesquita é o fator principal de organização da cidade islâmica, uma vez que ela possui um caráter central e unificador da sociedade. É a partir da Mesquita que as funções centrais e o mercado vão se organizando. Além de ser o lugar onde acontecem as orações e cultos, a Mesquita representa o espaço de interação social. "A mesquita para os habitantes representa não apenas um centro religioso, mas também um centro social, educacional e político. Essa natureza plural da mesquita foi traçada para a casa do profeta que cumpria essas funções múltiplas, tanto sagrada quanto secular (HAMMED, 1991, p.83, tradução nossa)".

Ao redor da Mesquita era comum ter a concentração de estabelecimentos comerciais, os souqs. Esses mercados se estendem pelas ruas principais (Figuras 1 e 2). Os souqs não são apenas áreas de intercâmbio comerciais, mas fundamentalmente espaços privilegiados de interações sociais e troca de informação e, portanto, de sociabilidade, assim como lugares de construção de identidades e de socialização (MELLO, 2004).

A ideia de designar uma área específica da cidade para o mercado começou com Maomé em Medina, sendo essa área próxima à Mesquita principal. Esse padrão foi então seguido pelas cidades de Amsar, al-Kufah, al-Basrah e al-Fustat, o mercado era desde o começo localizado no entorno da mesquita, tornando-se uma característica típica desse tipo de cidade (AL-Houthloul, 1975).

Nota-se também que em algumas dessas cidades era comum que parte do suq fosse coberto e que o mercado fosse dividido de acordo com zonas de produtos semelhantes (Figura 3). A partir do século IX/III, essas divisões já eram consideradas tradicionais nas cidades árabe islâmicas. Havia manuais que orientavam a subdivisão dentro dos mercados. Nesses manuais é possível observar alguns temas que baseavam os regulamentos: primeiro, o conceito de similaridade, produtos similares ficam próximos, segundo a frequência que os habitantes precisavam adquirir determinados bens, e por fim, evitar causar dano ou mal aos comércios ao redor, essa regra se aplica a produtos que são fonte de fumaça ou de mau odor (AL-HOUTHLOUL, 1975).

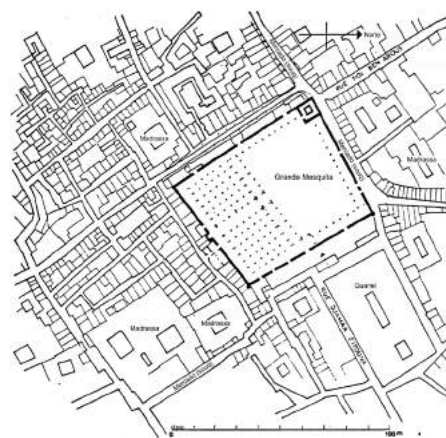


Fig. 16. Tunis. Plan of the Zaytunah mosque and the various markets within its vicinity. Source: Lexine, *Deux Villes d'Ifréniya*, op. cit., p. 156.

Figura 1 - Tunes: plano da Mesquita de Zaytunah e os vários mercados ao redor / Fonte: AL-HATHLOUL, 1975, p. 72.

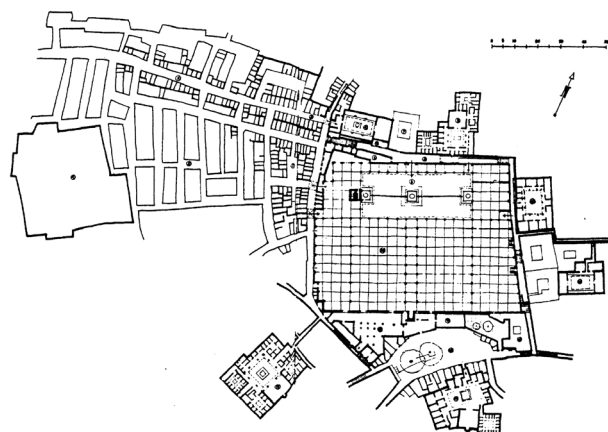


Figura 2 - Fez: Plano da mesquita principal e os mercados ao redor / Fonte: AL-HATHLOUL, 1975, p. 71.

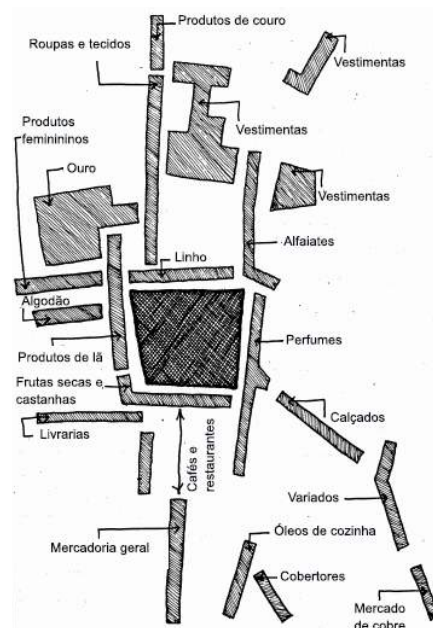


Figura 3 - Mesquita e Suq divididos / Fonte: Hakim, 1986, p. 85.

⁴Through its shaping of human relations based on Qur'an principles, shapes space and interactions in it HAMEED, 1991, p.62.

⁵Moray unity creates specific social and religious points of integration in the fabric of the city through the spatial organization of hierarchy of mosques. Social relations direct spaces and paths in public, residential and domestic domains and lead to specific kinds of cluster formation around concreted areas of use. Ethical responsibility guides responsible use of spaces and its maintenance as well as respect for the rights of others in the community (HAMMED,1991,p. 65).

Um dos poucos elementos semelhantes à cidade Islâmica tradicional e greco-romana é o banho público, Hamman. Segundo Piccinni (2009), os banhos surgiram por influência dos povos subjugados. No entanto, no Islamismo, esses banhos não eram associados ao lazer, ao cuidado pessoal ou encontro social como no contexto romano, mas sim lugares mais modestos dedicados à purificação do corpo antes de rituais religiosos. Por isso, esses banhos estavam localizados próximos ou até mesmo dentro do complexo que constituía a Mesquita. Outro elemento que era comumente encontrado nesses conjuntos é a Madrasa. Esse é um local para estudantes estrangeiros se desenvolverem na vida religiosa e aprender. As Madrasas surgiram no século XI, com o objetivo de se contrapor a influência das doutrinas estrangeiras (OLIVEIRA, 2015).

Em suma, nota-se que os centros das cidades islâmicas são muito compactos, sendo os principais elementos conectados por vias, que na maioria dos casos, são exclusivas de pedestres. A circulação é um elemento articulador importante na cidade islâmica e será aprofundado no próximo tópico.

2.2 CIRCULAÇÃO

A circulação na cidade islâmica é um dos aspectos que mais a diferencia em comparação às cidades romanas e ocidentais. Nessas cidades, o desenho começou a partir das estradas principais e, uma vez que o poder público foi assegurado das estradas, o espaço restante foi subdividido e distribuído para os indivíduos. Na cidade Islâmica, no entanto, o sistema de circulação exerce um papel secundário: as áreas públicas são desenvolvidas em espaços não ocupados pelas células residenciais (MONTEQUIN, 1983). Isso ocorre, pois a forma fundamental da clássica cidade islâmica é baseada no conceito de desenvolvimento do interior para o exterior, isto é, do espaço doméstico privado para o espaço urbano público, exterior (MONTEQUIN, 1983).

No Islamismo a privacidade tem grande importância na sociedade e por isso, o desenho urbano separa claramente a casa da privacidade do exterior comum. Nesse caso, nota-se nas residências a ausência de aberturas para a rua: "tal processo de desenvolvimento da casa para a rua denota uma atitude urbanística que é mais vital, funcional e humanamente orientada que a atitude que prevalece na cidade ocidental" (MONTEQUIN, 1989, p.49, tradução nossa).⁷ Na sociedade muçulmana o planejamento urbano tem como objetivo manter a privacidade, proteger a estrutura familiar, enquanto indiretamente protege a propriedade e a religião.

Há uma diferença entre a circulação na área central e nos núcleos residenciais. A zona central é atravessada por vias largas e regulares, elas compõem a esfera pública da cidade e geralmente abrigam o comércio (OLIVEIRA, 2015). Essas vias são chamadas de artérias, elas são abertas em suas extremidades e "devem ser largas o bastante para permitir a passagem de dois camelos carregados" (HAKIM, 2008, p. 76). Diante disso,

nota-se que era habitual em cidades islâmicas o uso de animais como forma de transporte de pessoas e carga, a ausência de veículos de roda gera uma demanda de sistema de circulação diferente (MONTEQUIN, 1989).

Já os núcleos residenciais, fora da zona central, "são fechados, se comunicando com o exterior por uma via única principal, darb, que se ramifica em direção ao interior em vielas irregulares que terminam em cul-de-sacs" (RAYMOND, 2008, p. 62). É interessante ressaltar que de acordo com as leis islâmicas os cul-de-sacs são espaços privados, e que é acessado por portões que controlam a circulação (HAKIM, 2008).

Os becos são presentes nas áreas residenciais da cidade, de acordo com Correia (2008), o beco emerge como elemento caracterizador do tecido islâmico e como arquétipo do pensamento urbanístico. Como comentado anteriormente, os becos são considerados propriedade privada e pertencem aos moradores da área. Esse modelo urbano traz maior privacidade às residências, pois além de controlar o fluxo de pedestres, reduz as vistas das casas pela via pública, fechando a habitação do exterior. De acordo com Safe (2015) "a escala, a forma e o conceito que permeiam a formação dessa estrutura agregam características que evidenciam a formação do sentido de comunidade na escala do bairro" (SAFE, 2015, p. 88). Na figura 4 é possível observar a hierarquia viária e os becos em destaque.

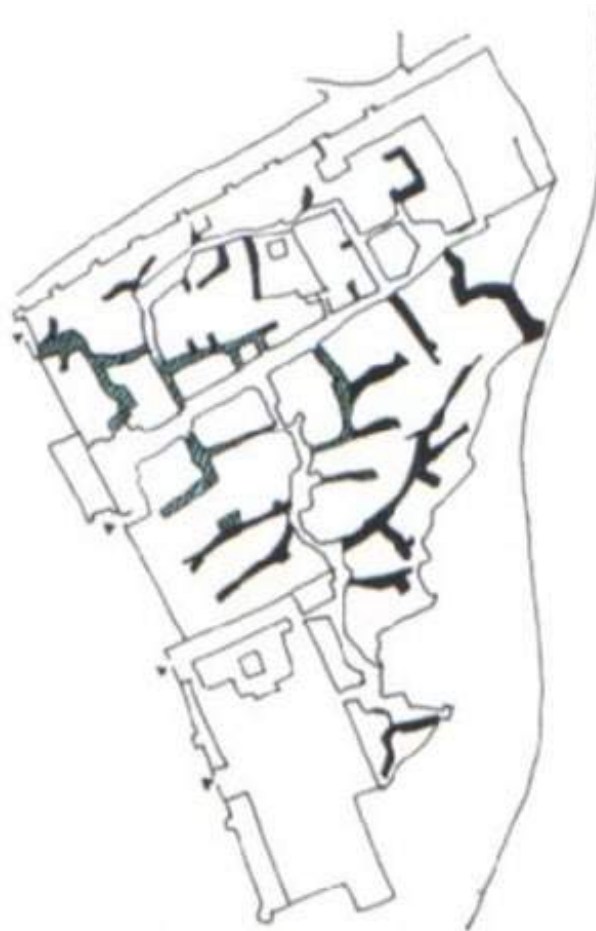


Figura 4 – Formação do plano urbano na kasbah de Mehdiya (Kasbah dos Oudayas): hierarquia viária
Fonte: Mohamed Ikbal BEKRI; Monia EL-EUCH. LA CASBAH DES OUDAIAS: Sauvegarde et mise en valeur.

⁶The mosque represented to the inhabitants of the city not only the religious center, but also the social, educational and political center. This pluralistic nature of the mosque is traced to the prophet's house that fulfilled a multiplicity of functions, both sacred and secular (HAMMED, 1991, p.83).

2.3 ZONA RESIDENCIAL

De acordo com o Alcorão, a vida familiar deve dispor de um alto nível de privacidade e de proteção visual do exterior (HAMEED, 1991). A preocupação em proteger a casa do exterior reflete na organização urbana da cidade árabe islâmica uma vez que “a prática espacial da cidade obedece a uma lógica de distintos níveis de abertura ou fechamento que se inscrevem na vida cotidiana. A configuração final define zonas residenciais quase inacessíveis a um passante que percorre as vias principais. A própria estrutura dos souks define o espaço exterior e protege do olhar estrangeiras, as zonas residenciais” (OLIVEIRA, 2015, p. 22).

A zona residencial situa-se ao redor do centro e se configura a partir do sistema chamado khittah (que era uma unidade de planejamento baseado no já existente sistema de divisão de terras das tribos árabes). Nesse sistema cada tribo definia o próprio Khittah e esse território era coletivo. Depois era feita uma subdivisão de acordo com a necessidade de cada membro da tribo (AL-HATHLOUL, 1975). Essa configuração espacial baseada na estrutura de clãs familiares prevalece na cidade islâmica ao longo de sua história:

O conceito de família estendida entre a sociedade islâmica levou ao aprimoramento dos laços sociais e da comunidade. O bairro na cidade Islâmica representa a multiplicidade de famílias [...]. As famílias que o habitam apresentam não apenas uma apertada e estruturada unidade física, mas também uma unidade social e comum. O espaço familiar privado gradualmente se direciona ao espaço semi privado da família estendida que permite liberdade de trocas entre kith e kin (HAMEED, 1991, p. 78, tradução nossa).⁸

A disposição desses espaços residenciais manifesta as relações entre a família e a comunidade. “A casa (dar) é como um embrião de um pequeno vilarejo (douar), no qual, assim como no primeiro, o espaço é partilhado por clãs familiares” (BERARDI, 2008, p.274 apud OLIVEIRA, 2015, p. 20).

Para compreender melhor como se dá a formação desses espaços, pode-se analisar a etimologia das palavras em árabe relacionadas à área residencial “iskan”, “harim” e “dar”. De acordo com Bianca (2000) a palavra iskan significa habitação, “a conotação etimológica evoca o ideal de um ambiente pacífico e protegido de intrusões inapropriadas” (BIANCA, 2000, p. 74, tradução nossa). O significado da palavra “harim” no contexto residencial enfatiza o aspecto inviolável do domínio privado. A forte relação entre a arquitetura e a sua função social nas palavras “dar” e “bait” que significam casa (físico) e clã familiar.

Essa importância para preservar a privacidade das residências influencia fortemente na morfologia urbana das cidades islâmicas. Conforme já discutido anteriormente, as ruas tendem a ser mais estreitas nas áreas residenciais a fim de controlar o fluxo de pessoas e assim manter a privacidade, além da presença de ruas que são fechadas para o acesso público.

⁷Such a process of development from house to traffic ways denotes an urbanistic attitude which is more vital, functional and humanly oriented than that prevalent in the western city.

⁸The concept of extended family among Islamic societies led to the enhancement of social and communal ties. The neighborhood in the Islamic city represented a multiplicity of families[] The families within it presented not only a tightly structured physical unit, but also social and communal one. Private family space gradually moved into the semi-private extended family space that allowed for freedom of inter-mixing between kith and kin.

As seções individuais e as ramificações separadas e conectadas por portões interiores que preservavam a integridade territorial de várias subcomunidades. Juntando unidades individuais, seja elas casas ou agrupamentos, não era uma questão apenas de justaposição, mas implicava uma assimilação estrutural na qual passo a passo absorveria e incorporaria blocos inteiros de edificações em um espaço urbano maior (BIANCA, 2000, p.150, tradução nossa).¹⁰

Essa integração progressiva das unidades não seria possível se não fosse pelo sistema de composição celular presente nessas cidades. Esse sistema interconecta os arredores com os sistemas de circulação fechados em diferentes níveis hierárquicos da estrutura urbana. A figura 6 apresenta um diagrama dessa composição celular, demonstrando um módulo residencial básico e como ele se configura, além da aplicação desse tipo de composição em outras áreas da cidade, como no mercado e na mesquita. A repetição desses padrões de clausura em diferentes regiões da cidade, e a junção desses agrupamentos resulta na estrutura complexa típica das cidades islâmicas.

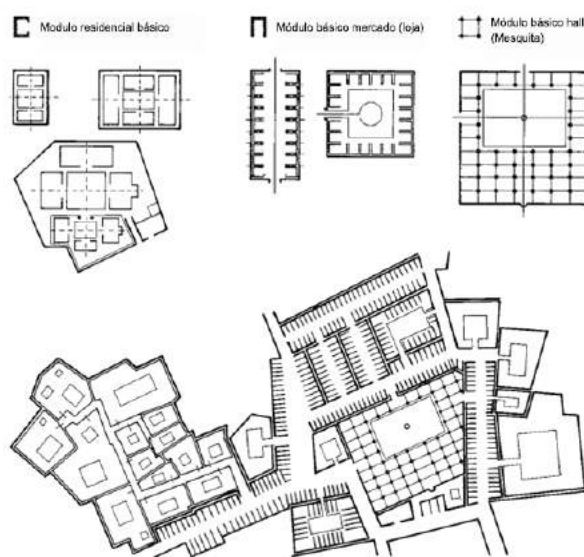


Figura 5 - Diagrama exemplificando a composição celular da malha urbana de Maghreb / Fonte: Bianca, 2000, p. 150.

É importante destacar que os agrupamentos residenciais são componentes urbanos determinantes nas cidades islâmicas, uma vez que, além de serem dominantes no aspecto quantitativo, a atitude das sociedades islâmicas em relação a instituições civis e a ênfase relativamente baixa em edificações monumentais públicas (BIANCA, 2000). Além disso, a área residencial é o elemento mais complexo da forma urbana das cidades islâmicas.

Em síntese, é possível perceber que as áreas residenciais refletem crenças e tradições importantes para a sociedade islâmica. De acordo com Eickelman (1974), as pessoas e as casas se vinculam através de um senso mútuo de “qraba” ou de proximidade. A palavra

“qraba” além de simbolizar família e laços afetivos, refere-se também a relações entre patrão – cliente, e alianças entre bairros e facções (GODDARD, 1999, p. 76). Esse senso de “qraba” pode ser expandido e aplicado para regiões além das áreas residenciais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos islâmicos são povos que desde o início da religião constituíram agrupamentos que evoluíram e tornaram-se cidades. Essas cidades islâmicas têm um traçado e uma morfologia urbana características que são resultados da cultura e religião dos povos islâmicos. Apesar dos povos islâmicos terem ocupados diversos territórios em diferentes continentes, é possível notar essas semelhanças no urbanismo islâmico devido a presenças de leis e textos religiosos, como o Alcorão e o Hadith, que serviram como base para a construção dessas cidades e de valores culturais e religiosos que são expressos na forma que o espaço da cidade é organizado.

A constituição do centro da cidade com a Madrasa e o Suqs sendo os principais elementos revela a importância da religião e do comércio para esses povos. Esses espaços além de exercer um papel funcional, são usados também como espaços de socialização.

A hierarquia viária reflete que essas cidades são pensadas na escala do pedestre e a largura das ruas é uma forma de controlar o fluxo delas. As ruas que no centro são mais largas e se afinam quando próxima a áreas residenciais demonstra isso. Além disso, a presença de becos e cul-de-sacs são comuns nas áreas residenciais, sendo esses espaços controlados pelos habitantes da vizinhança.

A organização das áreas residências advém de um sistema de organização territorial baseado em clãs, que mantém as casas de uma mesma família próxima tendo um pátio interno como espaço de convivência. As residências são organizadas voltadas para esse pátio interno e fechadas para o exterior, isso evidencia a importância de manter a privacidade e de proteger a residência e o espaço familiar da parte exterior.

Em suma, o traçado da cidade islâmica é influenciado pela religião e reflete os costumes e crenças do povo islâmico, sendo constituída de forma melhor para atender as demandas do cotidiano deles. A organização do espaço se dá por um sistema de composição celular, desde as residências às pequenas lojas que configuram os Suqs, o que gera uma forma orgânica tradicional nas cidades islâmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-HATHLOUL, S. A., Tradition, Continuity, and Change in the Physical Environment: The Arab-Muslim City. Unpublished Ph.D. Thesis, Department of Architecture, MIT, 1981.
- BIANCA, Stefano. Urban Form in the Arab World - Past and Present. Zurich: vdf, 2000.
- COSTA, Stael de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. Fundamentos de Morfologia Urbana. Belo Horizonte, Minas Gerais: C/Arte, 2015
- DINIZ, Mariana Pizzo; OLDONI, Sirlei Maria. Aproximações teóricas: morfologia urbana como instrumento de análise da evolução das cidades. Anais do 14º Encontro Científico Cultural Interinstitucional, v. 4, 2016.
- EICKELMANN, Dale. Is There an Islamic City? The Making of a Qumter in a Moroccan Town. International Journal of Middle East Studies. 1974, pp. 274-294.
- GODDARD, Cedrik Christopher. The Question of the Islamic City. 1999. Tese de Doutorado. McGill University Libraries.
- HAKIM, Besim Selim. Arabic Islamic Cities Rev: Building and Planning Principles. Routledge, 2013.
- HAMEED, Shabana. Evolution in the design of Islamic cities. 1991.
- LAMAS, José Manuel Rossano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. 2. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- LOGHOD, Janet Abu. Contemporary relevance of Islamic Urban Principles. In: GERMEN, Aydin. Islamic architecture and urbanism. Dammam: 1983. pp. 64
- MARÇAIS, William. L'islamisme et la vie urbaine. In: Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres, 72e année, N. 1, 1928. pp. 86-100;
- DE MELLO, Pedro Paulo Thiago. Mercadores de significados: O bazar como porta de entrada ao universo marroquino. 2004
- MONTEQUIN, François-Auguste de. The essence of urbanism existence in the world of Islamism. In: GERMEN, Aydin. Islamic architecture and urbanism. Dammam: 1983. pp.43
- OLIVEIRA, Tales Lobosco. Percursos e Redes Urbanas: uma Abordagem Morfológica do Espaço Urbano nas Cidades Árabes. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, v. 15, n. 2, p. 25-25, 2015.
- PICCINI, Andrea. Arquitetura do oriente médio ao ocidente: a transferência de elementos arquitetônicos através do Mediterrâneo ate Florença. São Paulo: Annablume, 2009. 159 p. ISBN 9788574199641.
- RAYMOND, André. La ville arabe, Alep, à l'époque ottomane: (XVIe-XVIIIe siècles). Presses de l'Ifpo, 2014.
- REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. In: Acta Scientiarum Technology, v.33, n.2, p. 123-127, Maringá, 2011. Disponível em: < http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Acta_Sci_Technol/article/viewFile/6196/6196>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- SAFE, Simone Marques de Sousa. Tradição e vida social na forma urbana da Kasbah dos Oudayas e Medina de Rabat. 2015.
- VON GRUNEBaum, Gustave E. Medieval Islam: a study in cultural orientation. [S. l.]: University of Chicago Press, 1946. 378 p. ISBN B007GAGRRC.

⁹ Its etymological connotations evoke the ideal of a peaceful environment protected from inappropriate intrusions (BIANCA, 2000, p. 74).

¹⁰ The individual sections and ramifications being separated and connected by interior gates that preserved the territorial integrity of the various sub-communities. Joining individual units, whether houses or clusters, was not a matter of loose juxtaposition but implied a structural assimilation which would step by step absorb and incorporate entire building blocks into the larger urban space (BIANCA, 2000, p.150).

Projeto DIST II a experiência em Campinas: uma escola de transformação para comunidades empreendedoras¹

AUTORES

Dr^a. Gabrielle Astier de Villatte Weatley Okretic
Arquiteta e Urbanista / Docente de Arquitetura e
Urbanismo na Fundação Ieducare e
Coordenadora do Programa de Pós- Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Inta-
UNINTA (Sobral-CE)

Dr^a. Laura Machado de Mello Bueno
Arquiteta e Urbanista / Docente de Arquitetura e
Urbanismo, PUC-Campinas

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão em relação às formas de atuação em conjuntos habitacionais recentes. Até que ponto são efetivas ações sociais no pós ocupação? Até que ponto ações comunitárias têm um efeito duradouro em programas habitacionais com problemas estruturais? Estas são algumas das perguntas, não com a pretensão de esgotar as reflexões ou o diálogo que decorrem delas, que nos mostram, de forma empírica, experiências em conjuntos habitacionais recentes de Campinas-SP.

Em decorrência de todos os problemas causados pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), tanto sociais como arquitetônicos e urbanístico, a CAIXA Econômica Federal lançou em 2013 um programa chamado DIST – Desenvolvimento Integrado Sustentável do Território. A seleção dos projetos contemplados acontece por meio de chamada pública e são contempladas instituições com experiência comprovada. Empresas privadas podem participar como parceiras estruturantes, como foi o caso da Demacamp em Campinas. A cidade de Campinas possui 3 grandes empreendimentos que foram realizados pelo PMCMV, e, por conta das dificuldades em relação à interação dos moradores com o lugar e a quantidade de reclamações recebidas, a cidade foi contemplada duas vezes pelo DIST. O DIST II inaugurará uma parceria na implementação, entre o Instituto Elos e a empresa Demacamp,² como executora e parceira estruturante respectivamente. Ambas participaram do DIST I, conseqüentemente possuíam um acúmulo de experiência, em virtude dos anos de trabalhos realizados no âmbito urbano social.

O contrato entre as entidades foi estabelecido com o Fundo Socioambiental da CAIXA com vigência prevista de 2016 até julho de 2018, porém, o projeto na prática, se estendeu até meados de agosto de 2018.³

O DIST II Campinas combinou a realização bastante detalhada da leitura integrada socioterritorial dos empreendimentos, com a mobilização social e intervenção nos mesmos, afinal, “é na escala local, e em particular intraurbana, que as reestruturações podem se fazer de modo mais completo” (SOUZA, 2016, p.107).

A segunda edição do DIST em Campinas teve como objetivo buscar a transformação dos residenciais a partir dos sonhos que os moradores têm para o seu bairro, fortalecendo o senso de comunidade por meio de cursos, oficinas, encontros, projetos comunitários, fomentando parcerias locais e na criação de oportunidades de integração entre os residenciais e a cidade de Campinas. Incentivando um processo de mobilização comunitária, apoiando os moradores a se tornarem agentes ativos na transformação do território, sendo responsável pela melhoria das condições urbanas, ambientais, econômicas, sociais, políticas e institucionais, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das famílias através da materialização de sonhos comuns utilizando a metodologia Elos³.

ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO PARA COMUNIDADES EMPREENDEDORAS

O nome Escola de Transformação para Comunidades Empreendedoras carrega em si múltiplos significados. A ideia de Escola tem a ver com aprendizado, mas a proposta do DIST II Campinas é que esse aprendizado aconteça “fora das salas de aula”, ou seja, nas ruas, espaços públicos ou comuns, trazendo o sentido de que todos temos algo a compartilhar, seja pelo o que aprendemos nas escolas, universidades, trabalhos, seja através de nossa própria história de vida. Todo momento é uma oportunidade de aprender e trocar saberes, algo bastante defendido na filosofia de Paulo Freire, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996 p. 25).

A palavra transformação sugere, através dessas trocas, que haja uma modificação, tanto no aspecto pessoal como no espaço em que as pessoas vivem. E, por fim, o termo comunidades empreendedoras propõe uma pró atividade que promova um protagonismo local, para que tais transformações se realizem permanentemente, tanto no bairro como na vida das pessoas de maneira

¹ Texto feito à partir da tese de doutorado de autoria de Gabrielle Astier de Villatte Weatley Okretic, defendida em fevereiro de 2020, intitulada “Áreas públicas em conjuntos habitacionais recentes: ações para fortalecer a auto-estima e concretizar o pertencimento ao lugar por meio do protagonismo dos moradores”, orientada pela professora Doutora Laura Machado de Mello Bueno.

² Instituto Elos (ELOS BRASIL) é uma organização sem fins lucrativos que trabalha com mobilização social desde 1999, tendo atuação em diversas localidades do país (e fora também), em diferentes contextos. É responsável pelo desenvolvimento de metodologia de mobilização comunitária inovadora, que foi aplicada no projeto aqui referido.

autônoma.

Escola de Transformação, funciona, metodologicamente, através de 3 formas que evoluem e permeiam todo o processo, operando de maneira transversal e simultânea para realização das atividades propostas pelas entidades. São elas:

Mobilização, Formação e Realização.

- A mobilização consiste em convidar pessoas, instituições para atuação de em conjunto para fazerem parte das atividades programadas e contribuir com ideias, vontades e recursos para os planos e ações desenvolvidas;

- A formação proporciona a troca contínua de conhecimento e experiências entre os participantes envolvidos e convidados externos um processo contínuo de construção coletiva de sonhos, planos e ações comunitários, uma prática, por assim dizer, conceitualmente freiriana no que tange a ação;

- A realização: é o que diz respeito a parte prática, o "fazer acontecer", a união dos saberes locais e os recursos disponíveis para alcançar os resultados em cada ação.

As ações aconteceram em 4 ciclos de aprendizagem que ocorreram cronologicamente de forma resumida em:

- Análise e conexão: que compreendeu o diagnóstico urbanístico, encontros e reuniões para o estabelecimento das primeiras parcerias;

- Mobilização e impulso: foram as visitas feitas nos bairros com a finalidade de reunir pessoas em torno de um sonho comum, apoiar a formação de grupos comunitários para a realização de projetos;

- Ação e formação: apoio realizado aos projetos comunitários e suas ações - essa etapa permeou todo o processo;

- Consolidação e avaliação: apoio a projetos selecionados em edital, assessorias técnicas especializadas, com a construção, o acompanhamento, o planejamento e avaliação dos projetos;

- ações comunitárias, uma prática, por assim dizer, conceitualmente freiriana no que tange a ação;

- A realização: é o que diz respeito a parte prática, o "fazer acontecer", a união dos saberes locais e os recursos disponíveis para alcançar os resultados em cada ação.



Figura 1 - Ilustração das tres formas integrativas da Escola de Formação. Fonte: Elos, Demacamp.

O DIST II CAMPINAS - ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO PARA COMUNIDADES EMPREENDEDORAS NOS 3 BAIRROS EM CAMPINAS

O Instituto Elos em conjunto com a Demacamp elaborou um cronograma de atividades para a Escola de Transformação visando à implementação de caráter tanto sustentável, quanto sustentado numa organização prévia de procedimentos estrategicamente visados para o sucesso das intervenções:

³Ainda que a sede da associação não faça parte das ações previstas no DIST, ela pôde acontecer devido a diversas ações realizadas durante a execução do projeto.

⁴Desenvolvida pelo Instituto Elos.

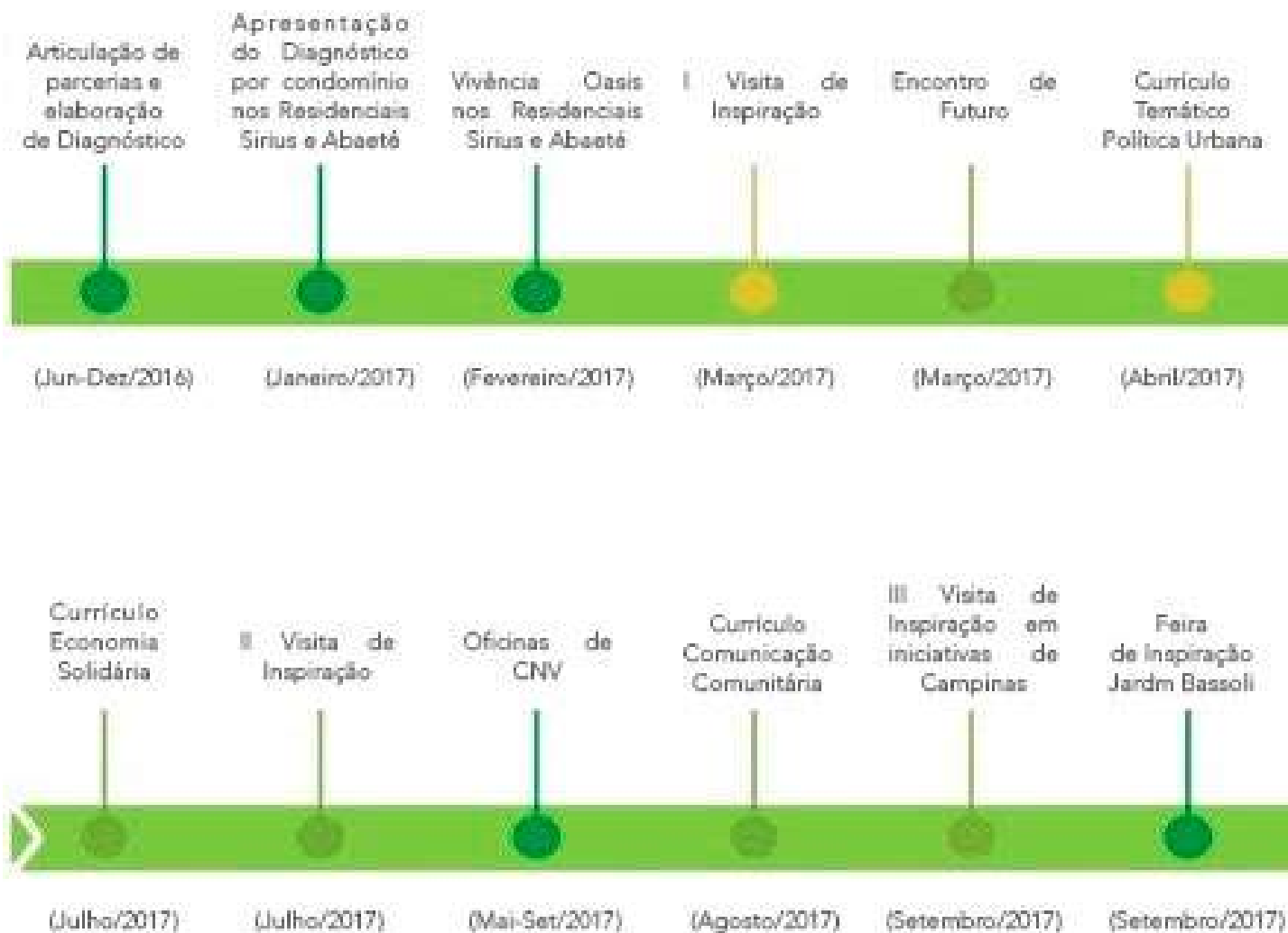


Figura 2 - Cronograma das atividades para os dois anos de Projeto / Fonte: Elaboração Francina Buonanotte, 2019.

O Diagnóstico urbanístico foi feito com a utilização de dados da Prefeitura Municipal, da Sanasa, Setec, Setrans, bem como visitas a campo, para a realização de uma leitura socioterritorial com o objetivo de realizar uma leitura técnica integrada do território (urbanístico, econômico, ambiental e social) dos residenciais, sua inserção na cidade e região. Após a finalização do diagnóstico foram feitas apresentações em cada condomínio, para fins didáticos, tanto para que os próprios moradores, técnicos e outros agentes, conhecessem mais o bairro e suas potencialidades, como para validar as informações neles contidas. Essas apresentações foram realizadas em janeiro de 2018. Nesse sentido, através do conhecimento técnico do território os agentes técnicos e os moradores puderam se conscientizar da dimensão da territorialidade que

[...] se manifesta en todas las escalas, desde las relaciones personales y cotidianas hasta las más complejas relaciones sociales. Ella se fundamenta en la identidad y en la presencia de un valor cultural que resiste a la reapropiación del espacio, de base territorial. La malla territorial vivida es una manifestación de las relaciones de poder, de la oposición de lo local a lo universal [...]
(JÁUREGUI, 2012, p. 33)

No tocante às articulações estratégicas, foram realizados contatos e reuniões com diferentes instituições para a apresentação da Escola de Transformação. Dentre as instituições de caráter público e privado que foram contatadas e firmaram algum tipo de parceria, destacam-se: a Fundação Educar DPaschoal⁵, a FEAC⁶ e a Rede Minha Campinas.

As instituições de esfera pública constatadas no âmbito municipal foram as Secretarias Municipais: de Habitação, de Trabalho e Renda, Esporte e Lazer, de Cultura, de Convênios, de Gestão e Controle e de Serviços Públicos, bem como a Cohab Campinas, através do corpo de assistentes sociais responsáveis pelo TTS nos bairros, dentre outras. Algumas das Secretarias sinalizaram a possível parceria, porém nem todas efetivaram de fato. Merece destaque aqui a parceria realizada com os Correios por meio de doações de roupas e acessórios para um dos grupos de artesanato apoiados pela Escola de Transformação, no Jardim Bassoli.

No âmbito federal foram realizadas articulações com o Ministério Público Federal, devido aos TACs (Termos de Acordo e Compromisso) existente nos três bairros, inaugurando um diálogo entre o promotor público, os moradores dos residenciais as Secretarias Municipais de Convênios, de Gestão e Controle, de Serviços Públicos e

⁵ Criada em 1989, a Fundação Educar DPaschoal é o investimento social privado da Companhia DPaschoal. (<http://www.educardpaschoal.org.br/>). A fundação apoiou o envolvimento de mais de 100 jovens para o mutirão da Vivência Oasis no Jardim Bassoli.



representantes do DIST II Campinas, com a finalidade de

“negociar os termos firmados e os interesses dos moradores, para viabilizar o cumprimento das obrigações legais e sociais assumidas pelo poder público municipal, e pelo setor privado, na forma das incorporadoras responsáveis” (ALESSIO, 2017, p. 156.)

Até a presente data, final do semestre de 2019, mais de um ano após a conclusão do projeto, esse diálogo se mantém. Alguns avanços foram alcançados, como por exemplo, a efetivação da construção do centro de saúde no Jardim Bassoli, e a determinação da implantação, por parte da construtora, do sistema de lazer 1 do Abaeté.

Outras parcerias realizadas foram com algumas instituições locais de ensino básico e superior, destacando a Escola Veredas,⁹ alguns grupos e laboratórios da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)¹⁰ e da PUC-Campinas¹¹.

Hoje alguns desses contatos derivaram-se em ações periódicas de envolvimento contínuo, como é o caso do grupo PET (Programa de Educação Tutorial)¹² no Residencial Sirius, que auxilia a pensar em formas de reorganização projetual dos comércios em torno

do residencial. Durante todo o processo as parcerias buscaram ser coadunadas com a ideia de redes de tecnologia social consistindo em

“[...] uma rede democrática, dialógica, inclusiva e que, ao influenciar o processo de elaboração de políticas públicas, fomentar e articular diversos agentes de desenvolvimento em ações complementares e sustentáveis, ela contribua para o enfrentamento do problema social brasileiro.” (FONSECA & SERAFIM, 2010).

As apresentações dos diagnósticos realizados em cada bairro já deram algumas pistas sobre o que os moradores gostariam que fosse feito no bairro. Tanto no Abaeté como no Sirius a carência de espaço de lazer para jovens e crianças, e a ausência de atividades para idosos foram bastante enfatizadas. Porém, foi durante a Jogo Oásis que foram delineadas as propostas de ação, bem como selecionados os lugares viáveis para a intervenção feita em mutirão.

EVENTOS DA ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO

Não descreveremos aqui todas as atividades realizadas no âmbito da Escola de Transformação, mas focaremos no Jogo Oasis, que foi um dos pontos altos do projeto.

O JOGO OÁSIS

O Jogo Oásis compreende 7 passos ou disciplinas, conforme a imagem abaixo, correspondendo ao núcleo mobilizador da metodologia Oásis, que são: o olhar, o afeto, o sonho, o cuidado, a mão na massa (realização), celebração e re-evolução. Cada passo desses é feito através de atividades que propõem uma mudança na percepção pessoal e do mundo. Trata-se de ferramentas e metodologias participativas para se construir o caminho que será trilhado e, ao fim, a concretização da ação efetiva no território.

A Vivência no Residencial Sirius foi realizada concomitantemente com a vivência na Vila Abaeté, tendo iniciado as suas atividades no final do mês de janeiro de 2017. No Sirius, participaram no total de toda a vivência 20 pessoas, e no Abaeté cerca de 30 pessoas.¹³ Nos mutirões (ou encontros abertos), houve a participação de cerca de 200 pessoas em cada bairro.

No mês seguinte, no início do mês de maio de 2017, ocorreu a Vivência no Jardim Bassoli, que contou com a participação de 24 pessoas, dentre elas, colaboradores de organizações sociais,¹⁴ moradores dos residenciais, profissionais interessados em conhecer a metodologia e estudantes de Campinas e região. Os encontros abertos tiveram maior número de participantes, pois contou com um final de semana a mais de mutirão, em comparação



Figura 3 - Passos do Jogo Oasis/ Fonte: Instituto Elos, s/d.

com os outros bairros¹⁵.

Cada passo da Filosofia é vivenciado através de dinâmicas que buscam trazer sentido para aquele momento. O primeiro passo, o **OLHAR**, trata-se da busca de exercitar uma nova postura do sentido sensorial da visão, despertando o olhar da abundância, ou seja, um olhar positivo e apreciativo do empreendimento, de si mesmo, do entorno, dos espaços ao redor e do bairro. Para isso, foram utilizadas atividades que combinam a percepção sensorial, para encorajar “novas” ou “diferentes” formas de ver o território, desfazendo-se da maneira convencional, que reproduz um olhar “desatento”, ou atento apenas aos problemas.

Os participantes são encorajados a identificar os recursos locais reconhecendo as belezas existentes no bairro, desde as coisas mais sutis, como texturas, cheiros, cores, enfeites e flores, às mais complexas ou abrangentes, como alguma atividade realizada em coletivos no momento flagrado de observação: crianças brincando, ou alguma atividade outra. Esta percepção das qualidades e do reconhecimento dos talentos pessoais e locais, bem como dos recursos disponíveis, serão essenciais para as etapas posteriores. Trata-se portanto de atingir fins éticos e políticos mediante uma ocupação prévia com dimensão estética, entendendo-a como

[...] lo que “existe con”, a lo que mantiene junto, a lo que hace lazo entre los cuerpos. La pulsación del cuerpo incide en el acto proyectual desde la formulación de ideas y croquis iniciales como interacción entre la interpretación de la estructura del lugar y el procesamiento de las demandas hasta la transformación en configuraciones volumétrico-espaciales, con elaborado tratamiento formal de la relación interior-exterior [...] (JÁUREGUI, 2012, p. 73)

No momento subsequente ao passo do olhar, os participantes foram encorajados a estabelecer algum tipo de conexão através do **AFETO** com os moradores daquelas comunidades. Além das belezas e dos recursos, buscou-se quem está por trás deles, ou seja, das histórias que existem para ser contadas no território. Foi através desse passo que as pessoas motivam-se a conhecer os talentos e as histórias dos moradores que compõem aquele bairro. Para que isso aconteça, os participantes do Jogo são encorajados a conversar com os moradores sobre os seus sonhos e, assim, conectarem-se com o passo seguinte, que é justamente a identificação de sonhos coletivos para o bairro.

Nesse momento foram criados espaços para que as pessoas pudessem se expressar e imaginar, livremente, o que julgariam desejável acontecer para que o bairro se tornasse melhor para se viver.

¹⁵ A Rede Minha Campinas é uma rede de pessoas, moradoras de Campinas, conectadas e engajadas na construção de processos mais participativos nas tomadas de decisão de interesse público da cidade. Por meio de mobilizações e fomento a comunidades de ação, utilizam de tecnologias sociais e digitais de forma estratégica, criativa e humana. (<https://www.minhacampinas.org.br/>) Integrantes da Rede se fizeram presentes na Vivência Oasis no Residencial Sirius e em oficinas comunitárias.



OS A
ASSA,
para
o que
ntos

Conhecer as histórias existentes por trás das pessoas, pode fazer com que nos aproximemos dos processos coletivos, os humanizando, diminuindo as distâncias que existem entre os moradores, os técnicos, ou os participantes vindos de fora. Todo mundo tem uma história e todos têm algo a ensinar com elas.

Uma das formas de construção do conhecimento acerca de um determinado local e sua dignidade, é a construção de sua história, e uma das maneiras de fazer isso é construindo a história a partir dos seus moradores.

“E uma coisa que todo mundo sabe é dasua história. Agora, quando você conta a sua história escutando a história de outros, aí você percebe a História - com”H”maiúsculo...” (FREIRE e BETO, 1985, p. 84, 85).

No que Freire e Beto chamam de Metodologia Dialética, o ponto de partida não é o saber do educador, que no caso aqui seria o saber puramente dos técnicos, mas sim da prática social dos educandos” (1985, p. 77). Nesse sentido, toda leitura é sempre a partir da realidade do sujeito e do contexto em que se encontra.

“O aprendizado comum, que liga teoria e práxis, só se dá a partir da realidade coletivamente refletiva” (1985, p. 77).



Figura 4 – Árvore dos Sonhos elaborada no Residencial Jd. Bassoli/ Fonte: Acervo Elos Demacamp, 2017.

Ao ouvir as histórias das pessoas, valoriza-se o conhecimento da comunidade acerca de sua realidade: a história de vida de cada pessoa tem a mesma importância. A memória, portanto, pode ser considerada um processo vivo, passível de renovada construção.

O conhecimento das histórias e dos anseios pessoais sobre o lugar onde se vive, permite identificar o Sonho, ou os sonhos comuns ou coletivos. Durante esse passo, os moradores são encorajados a elaborar a árvore dos sonhos da comunidade, um conjunto de projeções factíveis que receberão a atenção coletiva para sua realização.

Nesse momento emerge o caráter utópico com mais força, o forjamento da utopia como alternativa de modulação mental, devendo necessariamente diferenciar o caráter dessa alternativa, pois não se trata de uma utopia “sem objetivos definidos”, mas sim portadora projetiva de “reconstrução com uma finalidade” (MUMFORD, 2007, p.23).

Dentro do passo do SONHO cabe destacar o protagonismo das crianças nos três bairros. Quando se fala em sonhos, algo que parece ser bem distante em muitas pessoas, percebemos que as crianças se conectam muito mais facilmente com a proposta de sonhar.

Cada comunidade desenha a sua própria árvore dos sonhos e a partir dela, em reunião comunitária são eleitos aqueles que serão levados a cabo durante os dois dias de mutirão em fase posterior. Esse é o passo do CUIDADO, que busca, planejar (o que e como será realizado) e promover a administração das expectativas, para que nem aquelas que não são imediatamente alcançáveis, nem as alcançáveis que por ventura resultem em insucesso, desanimem os participantes para realização de ações futuras.

⁸Ainda que existente nos 3 bairros, foram levados ao MPF os casos do Jardim Bassoli e do Vila Abaeté.

⁹Escola com a filosofia Waldorf. Realizou ações pontuais, como oficinas na praça realizada no Sirius, envolvendo alunos, professores e moradores.

No passo do Cuidado, maquetes/projetos são confeccionados coletivamente com os participantes e se discute, junto à comunidade, qual o local mais adequado para ser feita a intervenção no bairro, e também são levantadas possíveis parcerias para realização do mutirão, como doações de materiais, recursos e talentos disponíveis. Aqui os participantes visualizam o que será construído coletivamente. Nesse passo também se separam previamente algumas frentes de trabalho para cada atividade que está sendo planejada.

Nessa etapa acontece o Encontro de Projeto, que consiste no momento de definição das prioridades que serão executadas em dois dias de mutirão, trata-se do momento exato em que se busca encontrar o melhor

local para fazer a intervenção.

Portanto, é nessa ocasião que se abre o espaço para que haja novamente uma interação criativa entre os participantes da vivência e a comunidade, ao apoiar ou rejeitar a expressão dos sonhos para o bairro e seu local de efetivação.

Esses encontros promovem grandes aprendizados para todos, uma vez que exige o exercício de escuta, da compreensão de opiniões divergentes, a busca por consenso nos temas polêmicos e integração das atividades que atingem a diversidade nos grupos etários da comunidade, bem como, o desapego a certas opiniões e vontades individuais que não contemplam o coletivo.

CUIDADO

Maquete 1 - Espaço do campo



Figura 5 - Maquete feita pelos moradores do Residencial Sirius/ Fonte: Elos, DEMACAMP, 2018.

Durante todo o passo do Cuidado, os participantes são convidados a pensarem não apenas no que será feito, mas no como será feito o que foi pensado e planejado, portanto são encorajados a colocarem à disposição os seus talentos, e a buscarem formas para conseguir os recursos materiais para concretização dos sonhos elaborados. Nesse momento os participantes se dividem em grupos e se mobilizam para conseguir doações de lojas de materiais de construção, mudas de árvores, alimentos para serem feitos no dia do mutirão, entre outras coisas indispensáveis para o sucesso do empreendimento, dessa forma a associação entre os agentes envolvidos

promove a organização que “[...] é uma estruturação estratégica da ação coletiva que visa oferecer soluções específicas para concretização de objetivos do grupo social” (DIAS, 2011, p. 4). As três comunidades se mostraram bastante proativas nesse processo, conseguindo tintas, doação de alimentos, plantas, entre outras coisas. O projeto dispunha de um recurso financeiro destinado para este fim, que serviu para a compra de madeiras, algumas mudas específicas, sombrite, brinquedos infantis e equipamentos de academia de ginástica¹⁶. Para cada bairro, a captação de recursos se deu utilizando uma estratégia diferente, no Sirius, por exemplo, implementou-

¹⁶Através da disponibilização de maquinário, ferramentas e pessoal da Oficina Desafio do Museu Exploratório de Ciências para a realização dos mutirões comunitários durante a Vivência Oasis no Vila Abaeté e no Residencial Sirius. Além da Oficina Desafio o Laboratório Fluxus, se colocou à disposição para apoiar moradores do Jardim Bassoli, que trabalham como catadores de resíduos, na estruturação de iniciativas para a gestão de resíduos.

-se um bazar para arrecadação: com roupas, acessórios e sorteio de rifas. Destacaram-se alguns colaboradores como a Fundação FEAC, que apoiou através da contratação do serviço de manutenção das telhas da quadra do Jardim Bassoli, aluguel de andaime e disponibilização de duas caçambas para recolhimento do entulho. A Prefeitura Municipal de Campinas fez a limpeza do lixo que estava nos arredores da quadra do Bassoli. Foi doada uma faixa com o nome de todos os colaboradores na doação de materiais de construção para o Bassoli, de forma a prestigiar os doadores de materiais que contribuíram.

Para a efetiva implementação do projeto no residencial Sirius houve a doação de mais de 300 mudas por parte do escritório de paisagismo Novaes, tendo como doadora Renata Novaes, e também ocorreu a captação de uma amarelinha e um pula-pula feitas de pneus, doações da empresa Arte em Pneus.

Em todos os residenciais, moradores se mobilizaram para o empréstimo de ferramentas que foram devidamente organizadas e etiquetadas com o nome da pessoa e de seu respectivo condomínio, para facilitar a posterior devolução de todas.

No entanto, o passo do cuidado não se circunscreveu às elaborações de sonhos, projetos de maquetes, administração das expectativas e captação de recursos materiais e imateriais para implementação dos empreendimentos. Junto à Companhia das letras foram arrecadados cerca de 150 livros, doados, que foram distribuídos entre os 3 residenciais em momento posterior. Atualmente os livros são utilizados em projetos específicos e cuidados por grupos das próprias comunidades.

Após toda a captação dos recursos necessários materialmente e imaterialmente para que os projetos venham a cabo, passa-se ao Milagre, ou mão na massa. Ao longo dessa etapa os participantes são convidados a chamar mais moradores e outros possíveis parceiros voluntários, para ajudarem na concretização do Sonho coletivo, através de um mutirão que dura um final de semana. Estes são os chamados "eventos abertos", pois qualquer pessoa, mesmo que não tenha participado de nenhuma atividade prévia, pode participar. No início do mutirão são compartilhadas as atividades que, por sua vez, são divididas em frentes de trabalho: as pessoas escolhem onde querem participar, mas com a flexibilidade de poder participar de qualquer frente quando quiser.



Figura 6 - Foto da fabricação de brinquedos durante o mutirão no Residencial Sirius/ Fonte: Elos, DEMACAMP, 2017.

Os mutirões no Sirius e no Abaeté puderam contar com o apoio e participação do Caminhão do Desafio da Unicamp, na utilização de ferramentas para a construção dos mobiliários e de brinquedos para as crianças. No Espaço Comunitário do Sirius foram feitos: mobiliário móvel com bancos, floreiras, mesinhas, mesa de piquenique e armários para livros e brinquedos.

Em todo o processo estimulou-se uma forma criativa de lidar com as situações, um convite para que os 7 passos do Jogo Oásis estivessem permanentemente presentes, mas não necessariamente seguindo uma ordem gradativa e coordenada. De tal modo que, a todo o momento, mediante o processo de enxergar as potencialidades, mesmo naquilo que está disperso e desmembrado pelo espaço, pudesse se dar espontaneamente o Olhar da abundância, a elaboração do Sonho, o despertar do Afeto, a conduta mobilizadora do Cuidado e a realização de um "Milagre". De maneira que, um dos participantes da vivência no Sirius, com a ajuda de um morador e inspirado pelo desafio de atender o desejo das crianças construiu, a partir de materiais que encontrou na própria comunidade, uma mesa de pebolim, utilizando cabos de vassoura e sacos de rede de frutas, como relata em depoimento.



Figura 7 - Foto da mesa de pebolim realizada durante o mutirão do Sirius/ Fonte: Elos, Demacamp, 2017

Após a finalização de cada mutirão, o passo seguinte é a Celebração que, como o nome sugere, comemorou aquilo que foi realizado durante os dias de trabalho em conjunto, correspondente ao sexto passo da metodologia Oásis. Em cada comunidade este passo aconteceu de acordo com os talentos de cada residencial, resultando em eventos de naturezas diferentes.

Após a Celebração, o sétimo e último passo da metodologia é a chamada **RE-EVOLUÇÃO**, que corresponde ao momento em que são planejados os próximos passos do processo de mudança na comunidade. Levando em consideração que o Jogo Oásis leva um tempo relativamente curto para ser implementado, as concretizações foram acima das expectativas, considerando as perspectivas naturais para as realizações de projetos com tamanha magnitude. Justamente nesse momento, os moradores dos residenciais foram convidados a impulsionar novas ações, a partir das experiências vividas e apreendidas, se questionando novamente e coletivamente, sobre os desejos comuns para o bairro. Novos grupos foram formados de acordo com os interesses pessoais para o planejamento de um novo ciclo de realizações. Para isso foram organizadas metas de curto, médio e longo prazo, que correspondem a ações que idealmente ocorreriam respectivamente dentro de um, três meses e doze meses.

A Revolução do residencial Sirius projetou, dentre as atividades a serem realizadas no prazo de um mês: a preparação de um terreno para uma horta comunitária; formação de uma composteira; a realização de atividades com crianças e jovens no espaço comunitário; a realização de encontros para pensar estratégias de mobilização comunitária; plano de atividades; realização, no Espaço Comunitário, de uma festa de Carnaval, destinada às crianças e; promover encontro com Associação de Comerciantes. Dentre as atividades inicialmente planejadas, algumas foram feitas: a festa de carnaval para as crianças, encontro com a associação de comerciantes e atividades com crianças no espaço comunitário, que

hodiernamente ainda acontecem, sendo promovidas por moradoras do residencial.

As atividades planejadas para serem realizadas a médio prazo eram: fazer o levantamento sobre as informações do TAC; realização de oficinas culturais e esportivas; sessões de filmes e animações com rodas de conversa (Cine Sirius); iniciar a área de lazer; buscar alternativas para regularização dos comércios; formação da Associação de Moradores e; agenda comunitária de ações e projetos. Destas ações, algumas se efetivaram, mas não exatamente da forma planejada, nem envolveram necessariamente as pessoas que inicialmente se comprometeram no dia da Re-evolução, extrapolando o prazo de 3 meses.

Uma das concretizações, que foi realizada após a finalização do projeto, foi implantação de uma área de lazer, feita em mutirão por iniciativa de um morador do condomínio A2 que, após o curso Equipes Transformadoras de lideranças comunitárias, sentiu-se impelido a fazer coisas pelo bairro e com os moradores.

A longo prazo a pauta era: a consolidação de projetos comunitários; a consolidação da área de lazer com quadra poliesportiva; a regularização dos comércios e capacitação dos comerciantes; avançar na agenda de políticas públicas para o bairro (saúde, educação, cultura e esporte) e; a construção de uma creche comunitária. Dessas ações, algumas ainda acontecem, como o engajamento de parte da população na agenda de políticas públicas para o bairro, organizou-se grupos de whatsapp criados para fortalecer o engajamento, a comunicação e a articulação entre os moradores.

PRINCIPAIS RESULTADOS DOS PRIMEIROS MUTIRÕES NOS BAIRROS



Figura 8 – Foto atual, fruto do resultado no Espaço Comunitário no Sirius/ Fonte: Autora, 2019.

¹³Entre colaboradores de instituições públicas e organizações sociais, moradores dos residenciais, profissionais interessados em conhecer a metodologia e estudantes.

¹⁴Como a Fundação FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas) e da Fundação Educar DPaschoal

¹⁵Como mencionado, o Bassoli contou com a participação de 100 jovens da Educar DPaschoal que participaram do passo "mão na massa", tendo um final de semana a mais de mutirão.

Na vivência Oásis no Sirius, durante o mutirão, ocorreu uma intervenção/revitalização no espaço comunitário, como a construção de mobiliário urbano de madeira móvel, biblioteca e brinquedoteca (com livros doados e brinquedos criados no mutirão), pintura do piso e das paredes (espaço para projeção de cinema ao ar livre e/ou apresentações), desenvolvimento de jogos, além do paisagismo e plantio, tanto de mudas de arbustos, quanto de ervas aromáticas. Posteriormente foi instalado um sombrite com o intuito de melhorar a qualidade ambiental e deixar o espaço mais agradável durante o dia, para diminuição da incidência do sol. As intervenções no espaço comunitário do Sirius motivaram a posterior construção de uma sede dos comerciantes locais, com um banheiro para que a comunidade pudesse utilizar durante os eventos no espaço.

A Escola de Transformação promoveu a criação de espaços comunitários de forma colaborativa e a entrada do Projeto nos bairros, gerando a possibilidade de abertura de espaços de diálogos, onde os moradores puderam se conhecer e começar a estabelecer diálogos que, possivelmente, não aconteceriam se não houvesse tal incentivo e fomento de um ambiente propício a essa finalidade. Percebemos em algumas falas de moradores, um certo despertar de colaboração, um resgate de um espírito cooperativo que talvez estivesse adormecido quando se mudaram para o novo empreendimento. Os encontros promovidos fizeram com que vínculos fossem estabelecidos.

“Comunidade é isso: um ajuda o outro. Enquanto um morador troca as plantas de lugar por conta do Sol, outra moradora faz a rega das plantas”. (Antônio Carlos Santos, morador do Sirius)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No total foram contabilizadas mais de 200 pessoas nos mutirões nos residenciais Sirius e Abaeté e mais de 300 pessoas nos mutirões do Bassoli. Para além de questões numéricas, as vivências nos residenciais promoveram espaços de encontros e trocas fazendo com que as pessoas do mesmo condomínio e até de condomínios ou lugares completamente diferentes, pudessem se aproximar e criar algum tipo de vínculo. A partir dessas trocas foi possível também a entrada da equipe técnica nos bairros, de forma a ter mais credibilidade e confiança dos moradores, uma vez que perceberam que o projeto estava ali para o benefício da própria comunidade. Uma das falas mais marcantes em uma das primeiras reuniões no Sirius, que teve consonância com outras falas parecidas de pessoas do Bassoli, foi no sentido dos moradores expressarem o sentimento de se estarem esquecidos, que foram “jogados” e que não estavam sendo atendidos pelo Poder Público no que tange aos seus direitos.

Dessas vivências derivaram grupos formados por interesses comuns e incentivados a elaborarem juntos projetos, que seriam impulsionados pela Escola de Transformação¹⁷.

No tocante à experiência exposta podemos trazer a reflexão se experiências como esta tem um efeito duradouro de fato. O tempo limitado de dois anos de projeto demonstra que não há de fato uma vontade política numa continuidade de acompanhamento dessas comunidades. Se por um lado essas famílias foram assistidas como nunca haviam sido antes, por outro lado nos colocamos a refletir até que ponto essas ações vão mudar a vida dos moradores substancialmente. Essa é uma resposta que apenas os próprios moradores poderiam dar, e mesmo que alguns digam que sim, foi uma parcela muito pequena que participou do projeto. Não querendo ser pessimista quanto a esse tipo de ação nas comunidades, mas acreditamos que trabalhos que tem como meta uma transformação efetiva na vida dos beneficiários deveriam ser pensados para, no mínimo, quatro anos, e ainda sim, serem contratados os próprios moradores como agentes comunitários para mobilização dos seus bairros.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não seria possível sem o fundamental apoio da DEMACAMP e do Instituto Elos, além do apoio da CAPES: PROSUP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida: Editora Cultrix, São Paulo. 1996,
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, Diagnóstico Urbanístico dos Empreendimentos do Minha Casa Minha Vida. Campinas. 2016/7.
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, GUIA DE REFERÊNCIA: Implementação de Projetos DIST, 2016
- DIAS, E. C. E CASTELO A. M. 'O Minha Casa Minha Vida quatro anos depois', Conjuntura da Construção SindusCon-SP e Fundação Getúlio Vargas- FGV. março 2013.
- ESTATUTO DA CIDADE, Artigo 2, Lei 10.257/2001.
- FERREIRA, J. S. W. Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano. São Paulo: FUPAM, 2012.
- GONÇALVES, R. e .CASTELO. A. M. 'A dinâmica setorial no período 2007-2011', Conjuntura da Construção. SindusCon-SP e Fundação Getúlio Vargas- FGV, Setembro 2013.
- MARICATO, E. (2011) O impasse da política urbana no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- HARVEY, David. A justiça social e a cidade. São Paulo: HUCITEC. 1980. Le Capitalisme contre le droit à la ville: Néolibéralisme, urbanisation, résistances. Éditions Amsterdam, Paris. 2011.
- OKRETIC, Gabrielle Astier de Villatte Wheatley. Áreas públicas em conjuntos habitacionais recentes: ações para fortalecer a auto-estima e concretizar o pertencimento ao lugar com o protagonismo dos moradores. Tese – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020.
- RIBEIRO, Wagner Costa. Impactos das mudanças climáticas em cidades no Brasil. Parcerias Estratégicas, Brasília, n.27. 2008.
- SINGER, A. Os sentidos do lulismo: Reforma Gradual, Pacto Conservador. Companhia das Letras, São Paulo. 2012.
- SPECK, B. W. CERVI, E.U. Dinheiro, Tempo e Memória Eleitoral: Os Mecanismos que Levam ao Voto nas Eleições para Prefeito em 2012 Dados vol.59 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2016 (disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201671>)
- INSTITUTO ELOS, Manual do Participante: Vivência Oásis. S/ data.

Por uma definição de mito, ordem e origem em Lina Bo Bardi: a noção de origem

AUTORA

Dr^a. Vera Santana Luz
Arquiteta e Urbanista / Docente e Pesquisadora
do Programa de Pós - Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, PUC-Campinas

RESUMO

Este artigo se baseia no pressuposto de duas chaves de leitura - as quais denominamos respectivamente **Mito da Ordem** e **Mito da Origem** - para o entendimento da obra da arquiteta **Lina Bo Bardi**. Mito da Ordem se refere a um núcleo pitagórico-platônico que apresenta um certo grau de persistência no pensamento arquitetônico ocidental incluindo o Movimento Moderno. Mito da Origem compreende a ideia recorrente, também presente no Movimento Moderno, de uma arquitetura primordial e originária que pudesse conter os princípios genuínos dos quais as arquiteturas subsequentes deveriam se remeter como garantia de autenticidade. Neste texto discutiremos a premissa que denominamos Mito da Origem.

A NOÇÃO DE ORIGEM EM LINA BO BARDI

Definimos **Mito da Origem** como a relativa permanência da ideia de um tempo circular onde se funda, a cada vez, se revive e atualiza, de tempos em tempos, uma origem ideal e paradigmática, exemplar, por vezes remetida à própria ideia que se tenha da criação do mundo, do primeiro homem, da primeira arquitetura. Tomamos a palavra 'original' no sentido de exemplo inicial e modelar. Esse ato pode estar singularizado na fundação de uma cidade, na construção de um templo ou de uma casa. Assim, a primeira casa do homem, idealizada e originária, seria o paradigma genuíno de todas as demais casas. Mircea Eliade (1992, p. 36) demonstra que essa ideia de tempo circular e origem ideal é recorrente nas culturas primitivas, vislumbrando uma Idade do Ouro inicial. Tempo circular evidentemente é uma ideia contrária à de evolução como progresso contínuo e infinito, em tempo linear. Propomos que, paralelamente à noção de progresso ilimitado que fundamenta o pensamento moderno deste a Revolução Industrial - e estamos aqui sob a ótica particular da arquitetura -, exista uma certa permanência da ideia de Origem, da procura de modelos ideais e originários, o que se costumou chamar de 'cabana

primitiva', arquétipo buscado recorrentemente por muitos arquitetos em diversas épocas e evidentemente inatingível, posto que ideal (Rikwert, 1974).

Mircea Eliade apresenta a ideia do Mito do Eterno Retorno a partir de uma concepção ontológica primitiva onde:

Um objeto ou um ato torna-se real apenas enquanto serve para imitar ou repetir um arquétipo. Assim, a realidade é alcançada unicamente por intermédio da repetição ou da participação; tudo o que carece de um modelo exemplar é "insignificante", isto é, está destituído de realidade. Desse modo, os homens demonstram uma tendência no sentido de se tornarem arquetípicos e paradigmáticos. Essa tendência pode até parecer paradoxal, no sentido de que o homem de uma cultura tradicional se vê como uma pessoa real apenas até o ponto em que deixa de ser ele próprio (para um observador moderno), satisfazendo-se com a imitação e a repetição dos gestos de outro. (ELIADE, 1993, p. 37-38)

Jung apresenta uma definição sumária de alguns aspectos dessa noção de Origem; à parte do que Jung possa deixar entrever de seus compromissos ideológicos um tanto tendenciosos com respeito ao mundo comunista e do que possa chamar de "nossa superioridade" na qual absolutamente não nos sentimos incluídos, pensamos que essa definição seja aplicável, em certos termos, ao ideário político de arquitetos modernos de visão socialista:

O mundo comunista, é fácil notar, tem um grande mito (a que chamamos ilusão, na vã esperança de que a nossa superioridade de julgamento vá fazê-lo desaparecer). Este mito é um sonho arquetípico, santificado através dos tempos, de uma Idade do Ouro (ou Paraíso) quando haverá abundância para todos e um grande chefe, justo e sábio, reinará dentro de um jardim de infância humano. Este poderoso arquétipo,

na sua forma pueril, apoderou-se do mundo comunista e não é porque nos opomos a ele, com a superioridade do nosso ponto de vista, que há de desaparecer da face da Terra. Nós também o alimentamos com a nossa infantilidade, pois nossa civilização ocidental está dominada pela mesma mitologia. Inconscientemente, acalentamos os mesmos preconceitos, as mesmas esperanças e expectativas. Também nós acreditamos no Estado da Providência, na paz universal, na igualdade do homem, nos seus eternos direitos humanos, na justiça, na verdade e (não proclamemos alto demais) no Reino de Deus sobre a Terra. (JUNG, 1964, p. 85)

Nossa premissa parte da consideração de que o abandono da Europa por Lina Bo Bardi após a II Guerra Mundial, em fins da década de quarenta, e a 'adoção' refletida da nacionalidade brasileira parecem ser também como que um desejo de participar da construção de um mundo novo, tendo como bagagem um conhecimento estruturado desde sua formação na Universidade de Roma, a noção ampla da tratadística e da tradição artística ocidental, a atualidade sobre o ideário do Movimento Moderno na Europa, o trabalho em publicações, a experiência de participação em atividades de reconstrução no pós-guerra e seu possível envolvimento político na Resistência articulados a uma visão límpida e despreconceituada de um país com novas possibilidades, onde a arquitetura moderna iniciara por se configurar e a Natureza, presente, indicava um mundo por se fazer.

Para utilizarmos os conceitos de Mito da Ordem e Mito da Origem, convém refletir sobre o significado do termo mito. A palavra 'mito' possui uma possibilidade de definição extensa. Muitos autores discutem a relação entre mito e pensamento a propósito dos estudos dos primeiros filósofos, dos pré-socráticos, a Platão e Aristóteles, por vezes defendendo a primazia do mito sobre o pensamento, até certo momento da História da Filosofia (CHAUÍ, 2002). Platão utiliza a narração de mitos em seus diálogos como dispositivo literário cuja interpretação diverge autores em considerá-los apenas como recursos poéticos ou parte do conteúdo propriamente filosófico, ou seja, uma forma de conhecimento. Entre esses mitos podemos citar o Mito da Caverna e o Mito de Er ou da Reminiscência, na República, o Mito de Eros no Banquete e o Mito das Idades do Mundo, no Timeu (PLATÃO, 1965, 1979, [s. n.]).

Jung estabelece uma relação possível entre a origem do mito e a forma de pensamento contemporânea:

A origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provocava nos ouvintes. Esses contadores não foram gente muito diferente daquelas a quem gerações posteriores chamaram poetas ou filósofos. [...] Em épocas recuadas, enquanto conceitos instintivos ainda se avolumavam no espírito do homem, a sua consciência podia, certamente, integrá-los numa disposição psíquica coerente. Mas o homem "civilizado" já não consegue fazer isto.

Sua "avançada" consciência privou-se dos meios de assimilar as contribuições complementares dos instintos e do inconsciente. Estes meios de assimilação e integração eram exatamente, os símbolos numinosos tidos como sagrados por um consenso geral. [...] Hoje, por exemplo, fala-se de "matéria". Descrevemos suas propriedades físicas. Procedemos a experiências de laboratório para demonstrar alguns de seus aspectos. Mas a palavra "matéria" permanece um conceito seco, inumano e puramente intelectual, e que para nós não tem qualquer significação psíquica. (JUNG, 1964, p. 90-95)

Campbell, em um breve apanhado a respeito da função do mito tradicional enquanto modelo e um possível paralelo contemporâneo, pontua em algumas passagens que:

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservaram, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá que produzi-los por sua conta. (CAMPBELL, 1990, p. 4)

O fato é que, numa cultura que tenha se mantido homogênea por algum tempo, há uma quantidade de regras subentendidas, não escritas, pelas quais as pessoas se guiam. Há um ethos ali, um costume, um entendimento segundo o qual "não o fazemos dessa maneira". (CAMPBELL, 1990, p. 9)

Uma mitologia não expressa, você poderia dizer. É a maneira como usamos o garfo e a faca, a maneira como lidamos

com pessoas, e assim por diante. Nem tudo está escrito nos livros. [...] Os mitos oferecem modelos de vida. [...] Mas os modelos têm de ser adaptados ao tempo que você está vivendo. (CAMPBELL, 1990, p. 13)

Agora, o que é um mito? A definição de dicionário seria: História sobre deuses. Isso obriga a fazer a pergunta seguinte: Que é um deus? Um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes de seu próprio corpo e da natureza. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. [...] Você não pode prever que mito está para surgir, assim como não pode prever o que irá sonhar esta noite. Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar. Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica. (CAMPBELL, 1990, p. 23-24)

Eu penso na mitologia como a pátria das Musas, as inspiradoras da arte, as inspiradoras da poesia. (CAMPBELL, 1990, p. 57)

Lembramos imediatamente **Darcy Ribeiro** discutindo Lina Bo Bardi, ao dizer que:

Lina queria que o Brasil tivesse uma indústria a partir das habilidades que estão na mão do povo, do olhar da gente com originalidade.

Poderíamos reinventar os talheres de comer, os pratos, a camisa de vestir, o sapato. Havia toda uma possibilidade de que o mundo fosse refeito. O mundo do consumo como alguma coisa que tivesse ressonância em nosso coração.

Lina era uma pessoa que ajudava a pensar nesse rumo, uma prosperidade que fosse de todos, uma beleza que fosse alcançável, atingível. (RIBEIRO, apud SUZUKI, 1994, [s. n.]

Em busca das possíveis definições de mito, vejamos ainda a proposição de **Susanne Langer**, de associação entre metáfora e pensamento abstrato, lógica, significado e simbolização, que seria também interna aos mitos:

A capacidade de ver uma coisa em outra, que origina nossas metáforas e nossos modelos conceituais (dos quais os mais velhos são os mitos da natureza e da vida humana), leva também a um processo de pensar caracteristicamente humano, conhecido como abstração. (LANGER, 1971, p. 141)

O fato, creio, é que a percepção de formas, ou a abstração, é intuitiva, da mesma forma que o reconhecimento e relações, de instâncias e de significado. Constitui um dos atos básicos da intuição lógica, e a sua ocorrência típica e primitiva está no processo de simbolização. (LANGER, 1971, p. 64)

No nosso caso, a utilização da palavra mito supõe noções que funcionariam como crenças não comprováveis por pensamento lógico ou científico, não opostas a estes, mas justamente atuando sobre eles, como um pano de fundo, próximas à definição da forma imaginativa de uma conceito sugerido pela fantasia como simbolização da verdade que deve ser transmitida, uma narrativa de significação simbólica, uma representação ideal que se refere a aspectos da condição humana. Ora, uma narrativa ou representação no campo da arquitetura se dá no próprio projeto, se considerarmos válida nossa hipótese de a arquitetura conter significados internos a ela, por vezes também justificadas nas explicações verbais ou em textos escritos que o arquiteto possa fazer de sua própria obra. A arquitetura poderia ser, guardadas as devidas proporções, comparável a um rito, desde que compreendida como ato simbólico social e perante a Natureza. Mediante a análise da obra de Lina Bo Bardi como referência que, a despeito da objetividade estrita, da postura racionalista, funcionalista e baseada na tecnologia avançada, supomos que a arquitetura moderna manifesta uma narrativa de conteúdos subjacentes comparáveis àqueles atos simbólicos que presidiram a arquitetura desde os tempos primordiais, associada aos demais ritos das comunidades arcaicas. Isto já se antevê nos fundadores da modernidade; um paradigma possível seria Paul Klee. A esse respeito, vejamos uma passagem de **Argan**:

Klee never loses sight of other men, the community; he always tries to consider society as a single and multiform individual, with its own life story, its own 'Erlebnis'. Unlike Mondrian he does not conceive of an ideal society, which finally and peacefully settles down into a common acceptance of incontrovertible rational truths; he prefers to seek the reason for common understanding in living experience, in the history and pre-history of humanity, of the 'people' instead of in utopian plans for the future. In society, individuals appear to him to be bound together by old ties, by the spirit of clan and tribe, by a host of beliefs and terrors, of myths, magical rites, superstitions and

taboos; these are the ties which unite them organically to nature and the cosmos. By understanding his own motives, the individual does not isolate himself in his own monad; on the contrary, he re-discovers in the myths of the unconscious the common roots of man's being and his existence. Not only does he discover the relationship, but the unity of the one with the whole. In the world of quality, the mythical images shed all nocturnal shadows and become as clear as platonic ideas. (ARGAN, apud KLEE, 1978, p. 16-17)

Tomamos, portanto, a ideia de mito como algo que pode criar uma certa atmosfera ao redor e mesmo interna aos conteúdos racionais, uma espécie de sentimento ou intuição capaz de mover até certo ponto as escolhas das formas arquitetônicas e que, mesmo dentro do universo da razão, possa emanar conteúdos não completamente racionais ou conscientes, como uma crença difusa, tanto do ponto de vista da Ordem como da Origem. Esses dois conceitos já nascem imbricados. A ideia de mundo ordenado – o cosmos - que fundamenta o nascimento da cultura ocidental, desde a Grécia, é ligada à noção de Origem desse mundo nascido justamente por ordenação dos deuses, pensamento também recorrente nas tradições primitivas. Noções de Ordem e Origem parecem ecoar como um conhecimento quase que esquecido, percorrendo a Idade Média na procura de aliança entre platonismo e cristianismo, atuando mais positivamente no Renascimento, postas em questão até certos limites na Ilustração e, segundo acreditamos, verificáveis na modernidade, particularmente para nosso interesse na arquitetura moderna, que descreve uma trajetória um tanto singular se comparada às demais artes, como a música, a pintura e a literatura, a filosofia e a própria ciência modernas, que compreendem a ideia de caos, de acaso e de instabilidade em sua prática e postulados.

A propósito de mito e rito vejamos, por fim, algumas definições básicas:

O verdadeiro objeto do mito não são os deuses nem os ancestrais, mas a apresentação de um conjunto de ocorrências fabulosas com que se procurou dar sentido ao mundo. O mito aparece e funciona como mediação simbólica entre o sagrado e o profano, condição necessária à ordem do mundo e às relações entre os seres. [...] O mito, enquanto ligado à experiência religiosa, envolve um tipo de compreensão diverso do da experiência racional. Não é concebido como algo que se oponha à realidade, quer para um membro de uma comunidade arcaica, quer para um asteca ou assírio. Essa realidade expressa-se através do ritual, que constitui verdadeira repetição de um fragmento do tempo primordial em que os deuses agiram e quando tudo era possível. É esse tempo primordial que serve de modelo, no pensamento mítico, para todos os tempos, inclusive o atual, repetindo-se sem cessar aquilo que aconteceu na origem de tudo. A consciência mítica, portanto, só concebe a realidade sensível em relação a uma realidade cósmica inicial. [...] O mito

é dado como verdadeiro, portanto, porque se vê na vida social a confirmação da cosmogonia, passando sempre como história exemplar, um modelo a ser conhecido. Contém a reminiscência de uma ordem universal primeva em que se engendrou a textura da vida presente, constituindo-a e justificando-a. A cosmogonia fornece o padrão ideal para os homens cada vez que se realiza qualquer ato, tanto na esfera coletiva como na particular. A expressão mítica contida nesses atos ganha corpo através de uma série de gestos que refletem ou reiteram o ato original [...] e, em última instância, quando reunidos de forma integrada, constituem o ritual. Embora, por problemas de método, se costume dissociar o mito do rito, sua compreensão fica prejudicada se não estiver presente, no exame de qualquer tema mitológico, sua expressão dramático-ritual, pois o rito é o mito em ação. (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1987, p. 7762)

Se a arquitetura moderna mantém, por vezes, essas duas permanências descritas, de Ordem e Origem, como uma possível fonte subjacente a suas escolhas, isentas de qualquer religiosidade aparente, apontando para um futuro ideal e orientada para um passado paradigmático imaginário, isto se apresenta de modo claro na obra de Lina Bo Bardi. Nela fomos em busca desses conteúdos para propor esta visão, dentre outras inúmeras que sua arquitetura pode estabelecer.

Para a verificação da consistência recorremos em alguma medida a conceitos externos à Teoria e História da Arquitetura em sentido estrito, em certos casos retirados da filosofia. Não se pretendeu, está claro, fazer um percurso completo da história da cultura ou da filosofia, o que seria uma ambição desmedida e sairia em muito do âmbito desse ensaio. Acreditamos, contudo, que a comunicação entre campos tenha sido fundamental para subsidiar nossa investigação; temos claro que um estudo propriamente filosófico demandaria um grau de especificidade e profundidade muito além do aqui proposto. Manter estanques as especializações, pode se tornar, por outro lado, empobrecedor, quando se trata de investigar uma obra de arquitetura. Nos remetemos, nesse sentido, ao campo da filosofia ou mesmo da antropologia com muita cautela, quando nos pareceu fundamental, em busca de alguns conceitos ou circunstâncias paradigmáticos onde os enunciados de Ordem ou de Origem se deixavam entrever, buscando seguir sua permanência no tempo, a partir de autores como Witkower (1953), Benevolo (1963), Pevsner (1968), Banham (1975), Rikwert (1994), Frampton (1981), Wingley (1981) e Wick (1989).

É explícita essa ideia de recorrência das noções de Ordem e Origem por meio de alguns momentos da História que nos pareceram exemplares, escolhidos com uma certa liberdade, sem procurar abranger toda sua possível continuidade até a modernidade. Não se trata, é preciso dizer, de contar a história do pensamento ocidental sob este viés, pois o que nos interessou, em última instância, foi tentar desvendar e compreender significados impressos na obra de Lina Bo Bardi,

relacionados ao seu modo de ver o mundo e a Natureza e à sua busca por um novo humanismo, conceitos por ela reiteradamente enunciados e rebatidos em sua prática, e que nos pareceram, dentro da originalidade de seu trabalho, estreitamente enraizados na História. Ora, esses dois princípios de Ordem e Origem vão informar a arquitetura de Lina Bo Bardi desde o início, a partir das obras finamente racionais da Casa de Vidro e do MASP ou mesmo antes, nos primeiros estudos que irão paulatinamente desembocar em uma síntese jamais elaborada, procurando colocar junto – lado a lado, a tecnologia mais avançada, os procedimentos da vanguarda e seu repertório formal à manifestação vernacular e popular brasileira mais anônima, onde Lina Bo Bardi encontra raízes tão significativas e, segundo seu ponto de vista, equiparáveis e análogas pari passu aos procedimentos eruditos modernos, como a simplificação, a seriação e a racionalidade. Uma última questão ainda poderia ser levantada, qual seja do porquê de sua arquitetura não se assemelhar ao esvaziamento de conteúdo, característico dos procedimentos pós-modernos, muito embora evidentemente Lina Bo Bardi tenha sempre se levantado francamente contra estes. Poderíamos utilizar toda uma categorização apresentada, por exemplo, por David Harvey (1992), ou Frederic Jameson (1984), mas desde já podemos afirmar que a diferença radical nos parece ser dada pela chave da não arbitrariedade em que seu trabalho jamais resvala, estabelecendo sempre princípios que lhe dão validade, de cuja poética tentamos nos aproximar.

Dessa reflexão surgiu uma hipótese de categorização às quais denominamos 1) As Caixas Quase em Ordem - onde incluímos a Casa de Vidro, São Paulo, de 1951, o Museu à Beira do Oceano, Ubatuba, de 1951, O MASP, São Paulo, de 1957-1968; 2) As Caixas com Figuras, que se referem à Casa Valéria Cirell, São Paulo, de 1958 e sua ampliação La Torracia, de 1964, a Casa do Chame-Chame e a Casa Mário Cravo, ambas em Salvador, de 1958, uma série de estudos para casas realizados entre 1958 e 1962, o loteamento em Itamambuca, Ubatuba, de 1965, o Projeto Camurupim, Propiá/Sergipe, de 1975, a Capela Santa Maria dos Anjos, Ubiúna, de 1978, a restauração do Solar do Unhão para abrigar o Museu de Arte Popular, junto ao Museu de Arte Moderna na Bahia, Salvador, de fins da década de 1950, o Teatro Oficina, São Paulo, de 1980-1984, o Restaurante do Coaty e a Casa do Benin, ambos em Salvador, de 1987, estudos para a Casa do Brasil no Benin, em Uidá, de 1989, a Igreja Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia, de 1976-1982 e o SESC Fábrica da Pompeia, São Paulo, de 1977-1986; e, como interpretação última a categoria de c) Três Projetos Radicais, que alcunhei para a Casinha-Estúdio do Morumbi, São Paulo, de 1986, a Cadeira de Beira de Estrada ou Cadeira de Três Paus, como é também chamada, realizada no sertão da Bahia, em 1967 e o projeto para o concurso do Pavilhão da Exposição Internacional de Sevilha, de 1991.

Estes projetos de Lina Bo Bardi possibilitam a discussão de paradigmas modernos a partir da introdução de elementos que questionam esses paradigmas

desde dentro, colocando sob tensão as relações entre: **matéria e abstração; abstração e significado; ação e pensamento; erudito e popular; tempo linear e tempo circular; origem e progresso ilimitado; espaço/uso, ambiente, lugar/locus** e, especialmente, a **redefinição de arquitetura** em cada projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVOLO, Leonardo. Historia de la Arquitectura Moderna. Barcelona: G. Gili, 1963.
- BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHAUÍ, Marilena: Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ELIADE, Mircea: Mito do eterno retorno: cosmo e história. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ENCICLOPEDIA MIRADOR INTERNACIONAL. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. Mitologia. v. 14, São Paulo/Rio de Janeiro, 1987.
- FRAMPTON, Kenneth. Historia crítica de la arquitectura moderna. Barcelona: G. Gili, 1981.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo, Loyola, 1992.
- JAMESON, Frederick. Postmodernism or the cultural logic of late capitalismo. Durham: Duke Univesity, 1984.
- JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- Klee, Paul: Notebooks: the thinking eye. Londres: Lund Humphries, 1978.
- LANGER, Susanne K.: Ensaios filosóficos. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LUZ, Vera. Ordem e origem em Lina Bo Bardi. São Paulo: Giostri, 2014.
- PEVSNER, Nikolaus. Los orígenes de la arquitectura moderna y del diseño. Barcelona: G. Gili, 1968.
- PLATÃO. Timeu e Crítias ou A Atlântida. São Paulo: Hemus, sem data.
- PLATÃO. A República. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.
- PLATÃO. Diálogos: o Banquete-Fédon-Sofista-Político. São Paulo: Abril, 1979.
- RIKWERT, Joseph. La casa de Adán en el paraíso. Barcelona, G. Gili, 1974.
- SUZUKI, Marcelo (Ed.). Tempos de grossura: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.
- WIGLEY, Hans M. The Bauhaus. Massachussets/London: MIT Press, 1981.
- WICK, Rainer. Pedagogia da Bauhaus. São Paulo: Martins Fontes,





ensaios

PROJETUAIS

UIAMA

AUTORES

Ariadne Meo Santos Ayres
Gabriel Magalhães Teixeira
Isabella Maria Veronezi
Laura Botelho Santos
Maria Beatriz Soares Mercuri
Renata Bertuzzo Veiga
Rodrigo Geraldini Losano
Tauana Bertacco Queiroz
Victoria Rodrigues de Moraes

Arquitetos e Urbanistas, PUC-Campinas

RESUMO

Existem alguns lugares do mundo em que a paisagem é tão forte que ela é quase uma entidade, dominando o espaço com tanta força que o único modo de ocupá-la é assimilar suas regras e peculiaridades ao invés de lutar contra elas. Com a ideia inicial de melhorar o atendimento médico principalmente para povos indígenas e ribeirinhos, a Universidade Internacional de Atendimento à Mata Amazônica se tornou um projeto de requalificação urbana e ambiental focado em proteger a saúde, a cultura e a poderosa entidade milenar que é a paisagem amazônica.

Para a criação de um sistema que englobasse toda a comunidade, tanto das proximidades, como da cidade de Manaus, foi feito um estudo da paisagem cultural e da situação do norte do país como um todo e também como a região metropolitana de Manaus têm um impacto socioeconômico. Um dos principais pontos foi que implantamos o projeto de forma que ele não fosse uma instalação colonialista. A partir deste estudo identificamos algumas raízes de problemáticas: desmatamento, vulnerabilidade sociocultural da comunidade (especialmente às mulheres ribeirinhas) e saúde - o grande motivador e unificador do projeto.

PALAVRAS-CHAVE

Amazônia; saúde; UIAMA; Iranduba; cultura; rios; população Ribeirinha; população Indígena.

DEDICATÓRIA

"A gente vai chegar lá na frente, grandes e juntos." - Joaquim Caetano de Lima.

A cada semana um discurso que demorávamos dias refletindo cada palavra que nos foi dita.

E pensando aqui, vemos que nos apegamos tanto nessa frase, que fez ser mais difícil os dias após a partida.

"Inesperada".

Essa pequena frase, dita com olhos sorridentes que deslumbravam o que estava por vir, nos trazia a sensação de que todos os problemas já estavam resolvidos. Assim, teríamos que ter mais sonhos para realizar.. Por que não projetar mais e fazer mais?

Essa utopia vive na família UIAMA.

Chegamos.

Por você, Joaquim Caetano de Lima, eterna gratidão por nos ensinar a partilhar sonhos.

A Vanessa Bello, foi fundamental termos você nessa caminhada, por nos acolher, acreditar e orientar com maestria. Os nossos mais sinceros agradecimentos.



Figura dedicatória

1. O SISTEMA

Pensamos no sistema como uma rede, a qual chamamos de UIAMA. “Universidade Internacional de Atendimento à Mata Amazônica”, foi criada tendo como principal foco o atendimento e proteção para a população indígena e ribeirinha. Desenvolvemos uma sede localizada em Iranduba- AM, e nela existe todo o apoio para o sistema. Os seus programas consistem em museus, universidade com centros de pesquisas, um cursinho que se torna base para indígenas que desejam conhecer mais o mundo “ocidentalizado”, um hospital e espaços para convivência, onde haverá a troca de conhecimentos e histórias. Pensamos também que o sistema UIAMA como um todo, por ter uma proposta humanitária e utilizar tecnologias alternativas, traz mais visibilidade internacional para o país e para a floresta, o que aumenta a sua proteção, já que representa e atende uma das regiões mais importantes do Brasil e também do mundo: a Amazônia.

Para dar sustentação a esse sistema criamos algumas infraestruturas para atendê-lo. Desenvolvemos uma UTI móvel a qual demos o nome de Boiuna, que são de grande impacto nesse projeto, pois percorrem o leito dos rios prestando serviços de urgências, e junto a elas as bases flutuantes a qual chamamos de “Portinhos”: locais desenhados especialmente para as Boiunas atracarem, com um apoio e prestando serviços de prevenção e manutenção da cultura e vida amazônica. Foi criado então um mapeamento na região ao entorno da sede da UIAMA.

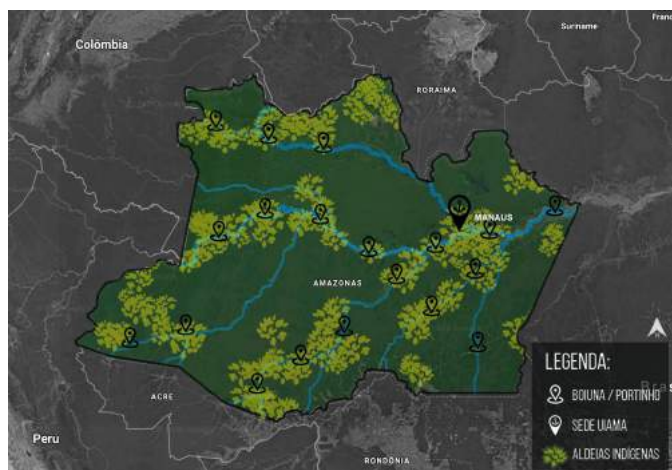


Figura 1 – Mapeamento da Região / Fonte: Produção autoral do grupo.

As comunidades e cidades no estado do Amazonas são bem distantes entre si e algumas são isoladas, apesar de todas serem conectadas com os rios, o que faz com que muitas coisas – como tratamento médico de qualidade – chegue no local com intervalo de meses. Para acelerar o acesso a tratamentos médicos para essas comunidades, observando a relação única do solo amazônico com as águas dançantes dos rios, desenvolvemos o sistema UIAMA que pode ser categorizado em três elementos chaves – o solo firme com a sede da UIAMA, onde se localiza o hospital, a água do rio com a Boiuna, a unidade

de tratamento médico móvel, e a beira do rio com o Portinho, localizado próximo das comunidades e cidades atendidas para que a Boiuna atraque, criando uma comunicação entre a terra e a água.

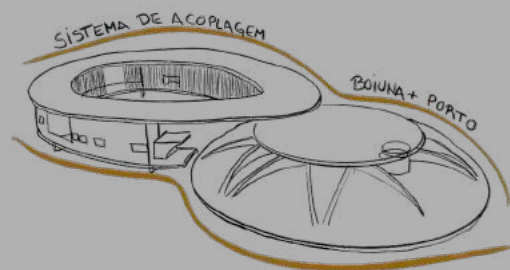


Figura 2 – Croqui Boiuna e Portinho / Fonte: Produção autoral do grupo.

2. IRANDUBA, A SEDE DA UIAMA:

Para enraizar esse sistema, era preciso uma sede em terra, onde um hospital seria construído para receber os casos médicos mais agravados ou específicos que as Boiunas receberiam, e assim a UIAMA foi implantada na Região Metropolitana de Manaus (RMM), na cidade de Iranduba.

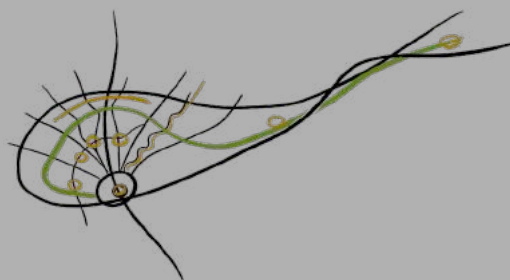


Figura 3 – Croqui Implantação UIAMA / Fonte: Produção autoral do grupo.

Irاندuba se localiza entre o rio Negro e Solimões e ao lado da cidade de Manaus, de modo que proporciona uma zona de transição entre as comunidades de mata fechada e as cidades urbanizadas, além da proximidade com o aeroporto de Manaus que permite a chegada de mantimentos e recursos para a sede.



Figura 4 – Localização Iranduba/ Fonte: Produção autoral do grupo.

A área que escolhemos tinha planos pela prefeitura de Manaus para se tornar o espaço onde seria construída a Universidade de Manaus, as obras começaram, mas nunca saíram dos primeiros estágios. Esse foi um dos pontos que nos fez escolher esse local, pois grande parte de onde implantaríamos os edifícios já estavam desmatadas e trechos da estrutura viária que atenderiam a universidade também já estavam consolidados, além disso o local nos proporcionava um ponto essencial para nosso projeto, a sede da UIAMA tendo ligação ao Rio Amazonas, onde se localiza um porto especial para as Boiunas atracarem próximas ao hospital, e uma ligação com a cidade pela avenida Manuel Urbano e a ponte

Rio Negro (figura 5). Com o propósito de exaltar a cultura de conhecimento do local, e usando temas como os círculos das tribos, a mão e os galhos e raízes das árvores, a sede da UIAMA se divide em cinco eixos sendo eles o da Moradia, Pesquisa, Cultura, Saúde e Educação, todos unidos por um grande parque verde que se transforma em jardim e se mescla com a floresta, formando um passeio e clareiras para a apreciação da paisagem. O desenho da implantação teve como base as formas orgânicas: as ruas e clareiras propostas para atenderem o programa da universidade foram pensados de forma que se misturassem e fizessem parte da Floresta e mata existente no local (figura 6).



Figura 5 – Sistema Viário UIAMA / Fonte: Produção autoral do grupo.



Figura 6 – Implantação UIAMA / Fonte: Produção autoral do grupo.

3. O PORTINHO

Fazendo uma ponte entre o seco e o molhado, o Portinho também se encontra no leito do rio, uma fita infinita formando uma praça de água, com uma ponte ligando-o na terra. Por causa da grande variedade de larguras de rios, e a distância variável entre cada comunidade ou cidade e o leito do rio mais próximo, cada implantação do Portinho é diferente para cada situação, dependendo da largura do trecho do rio e do mapa de cheias e vazantes. Cada Portinho tem uma distância aproximada de 160 km entre si para que

as Boiunas, andando a 80 km por hora, nunca fiquem muito longe (figura 7). Ele permite que a população embarque na Boiuna para tratamento médico ou para ser transportada para o hospital na sede da UIAMA e também serve como uma UBS para a população.

Além da grande Praça de Água, onde os barcos menores dos habitantes podem estacionar e do ponto para a Boiuna atracar usando eletroímãs, o Portinho conta também com quartos de recuperação, área de atendimento, farmácia e estar médico (figura 8).



Figura 7 – Localização dos Portinhos / Fonte: Produção autoral do grupo.

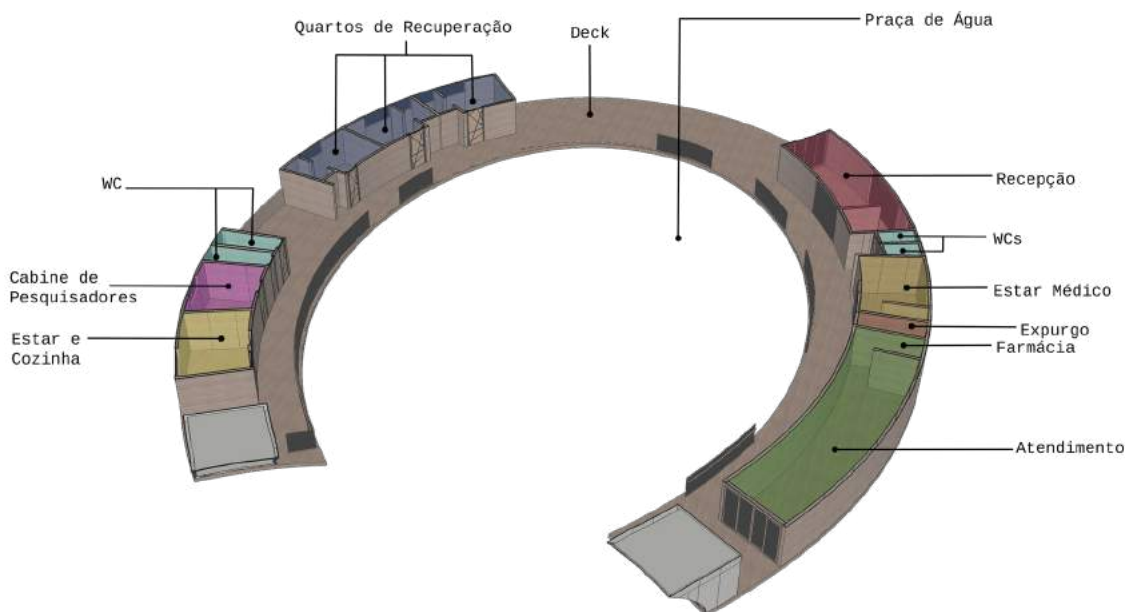


Figura 8 – Layout Portinho / Fonte: Produção autoral do grupo.

Para evitar as enchentes sempre presentes dos rios, a fundação do Portinho é elevatória, permitindo que ele flutue seguindo a altura do rio.

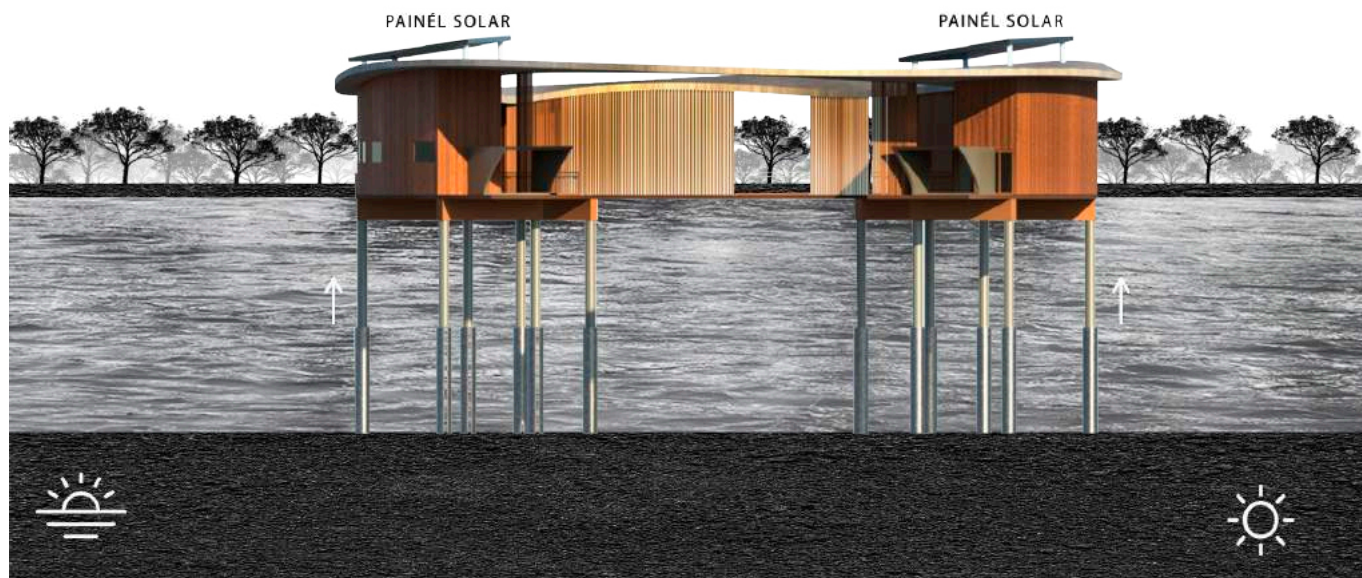


Figura 9 – Corte Esquemático Vazante e Cheia Portinho / Fonte: Produção autoral do grupo.

Arelado à implantação dos Portinhos, mas em solo, são as estações de tratamento de água e de esgoto, levando infraestrutura ao local, suprimindo as necessidades tanto do Portinho quanto das comunidades. O esgoto é canalizado até a estação onde é tratado e devolvido aos rios, e a água potável usada no Portinho é tirada dos

rios, canalizada até a estação de tratamento de água e, depois de usada segue o destino do esgoto (figura 10).

Já o lixo hospitalar é colocado em um compartimento destinado a ele na Boiuna, onde é transportado até Iranduba para ser descartado de acordo com as normas hospitalares (figuras 11 e 12).



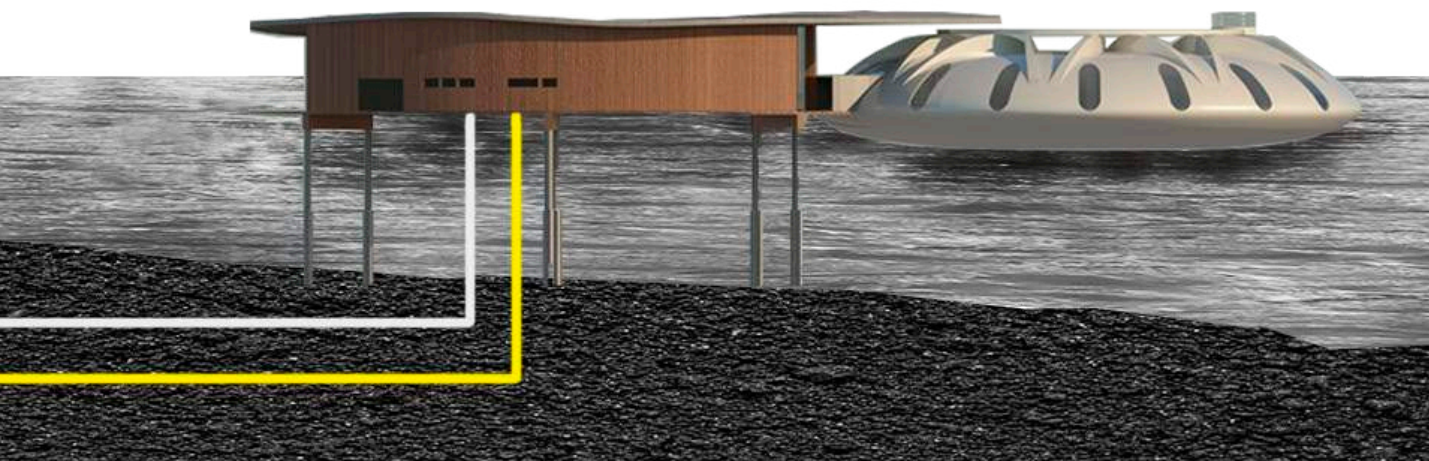
Figura 10 – Corte Esquemático Tratamento de Resíduos / Fonte: Produção autoral do grupo.



Figura 11 – O Portinho / Fonte: Produção autoral do grupo.



Figura 12 – O Portinho / Fonte: Produção autoral do grupo.



4. A BOIUNA

A Boiuna é uma unidade de saúde fluvial projetada para atendimento voltado às populações ribeirinhas, indígenas e carentes da Amazônia. As bases móveis ficam espalhadas pelos rios, permitindo mobilização rápida para que a ajuda médica chegue no local necessário.

4.1 SOBRE A LENDA

A Boiuna é uma cobra que nasceu onde hoje se encontra o rio Amazonas, crescendo em um tamanho tão grande que seu rastro se tornou o leito do rio. Sendo um ser mágico, ela pode tomar outra forma, como a humana ou se transformando em embarcações, e representa tanto a cura e vida quanto o perigo de morte.

4.2 SOBRE A FORMA

O círculo na antiguidade e em algumas culturas era considerado a forma pura, a perfeição. Já na cultura indígena tem o significado de uma forma igualitária. Suas casas, rituais, danças, todas atividades feitas em grupos são realizadas olho no olho, sem superioridade e inferioridade, todos fazem parte de um coletivo, conectados em um ciclo que muda de fases, mas nunca termina. Pessoas são movidas com histórias, e isso promove afeto (figura 13).

4.3 SOBRE O PROGRAMA

O projeto da Boiuna contém o programa de urgência com as salas de cirurgia e UTI para atendimento da população.

No interior da Boiuna, dois braços de entrada conformam o ambiente central de estar dos tripulantes,

que assim como o refeitório é um espaço comum de convivência (figura 14). A cabine do capitão fica entre essas entradas, para facilitar o atraque da Boiuna no Porto e no Portinho (figura 15).

A esfera da esterilização é um elemento de transição entre corredor de acessos e centro cirúrgico onde além da entrada esterilizada para funcionários, há uma entrada direta para macas. Já as salas de pós-operatórios foram pensadas de modo que tenham um sistema de monitorização contínua equivalentes à UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), onde é possível tratar pacientes em situações potencialmente graves, com capacidade para 6 macas e aparelhagem no setor (figura 16).

Há também um setor de cabines para o descanso: quartos com cabines individuais foram desenvolvidas pensando nos tripulantes, que estarão 24 horas em atividade (contamos como tripulação os capitães, equipe de limpeza, refeitório, enfermeiros, auxiliares, médicos e especialistas) (figura 17). O lixo hospitalar é levado por tubos até o andar das máquinas, onde tem um espaço fechado e adequado para armazenagem temporária, onde ali permanece até ser levado a Sede da UIAMA e descartado em local adequado em Iranduba.

Para se locomover, a Boiuna utiliza um sistema de propulsão similar ao do jet ski, em que a água é levada para dentro de uma pequena câmara e impulsionada para fora por bocas direcionadoras (figura 18), lhe dando uma velocidade média de 80 km por hora, muito mais veloz do que as atuais Unidades Básicas de Saúde Fluviais que hoje auxiliam a população do interior do Amazonas. Para ajudar a desbravar as distâncias e áreas mais estreitas, um helicóptero e heliponto no teto da Boiuna pode ser usado também para pacientes em situação emergencial (figuras 19, 20, 21 e 22).



Figura 13 – A Boiuna / Fonte: Produção autoral do grupo.

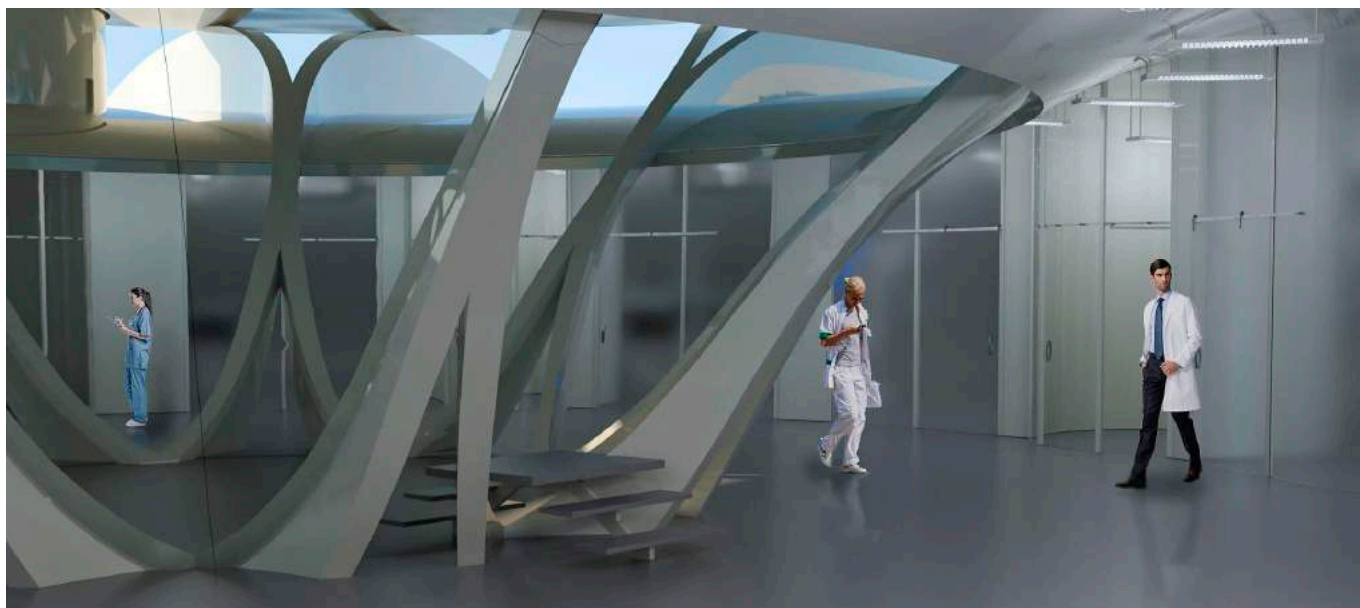


Figura 14 – Interior Boiuna / Fonte: Produção autoral do grupo.



Figura 15 – Interior Boiuna / Fonte: Produção autoral do grupo.



Figura 16 – Pós-operatório Boiuna / Fonte: Produção autoral do grupo.

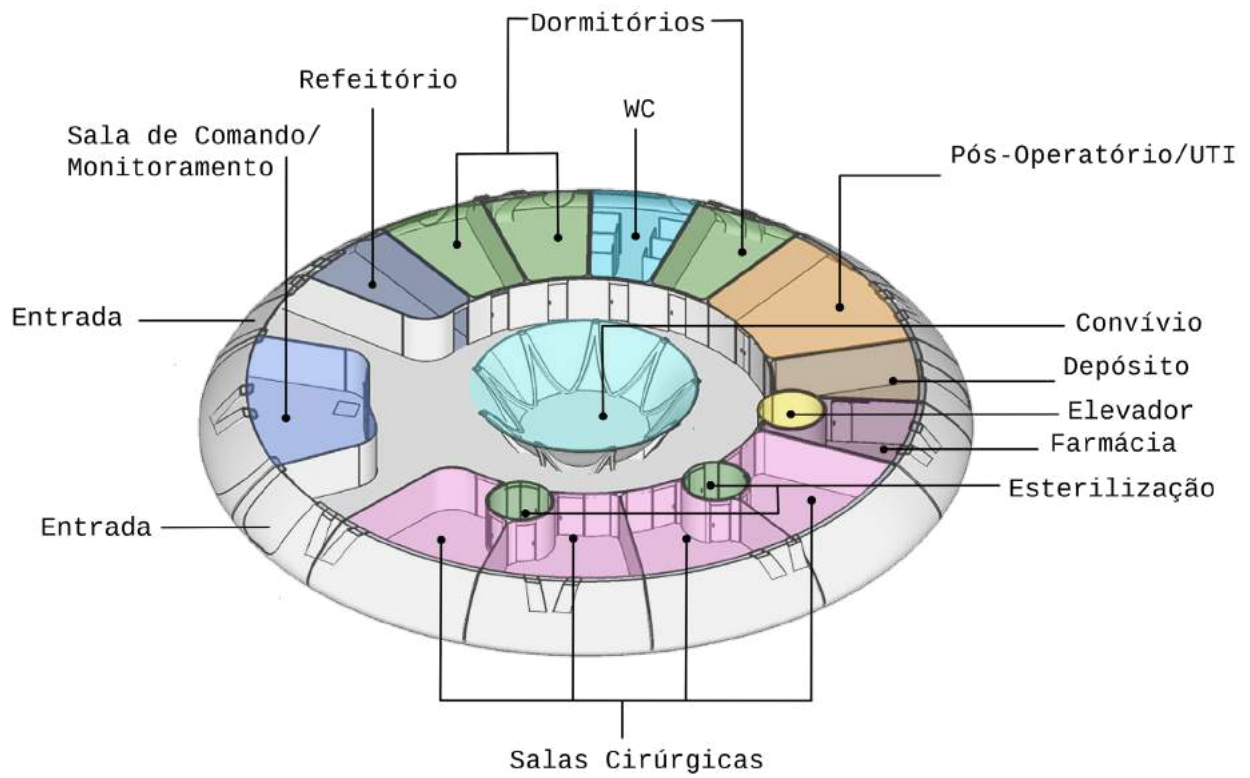


Figura 17 – Layout Boiuna / Fonte: Produção autoral do grupo.



Figura 19 – A Boiuna / Fonte: Produção autoral do grupo.

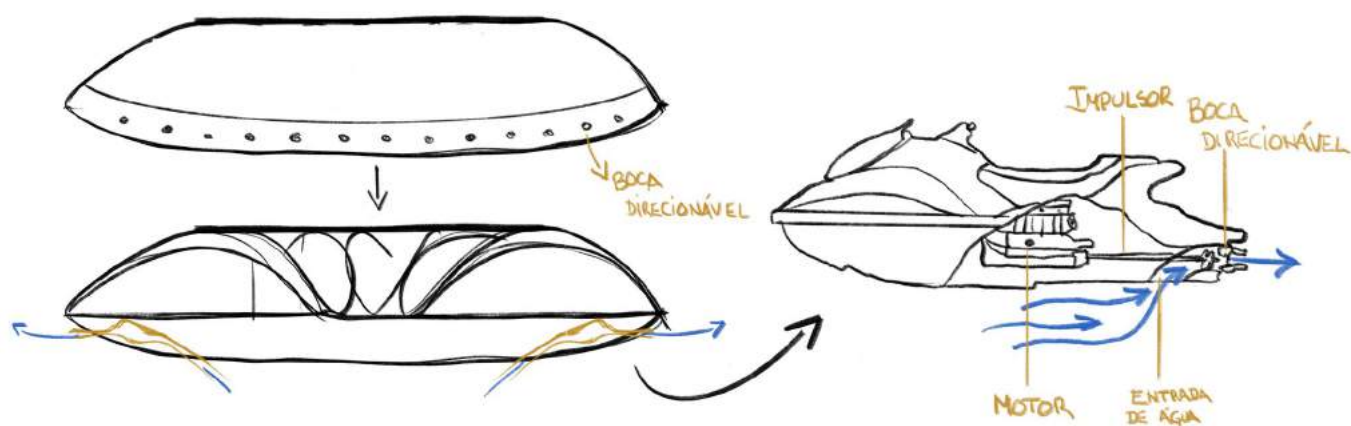


Figura 18 – Croqui Sistema de Propulsão / Fonte: Produção autoral do grupo.



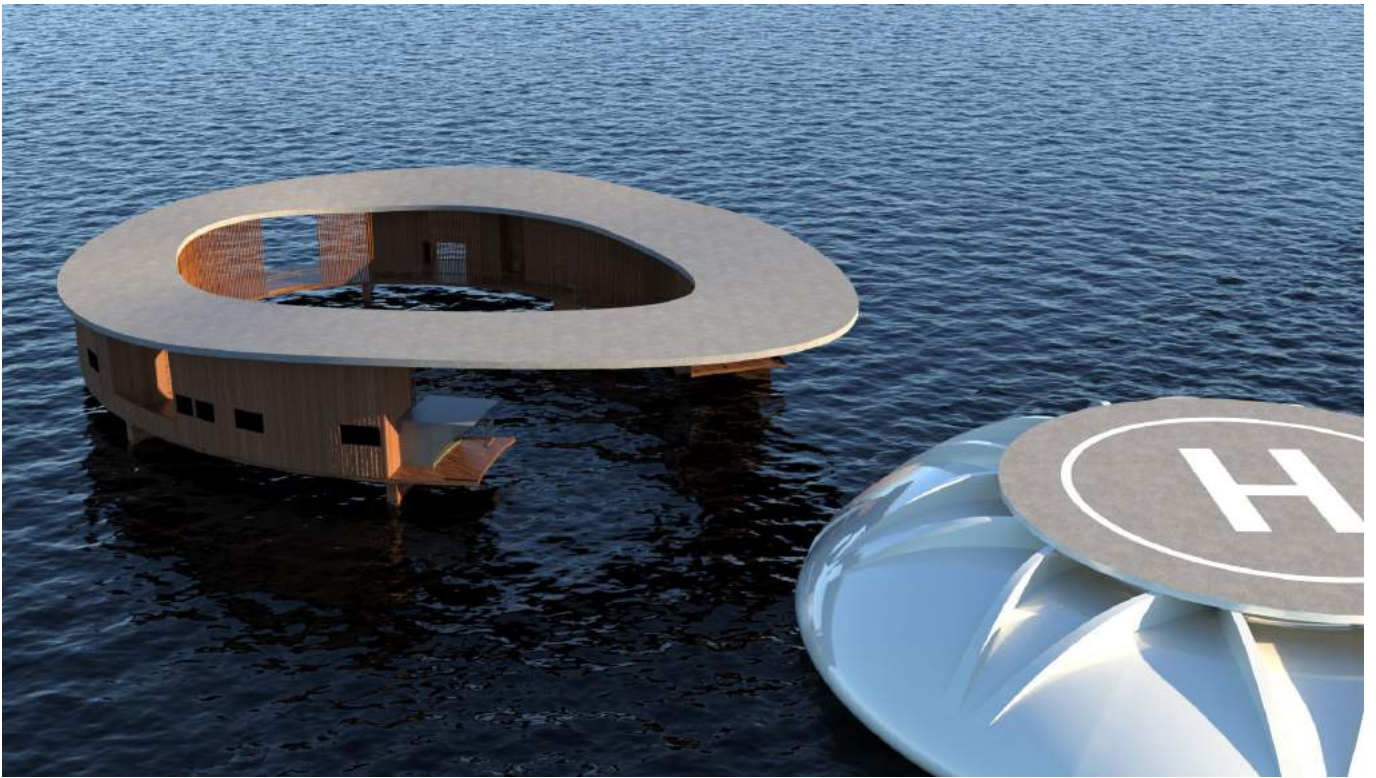


Figura 20 – Sistema de Acoplagem Boiuna e Portinho / Fonte: Produção autoral do grupo.

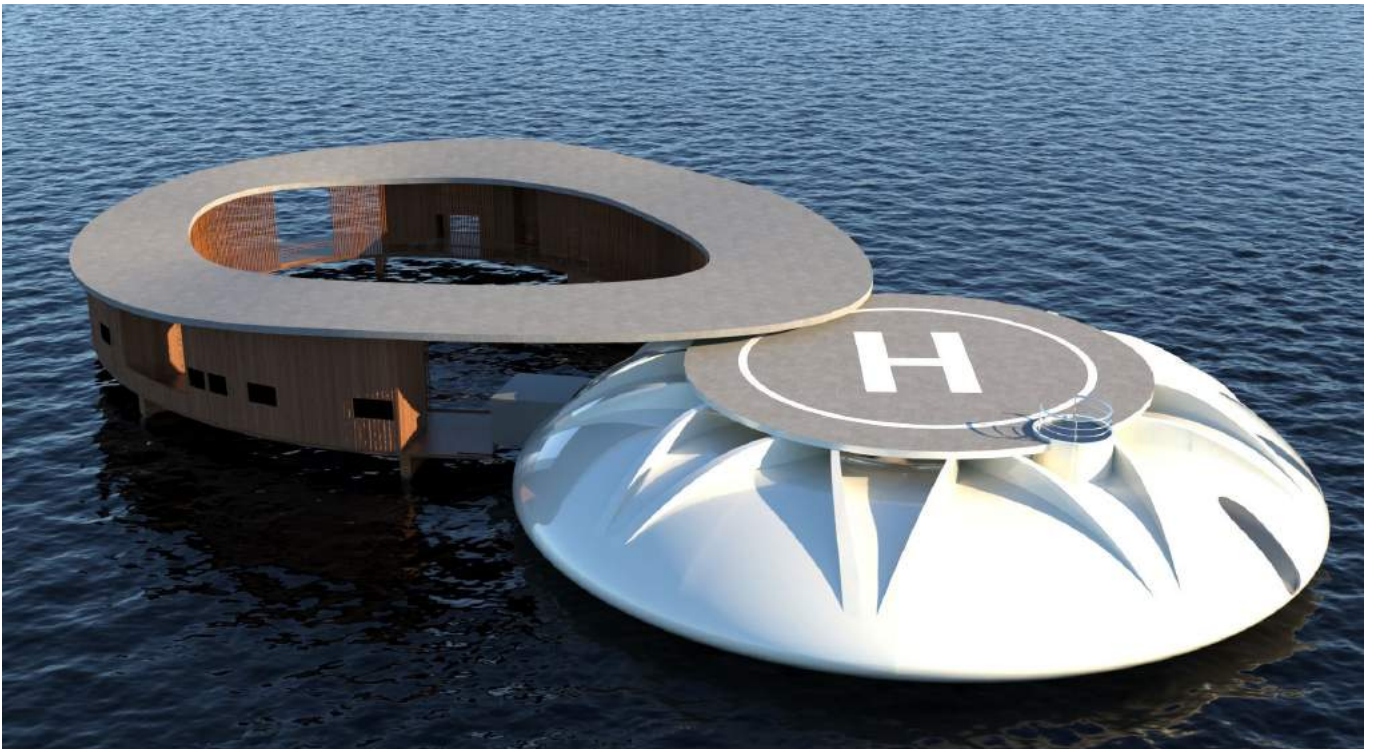


Figura 21 – Sistema de Acoplagem Boiuna e Portinho / Fonte: Produção autoral do grupo.



Figura 22 – Sistema de Acoplagem Boiuna e Portinho / Fonte: Produção autoral do grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Pereira, H.A.Fronteiras da vida: o tradicional e o moderno no Cacau Pirera/Iranduba. - Manaus:UFAM, 2006.201 f.; il.Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Amazonas, 2006.
- Franchini, A. S. (Ademilson S.). As 100 melhores lendas do folclore brasileiro. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2011.
- Gomes, S. S. Dinâmica do Uso da Terra no Município de Iranduba (2005-2015)e a Relação com os Empreendimentos Imobiliários. UFAM, 2018.14f.;Iniciação científica.Universidade Federal do Amazonas, 2018.
- Samuel,P.R.S.Alternativas Sustentáveis de Tratamento de Esgotos Sanitários Urbanos, Através de Sistemas Descentralizados, para Municípios de Pequeno.169f.Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- Moraes,C.P.Arqueologia na Amazônia Central Vista de Uma Perspectiva da Região do Lago do Limão.243f.; Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2006.
- BRANCO, B. C. Arquitetura indígena Brasileira: da descoberta aos dias atuais. Revista de Arqueologia. São Paulo, 7:69-85, 1993.
- Oliveira Junior, Jair Antonio.Arquitetura Ribeirinha sobre as águas da Amazônia: o habitat em ambientes complexos / Jair Antonio de Oliveira Junior. --São Paulo, 2009.203 p : il.Dissertação (Mestrado – Área de Concentração: Design e Arquitetura) – FAUUSP. Orientador: Carlos Egídio Alonso.
- Guimarães, D.F.S. Deflorestamento e Eficácia das Políticas de Conservação: Os Impactos da Metropolização em Iranduba, Amazonas. Artigo. Revista Gestão e Sustentabilidade Ambiental.Florianópolis, v. 7, n. 3, p.215-235, jul/set. 2018.
- Costa, Adriana Uchôa da.No caminho das águas, na poeira da estrada: cenário rural de Iranduba em face a (re) configuração da Região Metropolitana de Manaus - RMM /Adriana Uchôa da Costa. 2018 141 f.: il. color; 31cm. Orientadora: Heloísa Helena Corrêa da Silva Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Universidade Federal do Amazonas.
- ARA (Articulación Regional Amazónica). 2011. La Amazonía y los Objetivos del Milenio. Eds. D. Celentano; M. Vedoveto. ARA Regional: Quito, Ecuador. 99p.
- Brugnera, A. C. Processo Construtivo de Habitação em Madeira: Interfaces e Rebatimentos nas Populações Ribeirinhas do Amazonas. Relatório Técnico Científico.322f.;2011.
- Paula,L.R.Travessias: Um Estudo sobre a Dinâmica Sócio-Espacial Xavante. Tese (Doutorado)328f.;FAUUSP.São Paulo,2007.
- Abreu,N.R.P.Uma Abordagem Geográfica dos dos Aspectos Físicos e dos Potenciais Econômicos do Solo de Iranduba-AM. REVISTA GEONORTE, Edição Especial, V.2, N.4, p.659 – 667, 2012.
- Magalhães, Regiane Campos.As características físicas, químicas, mineralógicas e hidráulicas do solo e sua susceptibilidade ao processo de terras caídas: comunidade Divino Espírito Santo –Iranduba/AM / Regiane Campos Magalhães - Manaus: UFAM, 2011.
- 135f.; il. color.Dissertação ((Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas, 2011.

Complexo Prisma miolo de quadra

Ensaio elaborado para a disciplina de Projeto H. Tirando partido dos miolos de quadra, o projeto visa qualificar a área central de Campinas. Propõe relações entre o pedestre e a rua, valorizando a permeabilidade, a diversidade de usos e a articulação com a cidade.

AUTORES

Bia Carvalho Costa Santos
Bruna Catarina Ludovico
Giovanna Loiola Marques
Isabelle Contiero
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

MEMORIAL DESCRITIVO

No intuito de promover qualidade para a área central de Campinas, adaptando-a às dinâmicas contemporâneas, o projeto se desenvolve no miolo de duas quadras, configurando diversidade, adensamento, permeabilidade e novos espaços de respiro em meio ao caótico centro.

As quadras estão localizadas próximas a vias importantes e equipamentos estratégicos para a consolidação do partido, como é o caso do Mercado Municipal de Campinas, da ESAMC e do Templo Votivo do Santíssimo Sacramento – sendo este último integrado à área do projeto. A remoção de lotes subutilizados, ociosos ou mesmo sem valor histórico e/ou arquitetônico relevante, em conjunto da transformação da Rua Regente Feijó em um calçadão para pedestres, configura um espaço permeável, acessível ao pedestre e valoriza o uso comercial, tanto no térreo quanto nas galerias que se estendem por ambas as quadras.

A galeria apresenta-se como uma peça fundamental para a consolidação do projeto. Suas lajes movimentadas configuram pátios, espaços de convivência e mirantes voltados ora para o próprio projeto, ora para os demais elementos do entorno. Destaca-se aqui o Templo Votivo do Santíssimo Sacramento, igreja valorizada no projeto por meio de eixos visuais livres e da incorporação dos mirantes citados.

Garantindo a diversidade projetual, são propostos quatro usos: comercial, habitacional, institucional e de serviços. Dessa forma, além da galeria, trabalha-se com três torres, que abrigam escritórios, habitações e um centro cultural – voltado para a Avenida Francisco Glicério. O desenho se completa com a proposição de um térreo suspenso, que acontece sobre a última laje das galerias: o que seria apenas uma cobertura, se tornou um espaço vivo e de convívio, destinado aos moradores e funcionários.

A variedade de tipologias habitacionais também é outro ponto forte do projeto; além de abranger diferentes famílias, essa diversidade é responsável por conferir dinâmica e movimento às fachadas do edifício residencial.

P.R.I.S.M.A.

Substantivo masculino;

1. figura geométrica de um poliedro limitado por dois polígonos congruentes, e três ou mais paralelogramos;
2. maneira própria de enxergar ou de compreender alguma coisa; opinião, ponto de vista.



Figura 1 – Espelho d'água e edifício de serviços / Fonte: Autoria do grupo.

VOLUMETRIA DA QUADRA



Figura 2 - Perspectiva isométrica do projeto / Fonte: Autoria do grupo.

PARTIDO

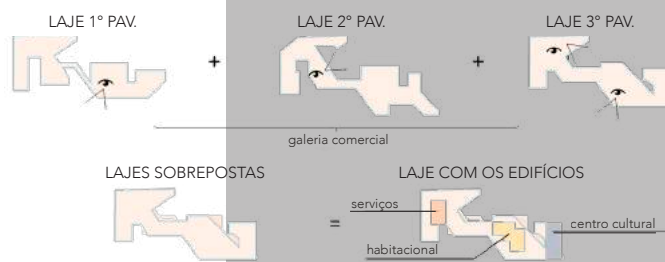


Figura 3 - Acesso Av. Francisco Glicério
Fonte: Autoria do grupo.

PLANTAS



Figura 4 - Planta do pavimento térreo / Fonte: Autoria do grupo

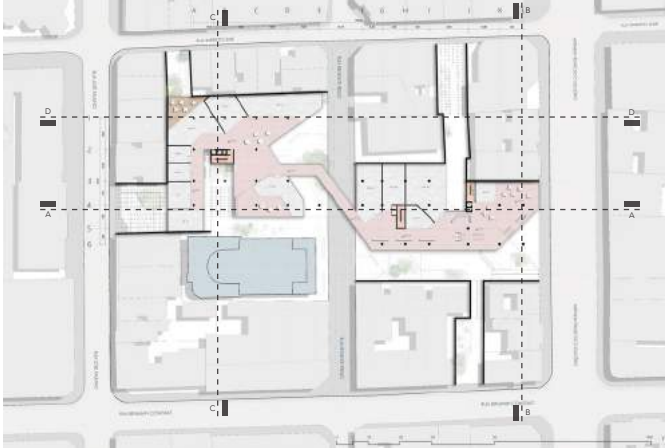


Figura 5 - Planta do primeiro pavimento (galeria) / Fonte: Autoria do grupo

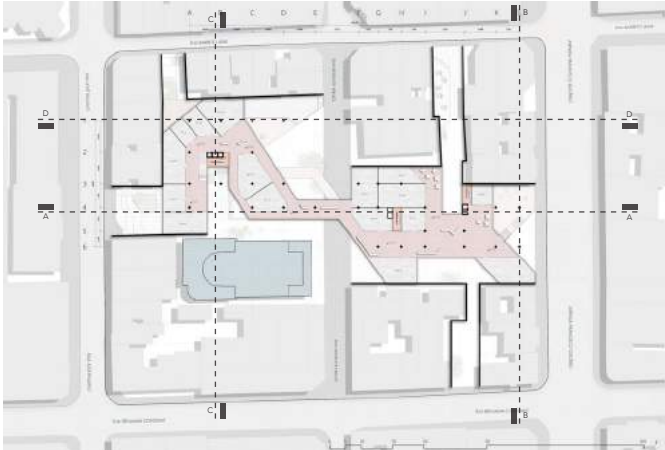


Figura 6 - Planta do segundo pavimento (galeria) / Fonte: Autoria do grupo



Figura 7 - Planta do térreo suspenso (galeria) / Fonte: Autoria do grupo

USOS



Figura 8 - Diagrama de usos / Fonte: Autoria do grupo



Figura 9 - Pátio central e lajes movimentadas / Fonte: Autoria do grupo

PAVIMENTOS TIPO - HABITAÇÃO

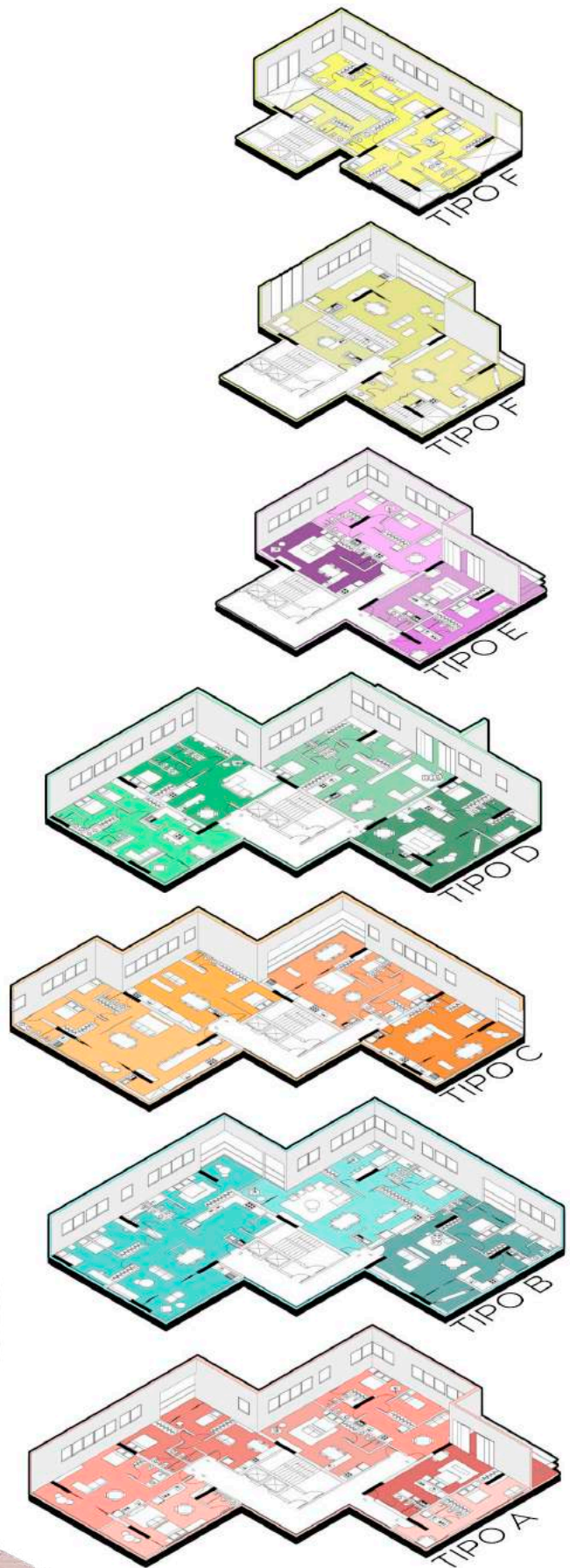


Figura 12 - Acesso Rua José Paulino / Fonte : Autoria do grupo

Figura 10 - Diagrama pavimentos tipo - habitação
Fonte : Autoria do grupo

PAVIMENTOS CENTRO CULTURAL

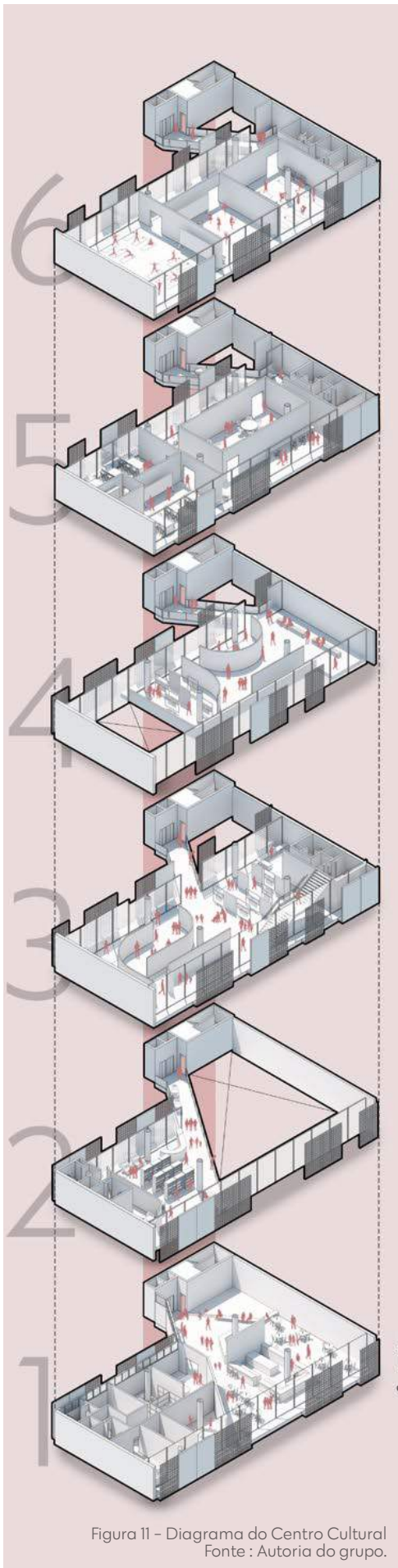


Figura 11 - Diagrama do Centro Cultural
Fonte : Autoria do grupo.

CORTE AA

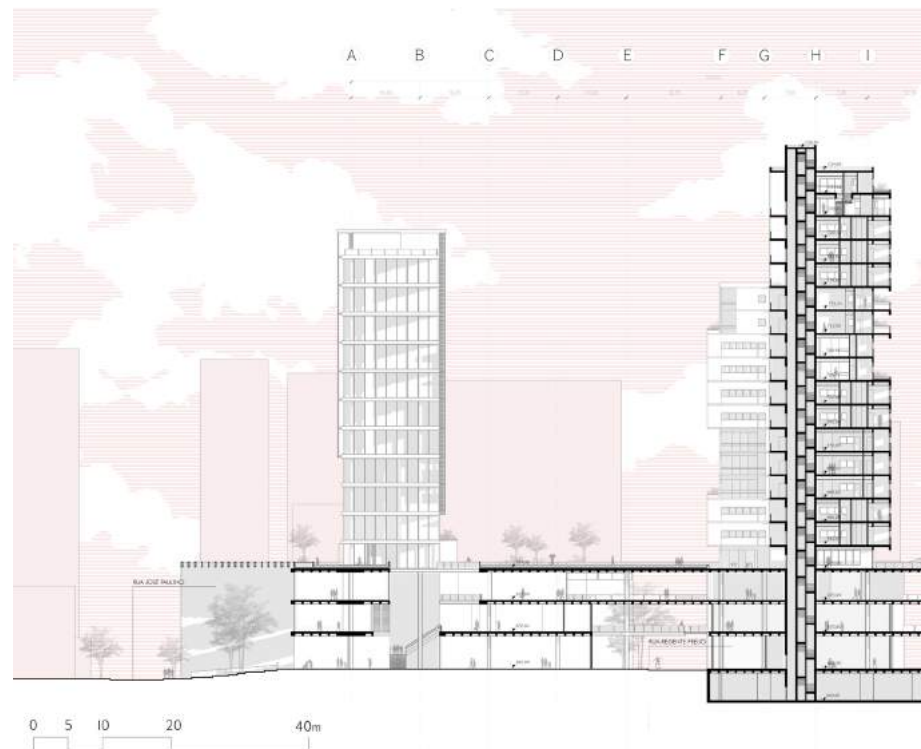


Figura 13 - Corte AA / Fonte : Autoria do grupo

CORTE BB

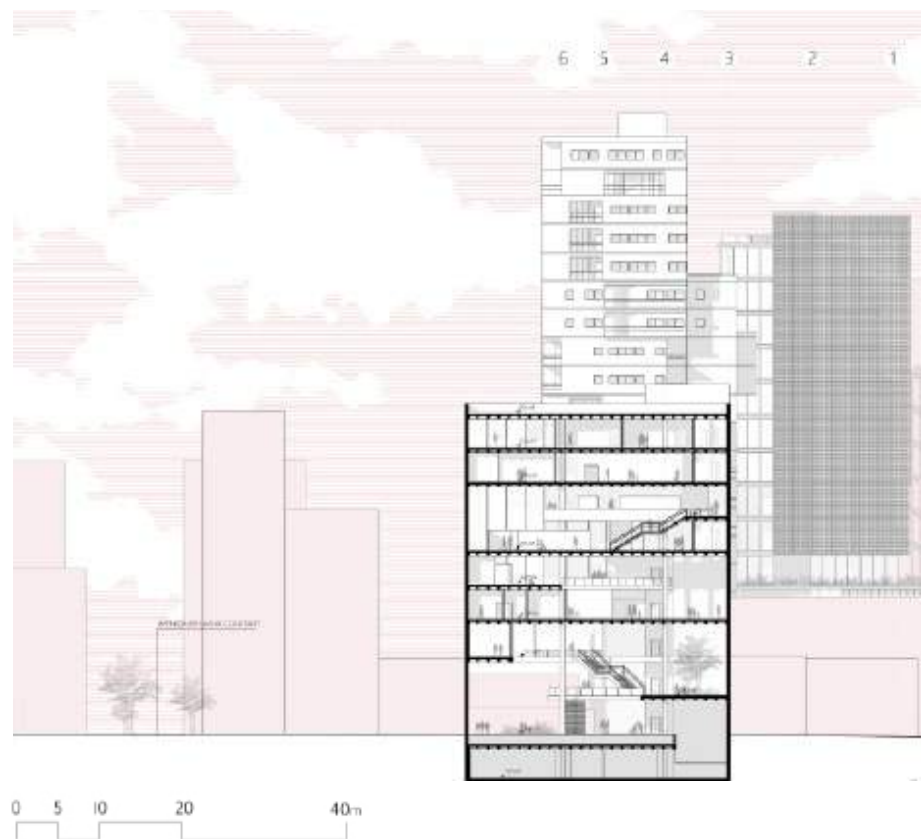


Figura 14 - Corte BB / Fonte : Autoria do grupo.

CORTE CC

32



Figura 15 - Corte CC / Fonte : Autoria do grupo.

CORTE DD



Figura 16 - Corte DD / Fonte : Autoria do grupo.

Abrigo emergencial em madeira

AUTORES

Aaron David Paim Pavliuk
Anna Cecília Soares Mota
Helena Rosandiski Hiratuka
Luana Coelho Silveira
Luiza Cappelin Zago
Matheus Randi Bueno
Thais Coelho Moda

6º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

PREMISSA

Diante da atual pandemia de Covid-19, diversas demandas urbano-sociais se intensificaram, sendo a falta de moradias adequadas um exemplo destas. Nesse contexto, a disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas B, oferecida pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, permite que os alunos desenvolvam propostas projetuais que possam responder à essas demandas, refletindo em seu caráter emergencial e a possibilidade de expansão e replicação dos sistemas trabalhados.

PROJETO

O projeto busca abrigar moradores de rua a curto e médio prazo, visando não só sua estadia nos dormitórios, assim como sua higiene, alimentação e lazer. Uma demanda observada pelo grupo também foi a necessidade de um canil, o qual foi implantado no projeto para que os animais possam se instalar junto aos seus donos de maneira adequada.

Com o projeto, buscamos conjuntamente levar uma integração para o pátio central, onde não só a movimentação do dia-a-dia aconteceria mas também a proposição de feiras, trazendo uma convivência maior para o local e a sensação de vizinhança. Nos equipamentos internos como cozinha e lavanderia, é previsto que os trabalhadores sejam os abrigados do próprio local, ajudando-os a se integrar novamente no mercado de trabalho.



Figura 1 - Perspectiva frontal / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 2 - Perspectiva isométrica / Fonte: Autoria do grupo.





Figura 5 - Elevação Oeste / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 6 - Elevação Sul / Fonte: Autoria do grupo.

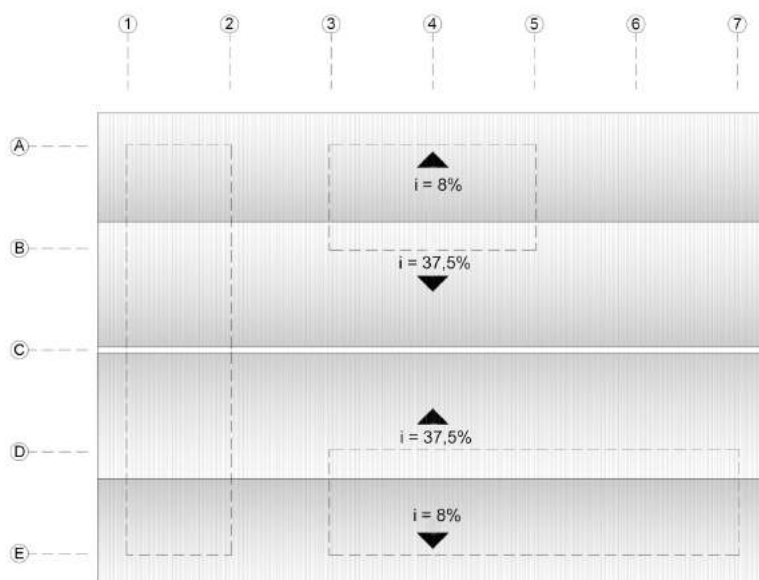


Figura 7 - Planta de cobertura / Fonte: Autoria do grupo.

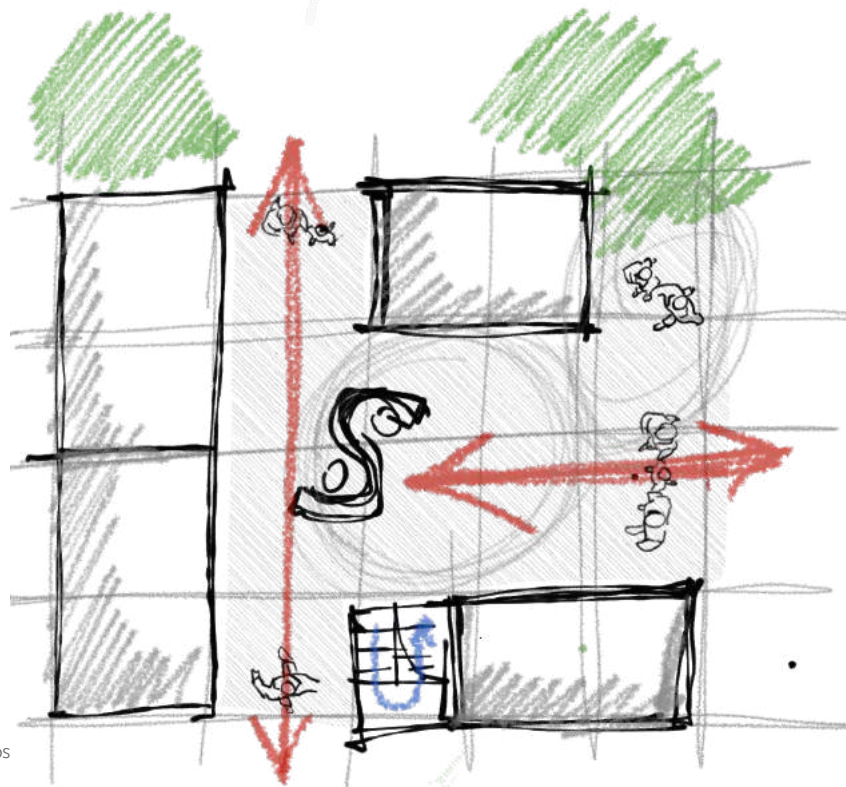
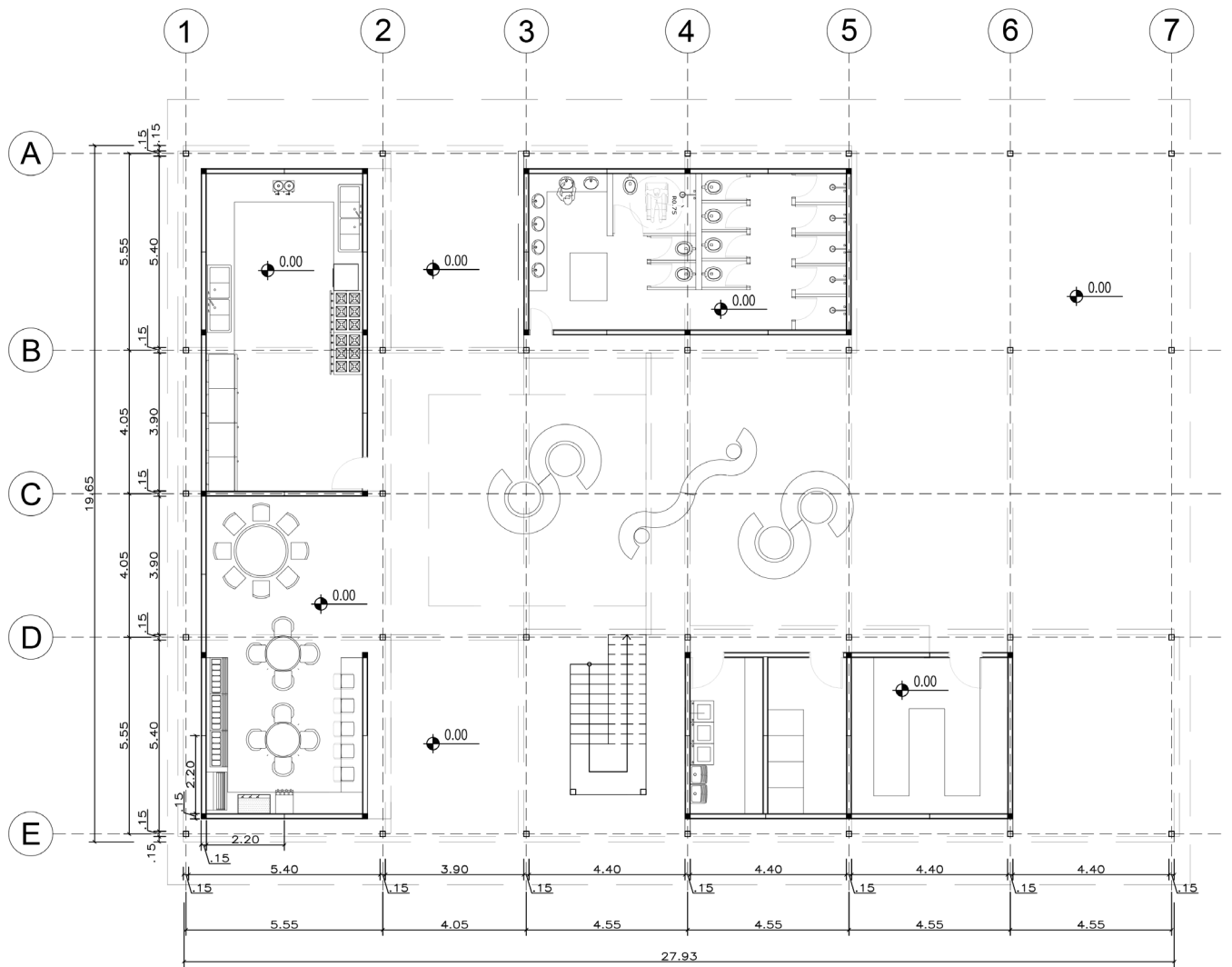


Figura 9 - Croqui de estudo de fluxos
Fonte: Autoria do grupo.

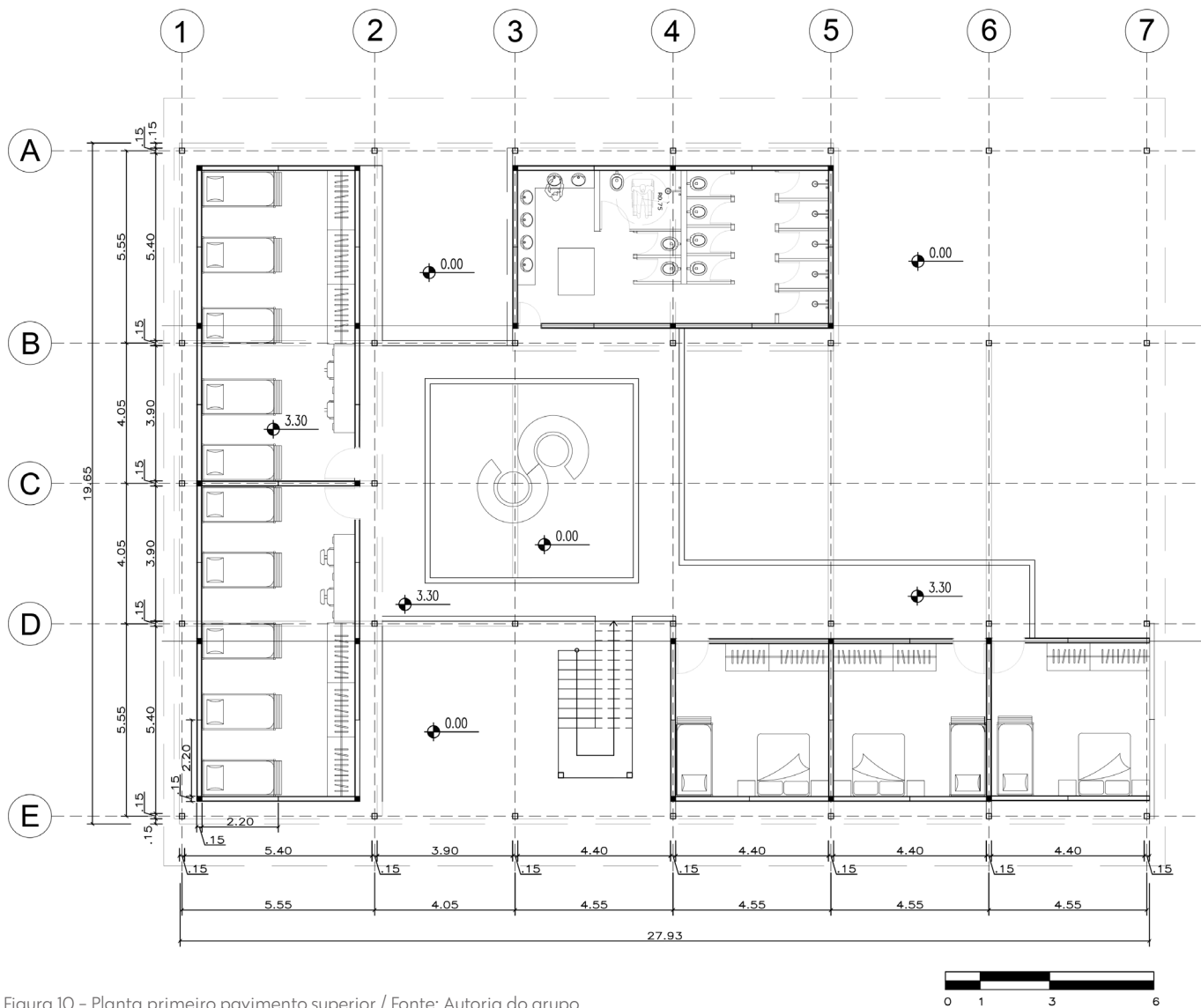


Figura 10 - Planta primeiro pavimento superior / Fonte: Autoria do grupo.

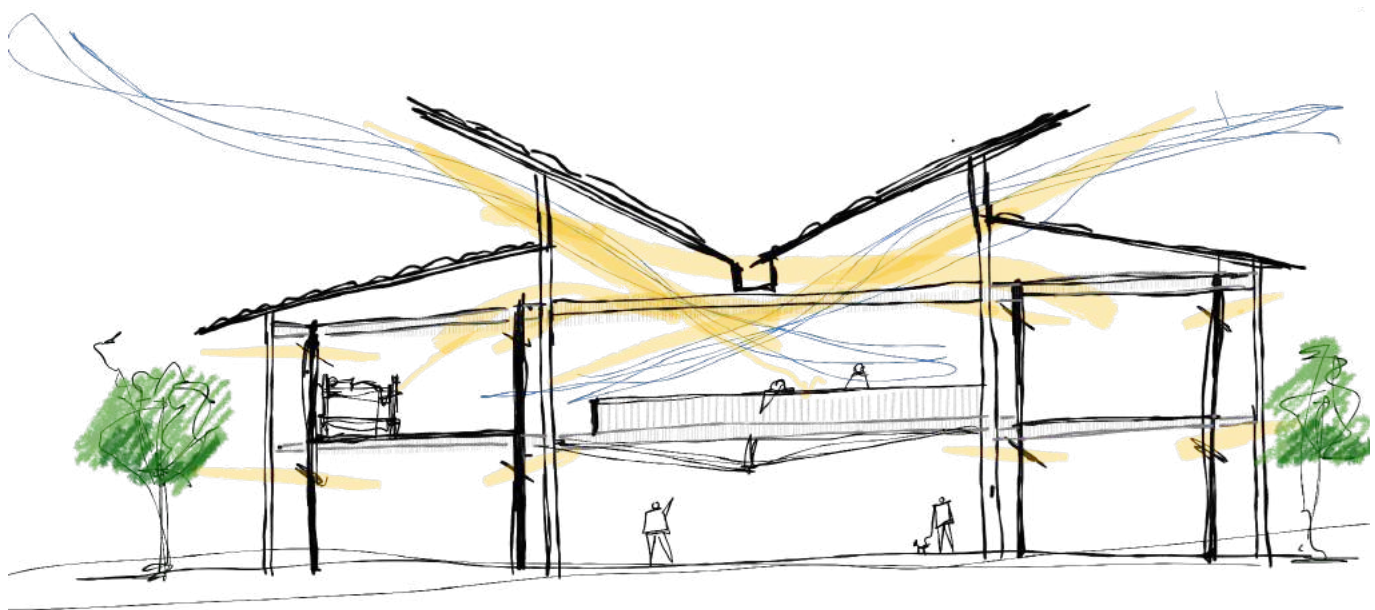


Figura 11 - Croqui de estudo de iluminação e ventilação naturais / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 12 – Perspectiva lateral / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 13 – Perspectiva lateral / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 14- Perspectiva do pátio central com vista para o canil / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 15 - Perspectiva circulação vertical / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 16 - Perspectiva do pátio central / Fonte: Autoria do grupo.

Ressignificação da Rotunda: Instituto Regional da Cultura

AUTORES

Grigor Pugliesi Bittencourt
Isabella da Rocha Dacal
Livia Bicudo Candido de Jesus
Marina Silva Faria Soares

6º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas



Figura 1 - Vista geral do pátio do Complexo da FEPASA / Fonte: Autoria do grupo.

MEMORIAL

Permeabilidade, revitalização e respeito ao pré-existente foram os pilares do projeto de intervenção e restauro proposto no Complexo da FEPASA em Campinas pela disciplina de Projeto F (Projeto e Patrimônio-Técnicas e retrospectivas).

O terreno do complexo está situado na região central do município, próximo à **Vila Industrial**, sendo uma região com um expressivo fluxo de pessoas, decorrente da presença do Terminal Central de Ônibus e da Rodoviária de Campinas, assim como dos equipamentos culturais, como o Sesc Campinas e o Teatro Castro Mendes, educacionais como escolas e faculdades, e equipamentos da área da saúde, evidenciados pelos mais de cinco hospitais em seu entorno direto.

Somado a isso, o Complexo atua como um **divisor socioespacial**, de maneira que a Norte-Centro é caracterizada como o bairro de maior renda e a Sul-Vila Industrial como de menor.

Assim, o pátio da FEPASA está implantado em

um cenário complexo, onde recebe muitas pessoas diariamente e possui a necessidade de costurar as porções norte e sul da cidade, de modo a integrá-las, promovendo maior igualdade e permeabilidade. Desta forma, foram então propostos usos metropolitanos nos edifícios do pátio, a fim de abastecer Campinas e as cidades vizinhas.



Figura 2- Vista seção oeste do Complexo da FEPASA / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 3- Implantação Geral / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 4- Implantação -Proposta de Usos /
Fonte: Autoria do grupo.

PROPOSTAS DE USO

1. Estação Cultura
2. Centro Metropolitano de Convenções
3. Centro de Eventos
4. Centro Poliesportivo
5. CEPROCAMP
6. Poupatempo
7. Complexo Metropolitano de Cinema
8. Instituição de Convivência da Terceira Idade (ICTI)
9. Biblioteca Metropolitana de Campinas
10. Administração FEPASA
11. Museu Regional de Arte Contemporânea
12. Centro Gastronômico Regional
13. Instituto Regional da Cultura

O edifício da Rotunda foi escolhido para o desenvolvimento do projeto, sendo o uso proposto definido como Instituto Regional da Cultura, onde o **patrimônio industrial** da arquitetura do edifício será preservado e permeado pela vertente de restauro da **Crítica Conservativa Criativa**. Assim, o Instituto reconhecerá as instâncias estéticas e históricas pautadas na relação dialética, trabalhando com o valor material do local. Entendendo o novo e o pré-existente em constante diálogo, sem recriar as técnicas do passado, e sim uma volumetria nova isenta de tensão com o antigo. De forma que o Instituto será composto pela Rotunda e anexos, sendo espaços traçados pela **Concha Acústica** e para ensaio da Orquestra Sinfônica de Campinas, percebendo a carência desse espaço no Município. O edifício contará ainda com a transferência do uso da Estação Cultura que agora retomará ao seu uso de estação.

PARTIDO DO PROJETO: CENTROS IRRADIADORES, GIRADOR E CONCHA ACÚSTICA

Foi criado um partido no qual todas as estruturas e **eixos estruturadores** partissem de um dos dois centros irradiadores, representados pelo girador e o palco da Concha Acústica. Essa linha de ligações seguindo os centros, acaba por formar propositalmente a forma de um "Z", estabelecendo então a **linguagem espacial** para a proposta do projeto. Atuando como o principal, a maior parte dos elementos se formam seguindo a irradiação do girador.

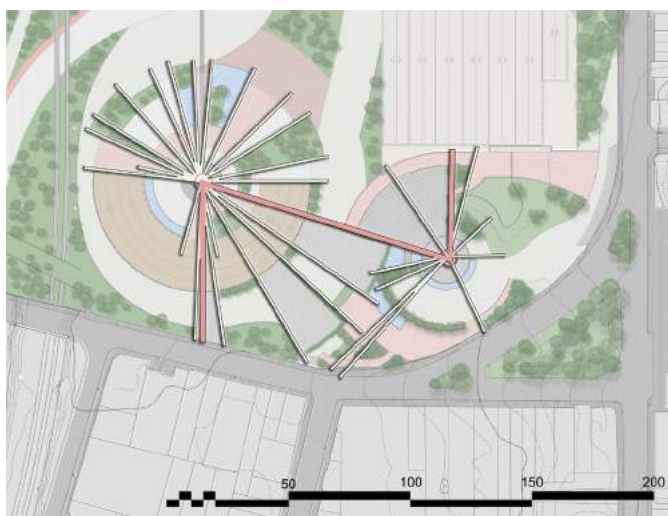


Figura 5 - Esquema centros irradiadores e linhas estruturadoras do projeto
Fonte: Autoria do grupo.

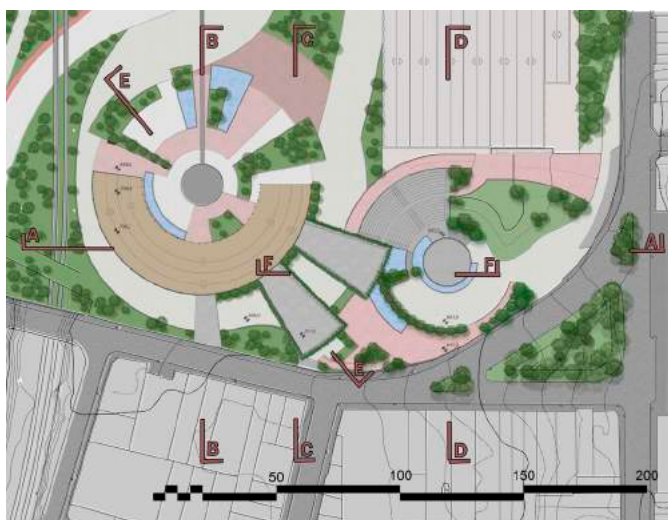


Figura 6 - Implantação Rotunda e anexo proposto
Fonte: Autoria do grupo.

PROGRAMA

O desenho do projeto terá como ideal o aproveitamento da topografia do terreno, buscando **permeabilidade e integração** com o exterior, pautado no partido de centros irradiadores dos eixos reguladores de todo o edifício e anexo, respeitando o pré-existente. Assim, o projeto ressignifica a Rotunda, alocando as Escolas de Música e Dança, junto com os usos da Estação Cultural atual. Somado ao anexo, composto por uma Concha Acústica, Auditório e Espaço de Ensaio da Orquestra Sinfônica de Campinas.

Prevendo o diálogo com o fluxo de jovens que acontece nessa área ao lado do Complexo, devido às escolas e faculdades ali presentes, e à conexão com a Rodoviária de Campinas, foi desenhada uma passarela de acesso a partir da calçada próxima à Rodoviária para o Instituto, abrangendo também os idosos que se encontram no edifício ao lado (Instituição de Convivência da Terceira Idade - ICTI), sendo convidativo a variadas faixas etárias e diferentes fluxos para o uso proposto.

Os dois centros irradiadores que desenham o partido do projeto situam-se um no **girador**, o qual foi mantido no projeto de forma a garantir sua preservação e importância para história do patrimônio industrial, e o outro no anexo, compondo a esquina da fachada sul, paralela à rua Dr Sales de Oliveira, localizado na Concha Acústica.

O projeto foi desenvolvido em três **grandes praças** em diferentes cotas: cota 698, onde está situado o edifício da Rotunda, previsto os usos das Escolas e da atual Estação Cultural, abrangendo apresentações, encontros e **espaços de convivência**; a cota 695, platô intermediário e estruturador, moldado pelo foyer do Auditório e um **café**, que proporciona um **fluxo público** de pessoas; e cota 690, que abriga o palco do Auditório.

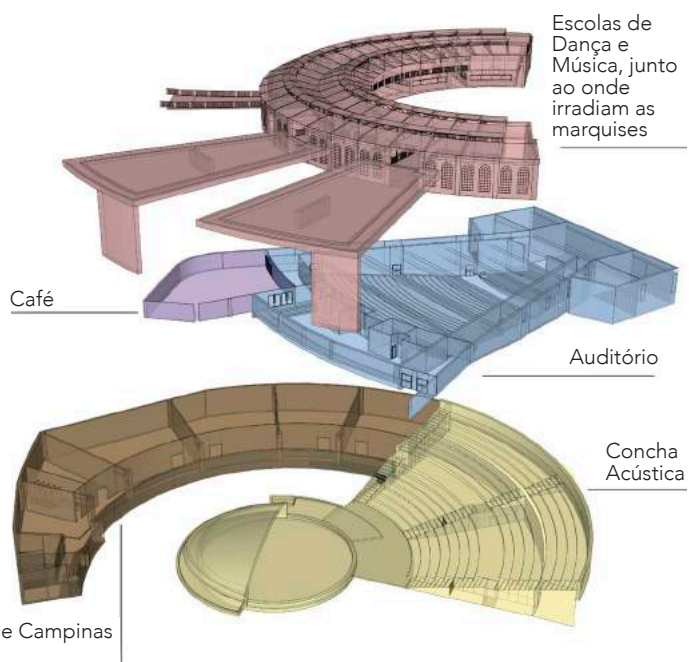


Figura 7- Perspectiva explodida / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 8 – Vista externa do anexo e rotunda ao fundo / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 9 – Vista externa da Concha Acústica com o edifício ao lado proposto com uso da Instituição de Convivência da Terceira Idade (ICTI) / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 10 – Vista externa da rua para o caimento de uma das marquises e a Concha Acústica ao fundo / Fonte: Autoria do grupo.

Assim, esse platô da cota 695 conecta os espaços citados com os da Concha Acústica, na cota 693, permeada por **espelho d'água**, arquibancada e utilização da topografia, a fim de empregar as curvas de nível como um espaço no gramado para assistir shows e apresentações na Concha, atuando também como barreira de ruídos sonoros vindos da rua Dr. Sales de Oliveira. E por fim, na cota 690 há espaços para ensaios da Orquestra Sinfônica, além de outras salas empregadas para manutenção de instrumentos musicais e mesmo outros ensaios.

Foram pensadas duas **marquises** que partem do edifício da Rotunda, moldadas pelo centro irradiador do girador e desenhadas a partir de ritmo de planos verticais em diferentes direções, sendo elas responsáveis por abranger usos ao ar livre e no seu térreo espaço de projeção de filmes. Desenhadas de maneira a transmitir **leveza**, quase como se flutuassem ao lado da Rotunda, visto também que encontram-se em uma das cotas mais altas.

A implantação de paisagismo foi a estratégia utilizada a fim de impedir as pessoas de alcançarem a beirada do platô. Além de que o mesmo foi estudado para compor o **desenho orgânico** proposto em todo o Complexo da Fepasa.



Figura 11 – Vista externa de uma das marquises e seu caimento, junto a conexão da arquibancada da Concha Acústica ao platô da cota 695 m
Fonte: Autoria do grupo.

CRÍTICA CONSERVATIVA CRIATIVA COMO BASE

Para o desenvolvimento de todo o projeto, foi estudado e entendido a vertente Brandiana da Crítica Conservativa Criativa. Esta foi levada em consideração durante a realização da proposta de restauro, obtendo cautela em respeitar a estética original do edifício mas de forma a adequar com os recursos criativos dos dias de hoje.

A utilização de novos materiais diferentes dos existentes na Rotunda, como o concreto e vidro foram levados em conta de modo que integrassem no projeto sem a necessidade de remoção de partes do edifício, somente como elementos complementares.



Figura 12 – Vista interna da rotunda / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 13 - Corte AA / Fonte: Autoria do grupo.

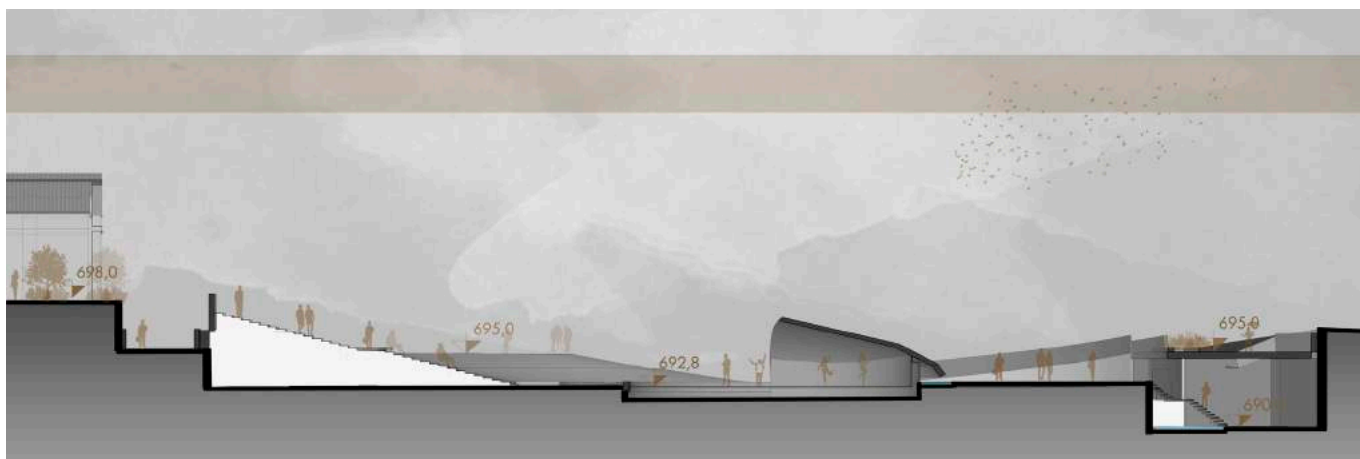


Figura 14 - Corte BB / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 14 - Corte CC / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 15 - Corte DD / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 16 - Vista externa de uma das marquises que irradiam da Rotunda / Fonte: Aatoria do grupo.



Figura 17 - Vista externa chegando na Rotunda / Fonte: Aatoria do grupo.

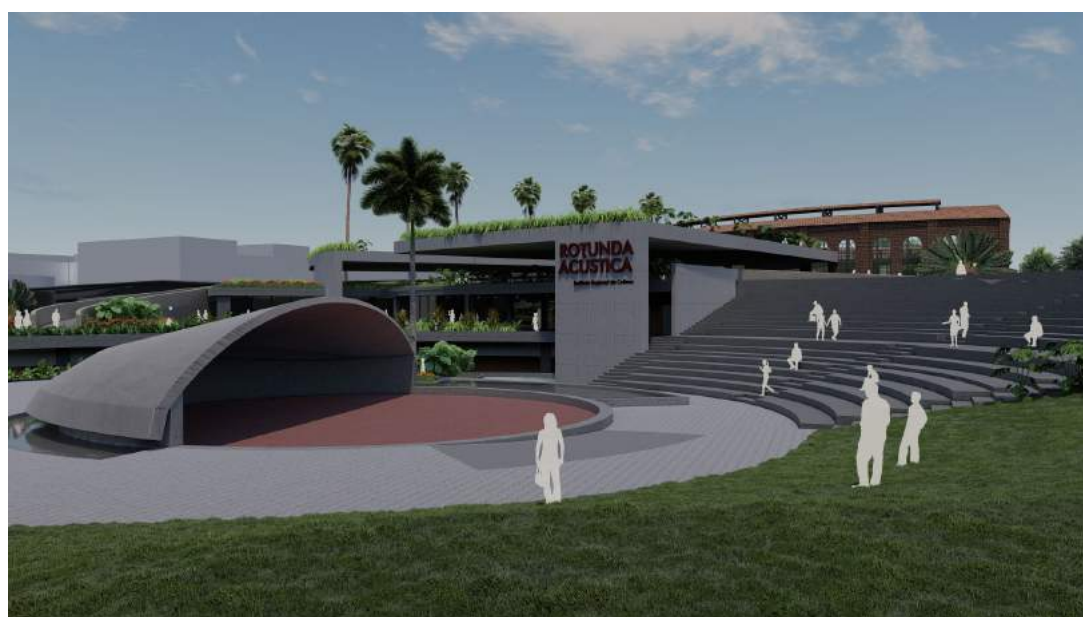


Figura 18 - Vista da Concha Acústica / Fonte: Aatoria do grupo.



Figura 19 - Vista interna do foyer do auditório / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 20 - Vista do acesso ao Café / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 21 - Vista interna do acesso das salas de ensaio / Fonte: Autoria do grupo.

PIN - Sinalização Urbana

Proposição de um objeto de sinalização inovador para o eixo da Avenida Anchieta e Rua Irmã Serafina, que tem como premissa a melhoria da sinalização, tanto dos espaços públicos quanto privados, de forma a criar uma rede e garantir visibilidade aos espaços culturais, institucionais, livres, de comércio e serviço.

AUTORES

Camila Valbert
Carolina Xavier Pinto de Souza
Isabel Reis de Souza
Larissa Namie Higa
Letícia Vasques Zerati
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas



Figura 1 - Família de objetos - PIN / Fonte: Autoria do grupo.

PALAVRAS -CHAVE

sinalização, visibilidade, conexão, identidade visual

O projeto do objeto inovador surge através da disciplina de Desenho do Objeto B, a partir do estudo e levantamento de dados do eixo da Avenida Anchieta e Rua Irmã Serafina, localizado no centro de Campinas, São Paulo.

Analisando a realidade do eixo estudado, percebeu-se uma frágil sinalização dos espaços públicos, sendo de convivência ou permanência, que são de extrema importância para a cidade.

Os mobiliários públicos existentes são incapazes de chamar a atenção do pedestre e de sinalizar os espaços em meio à paisagem urbana, tornando a cidade um ambiente de passagem e não de permanência, privando a própria população de criar um sentimento de pertencimento em relação ao espaço público.

A partir deste problema identificado, o objeto proposto tem como principal objetivo cumprir com seu papel enquanto mobiliário de sinalização urbana, de forma lúdica e dinâmica.

Alinhado à Lei Cidade Limpa, o objeto, em sua simplicidade formal e construtiva, apresenta um padrão e clareza na identificação dos espaços urbanos através da linguagem e comunicação visual comum.

O PIN pode ser incluído em duas esferas: **pública e privada**.

Os objetos localizados em locais públicos possuem duas alturas diferentes, de forma a proporcionar variadas relações com o corpo e visuais no espaço a ser implantado. Esses, podem ter três cores:

VERDE, para sinalizar Áreas Verdes da cidade.

MARROM, para espaços culturais como Teatros e Conservatórios.

AZUL, para Institucionais.

Em locais privados, os objetos serão fixados nas fachadas dos estabelecimentos, e terão a cor **VERMELHA** para sinalizar comércios, **LARANJA** para serviços e **AZUL**, também para usos institucionais.

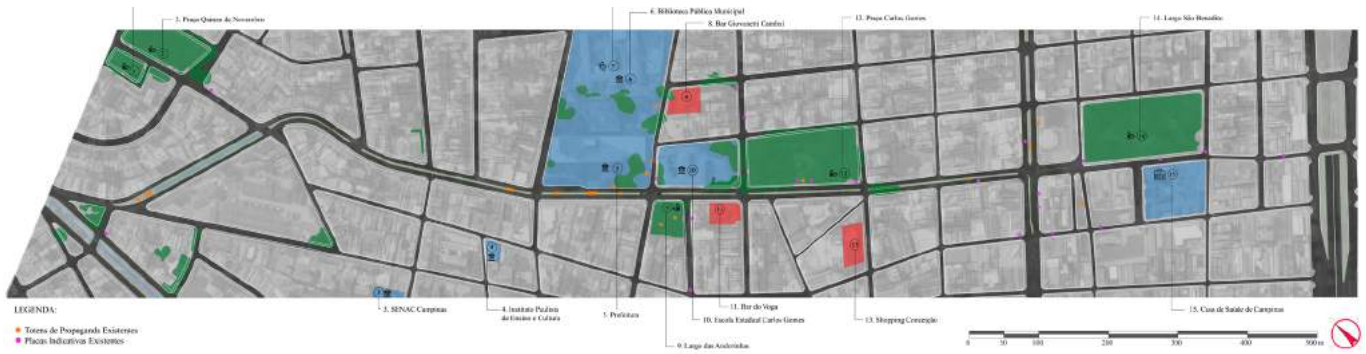


Figura 2 - Mapa de Situação - Produzido pelo grupo

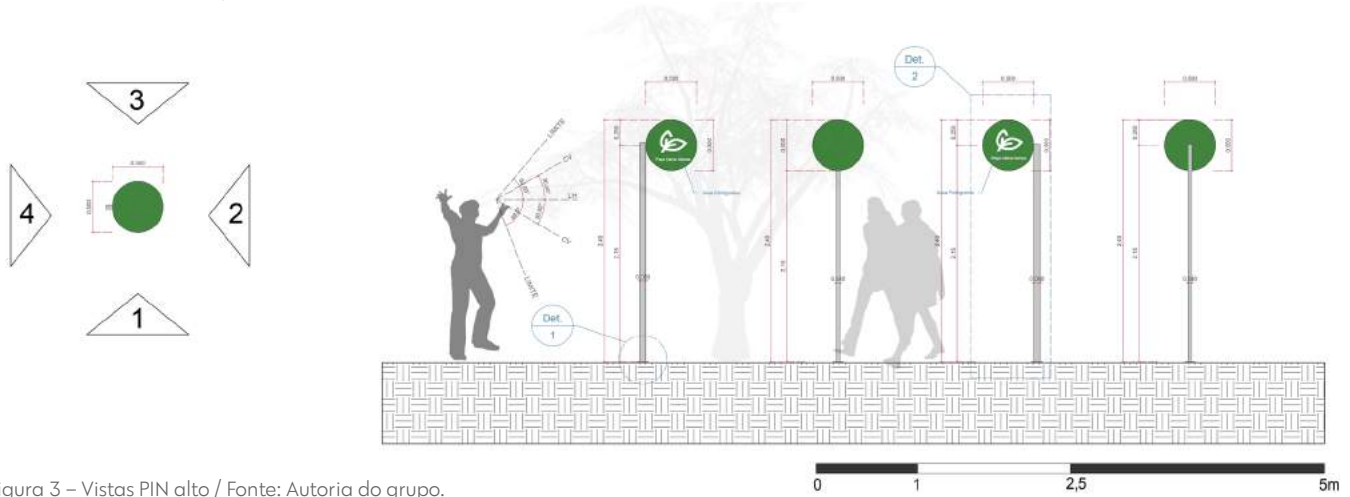


Figura 3 - Vistas PIN alto / Fonte: Autoria do grupo.

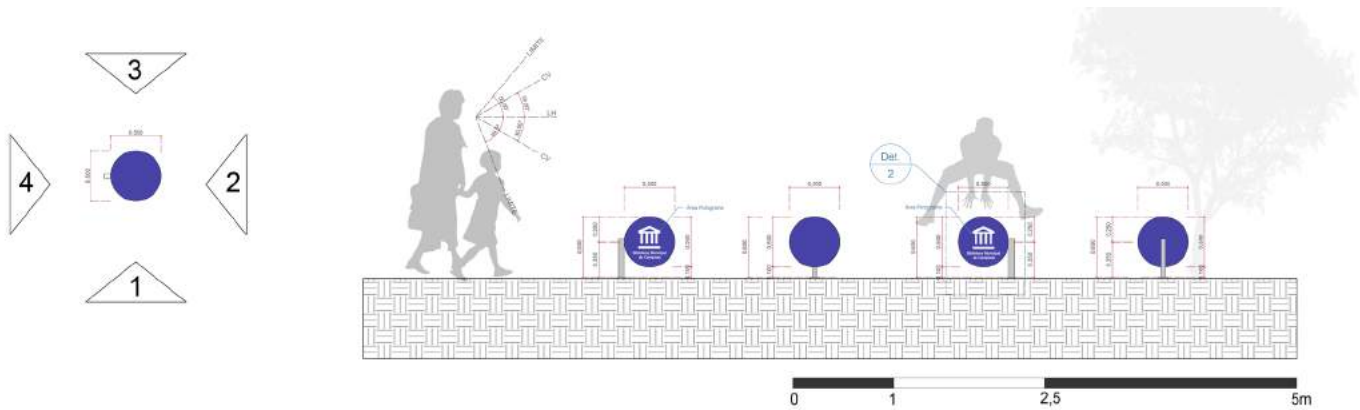


Figura 4 - Vistas PIN baixo / Fonte: Autoria do grupo.

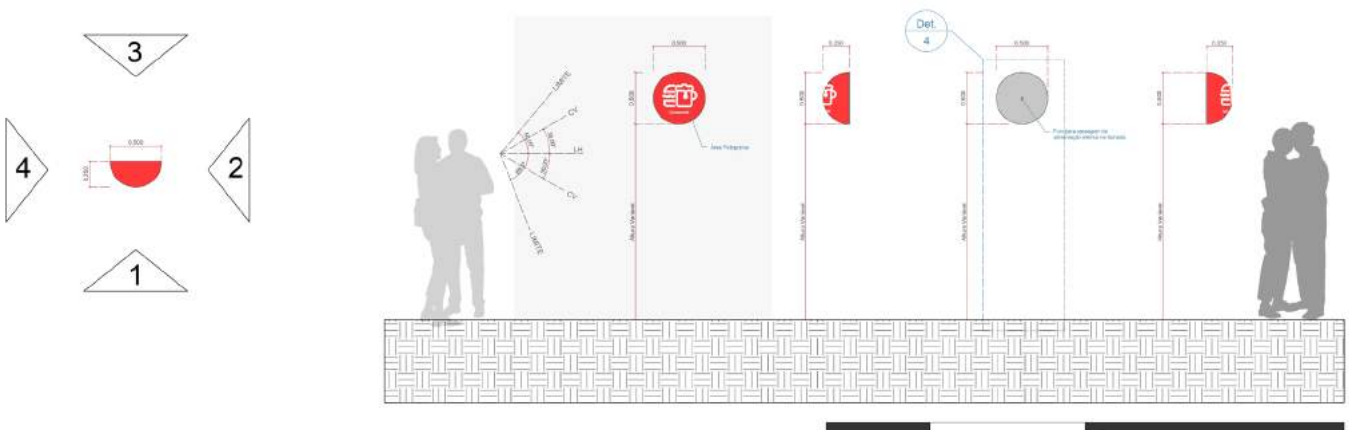


Figura 5 - Vistas PIN fachadas / Fonte: Autoria do grupo.

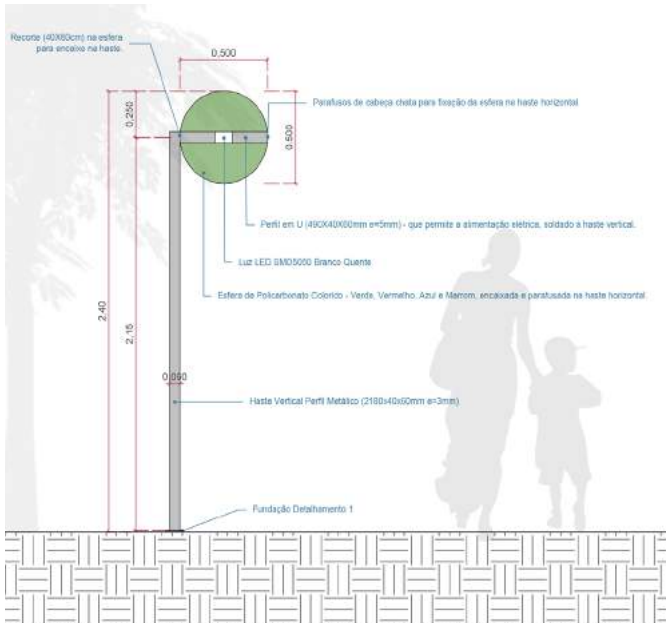


Figura 6 – Detalhamento PIN alto / Fonte: Autoria do grupo.

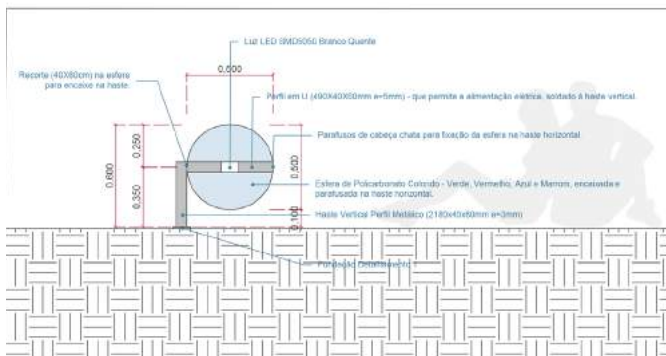


Figura 7 – Detalhamento PIN baixo / Fonte: Autoria do grupo.

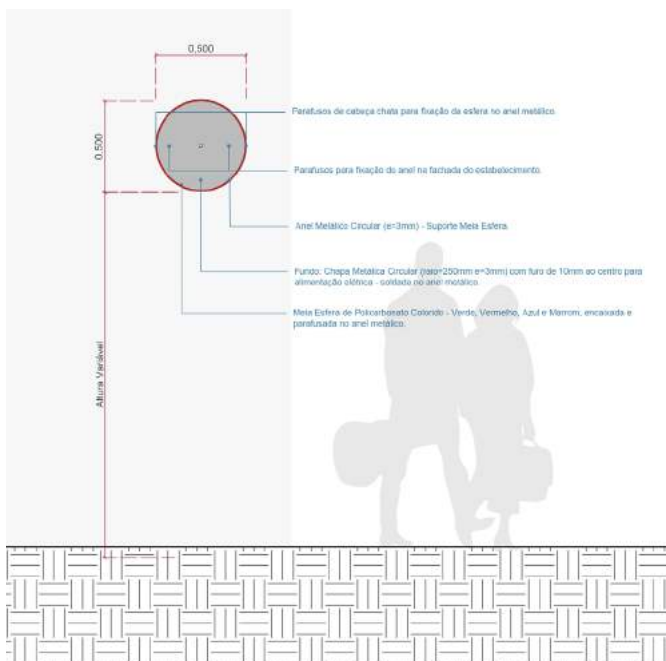


Figura 8 – Detalhamento PIN fachadas / Fonte: Autoria do grupo.



Página inicial do aplicativo proposto "Campinas Online - A cidade na palma da sua mão"



Página de navegação: Prefeitura, Fala C, Notícias, Serviços, PIN, Redes Sociais, Porte Público, Eventos, Mapa.



Câmera de escaneamento do pictograma existente no PIN.



Opções de lugares para selecionar a localização correta e atual do usuário.

Figura 9 – Esquema do Aplicativo/ Fonte: Autoria do grupo.

O projeto deste objeto foi pensado para possuir um simples processo construtivo, também considerando a sustentabilidade e economia de materiais. Os materiais utilizados são perfis e chapas metálicas para estrutura, e esfera de policarbonato translúcido fosco, assim como parafusos e perfil de led. Para o processo construtivo, são utilizados a solda MIG e corte a laser executados em fábrica, e para instalação do objeto no local, são utilizados apenas parafusos, simplificando a mão de obra e resultando em melhor acabamento.

O objeto em sua forma e cor já possui um diferencial do presente nas cidades, e por si só é capaz de se diferenciar no meio urbano, voltando o olhar do pedestre à ele, cumprindo com sua função essencial. Além disso, o mobiliário se une a um sistema inteligente – que complementa a função informativa do PIN, maximizando as possibilidades além dos materiais.

A partir do sistema de realidade aumentada, o objeto é integrado a um aplicativo que conecta todos esses pontos da cidade em uma rede a qual documenta o



Mapeamento de PIN's, estabelecimentos e espaços de interesse público.



Opções de informações (exemplo: Histórico do local, Avaliações, Eventos, Cardápio, etc).



Figura 10 – Objeto no Contexto – Bar Giovannetti Cambuí / Fonte: Autoria do grupo.



Figura 11 – Objeto no Contexto – Prefeitura Municipal de Campinas / Fonte: Autoria do grupo.

compartilhamento de informações e experiências que pontuam estes lugares sinalizados pelo objeto nas cidades.

O objeto nasce com o intuito de resolver um problema de sinalização urbana no trecho estudado na cidade de Campinas, mas entende-se que esta interconexão possa ser interessante se aplicada à todas as cidades, conformando um sistema único em rede, capaz de transformar a visão dos espaços que temos hoje, resgatando o sentimento de união entre pessoas, aproximando-as à lugares e eventos da cidade.

É um projeto capaz de conectar o mundo às pessoas.



Figura 12 – Objeto no Contexto – Largo São Benedito / Fonte: Autoria do grupo.

A regeneração urbana do bairro Bom Retiro - SP

Ensaio elaborado para a disciplina de Urbanismo C que busca fundamentalmente integrar as áreas do bairro Bom Retiro, as quais atualmente se encontram desconexas da malha urbana e da organização da cidade de São Paulo, dando vez a um novo sistema de espaços públicos integrados ao uso misto em função de áreas atualmente ociosas e obsoletas.

AUTORES

Bia Carvalho Costa Santos
 Caio Rodrigues Ramos
 Erik José da Silva
 Luiza Simionatto Budahazi
 Michelle Namie Maekawa
 Rodrigo Issao Miyashiro
 8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

INSERÇÃO URBANA E REGIONAL

O Bairro Bom Retiro, situado na região metropolitana de São Paulo, possui uma relevância regional e nacional, devido a sua localização estratégica. A área é delimitada a norte pela Marginal Tietê que estabelece uma relação direta às rodovias Castelo Branco, Anhanguera, Bandeirantes, Presidente Dutra e Fernão Dias, além disso é delimitada a sul pela Estrada de Ferro Santos - Jundiáí, e pelos rios Tietê e Tamanduateí, além de avenidas de importância estadual dentro da malha viária da cidade como as Av. do Estado, Av. Rudge, Av. Presidente Castelo Branco que contém variedade ao acesso dos transportes multimodais. O bairro também é caracterizado pela localização próxima ao centro histórico de São Paulo e próximo a equipamentos culturais importantes para o município. Devido ao eixo ferroviário e sua facilidade de escoamento de produção, o bairro recebeu muitos equipamentos industriais e comerciais ao longo de décadas, além da chegada dos imigrantes italianos, judeus, bolivianos em busca de trabalho e moradia, dando início a um dos primeiros bairros operários em São Paulo e estabelecendo no Bom Retiro um notório polo de produção comercial têxtil.

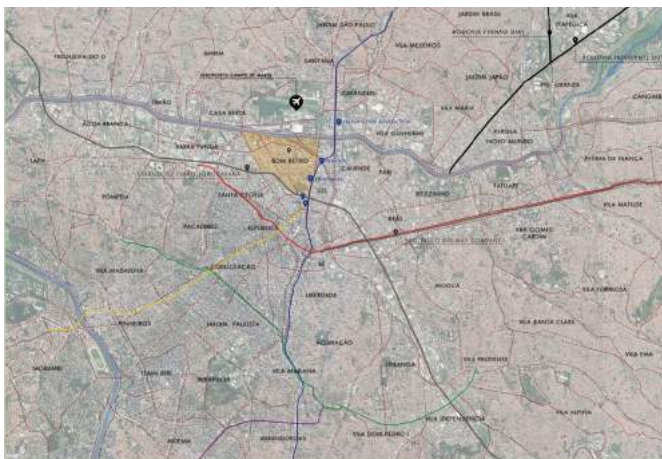
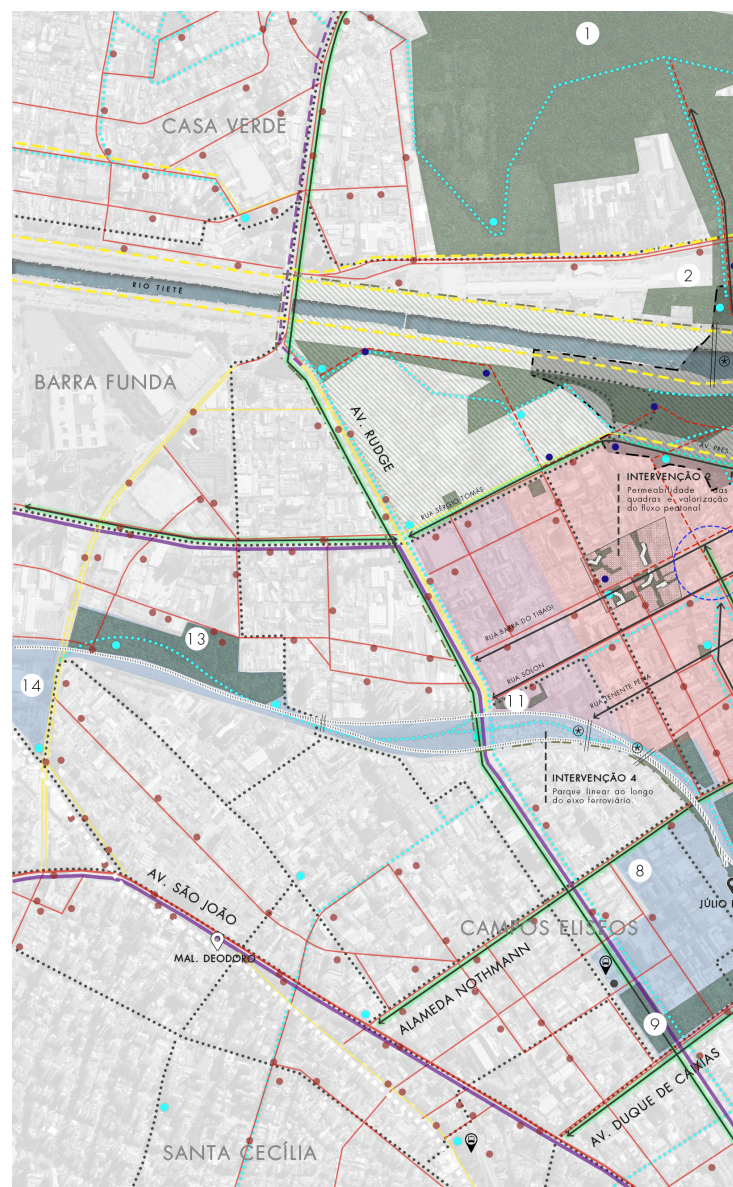


Figura 1 - Mapa de Inserção do Bom Retiro no centro histórico de São Paulo - sem escala / Fonte: Autoria do grupo sobre base do Google Maps



MAPA DE DIRETRIZES DE REESTRUTURAÇÃO URBANA

LEGENDA

- | | | | |
|--|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> 1 Parque Campo de Marte 2 Santuário de Ankarli 3 Palácio de Conservações Ankarli 4 Museu de Arte de São Paulo 5 Jardim da Luz 6 Igreja de Arte e Ofício de São Paulo 7 Parque Jardim da Luz 8 Igreja Católica de Jesus, Colégio Salesiano | <ul style="list-style-type: none"> 9 Praça Pinacoteca Isabel 10 São São Paulo 11 Antigo Fórum FORD 12 Museu de Arte de São Paulo 13 Praça Nicolau de Moraes Santos 14 Memorial de Antônio (atraso) 15 Estação de Cordeiro 16 Memorial do Antônio (atraso) | <ul style="list-style-type: none"> Multifunção urbana Linhas férreas Metro Corredor de ônibus existente Corredor de ônibus proposto Linhas exclusivas de ônibus existentes Linhas exclusivas de ônibus propostas Linhas de ônibus municipais existentes Linhas de ônibus municipais propostas | <ul style="list-style-type: none"> Ciclovias e ciclofaixas existentes Ciclovias e ciclofaixas propostas Eixos estratégicos internos propostos Eixos estratégicos internos propostos com uso interbairros importante Parque de linhas existentes Parque de linhas proposto Bicicletários existentes Bicicletários propostos |
|--|---|--|--|

MEMORIAL

A partir da compreensão do Bom Retiro e da sua inserção na capital paulista, resalta-se a variedade de fenômenos sofridos pela metrópole e seus impactos na área de estudo. Tida a problemática atual da cidade, se fazem questões para um novo olhar propositivo, sanando a descontinuidade que por reflexo caracteriza uma urbanidade heterogênea, plural e coletiva que se atenta a incorporação da preexistência e de novas áreas de sociabilidade, de forma empírica e prática que leva em consideração o que se deseja para quem ali habita ou que virá a habitar.

Deste modo, tem-se como eixos articuladores da proposta de reurbanização do Bom Retiro um sistema integrado de espaços livres, a valorização da memória coletiva, a vitalidade do espaço urbano, o adensamento e uso misto e a proposta de um novo modelo de mobilidade urbana que valoriza o pedestre e o transporte coletivo. Procura-se reestruturar o bairro a partir de eixos interbairros estratégicos que privilegiam os diferentes modais, sobretudo aqueles referentes à mobilidade ativa (pedestres e bicicletas); e de um sistema integrado de espaços livres e eixos verdes conectando a área para a além dos limites físicos do bairro desse estudo.

A nova forma de ocupação das quadras propostas, ao mesmo tempo que valoriza a preexistência, apropria-se da remoção de lotes subutilizados para permear e promover o adensamento com novos edifícios de uso misto no miolo das mesmas, gerando novos espaços verdes internos às quadras e um novo modelo acompanhado de uma dinâmica comercial na ocupação do térreo, que agora não mais se apresenta associado a estreitos espaços de circulação.

Ressalta-se também a implementação no Rio Tietê de um futuro modal hidroviário, associado a novas transposições voltadas ao pedestre, a diversidade de uso, aos novos equipamentos institucionais, as novas edificações e aos cais e as enseadas sugeridas, que proporciona uma nova relação do bairro com as margens, revitalizando esta área ambientalmente degradada e promovendo novas áreas de convívio, uma vez que buscase também a incorporação do Conjunto Habitacional Parque do Gato, que se mantém desconexo com a malha urbana, ao lado de terrenos ociosos e abandonados, revelando desde sua implantação em 2003 uma atividade habitacional diferente do contexto da cidade, e esquecido desde então.

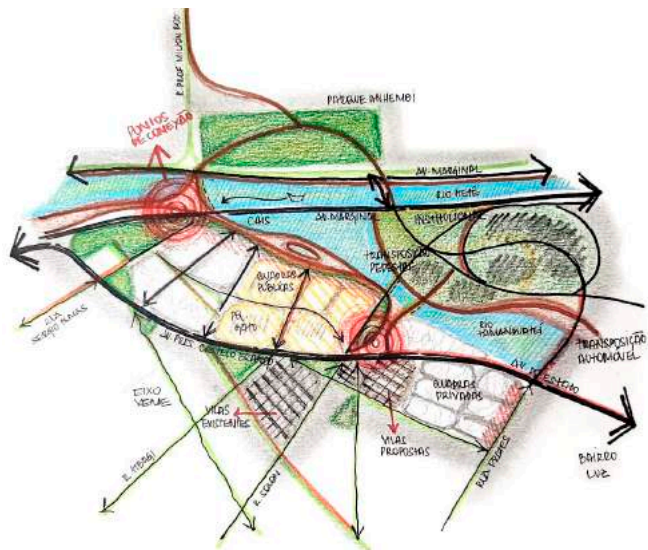


Figura 3 - Croqui da proposta de intervenção 1 na reurbanização da área norte do Bom Retiro / Fonte: Autoria do grupo

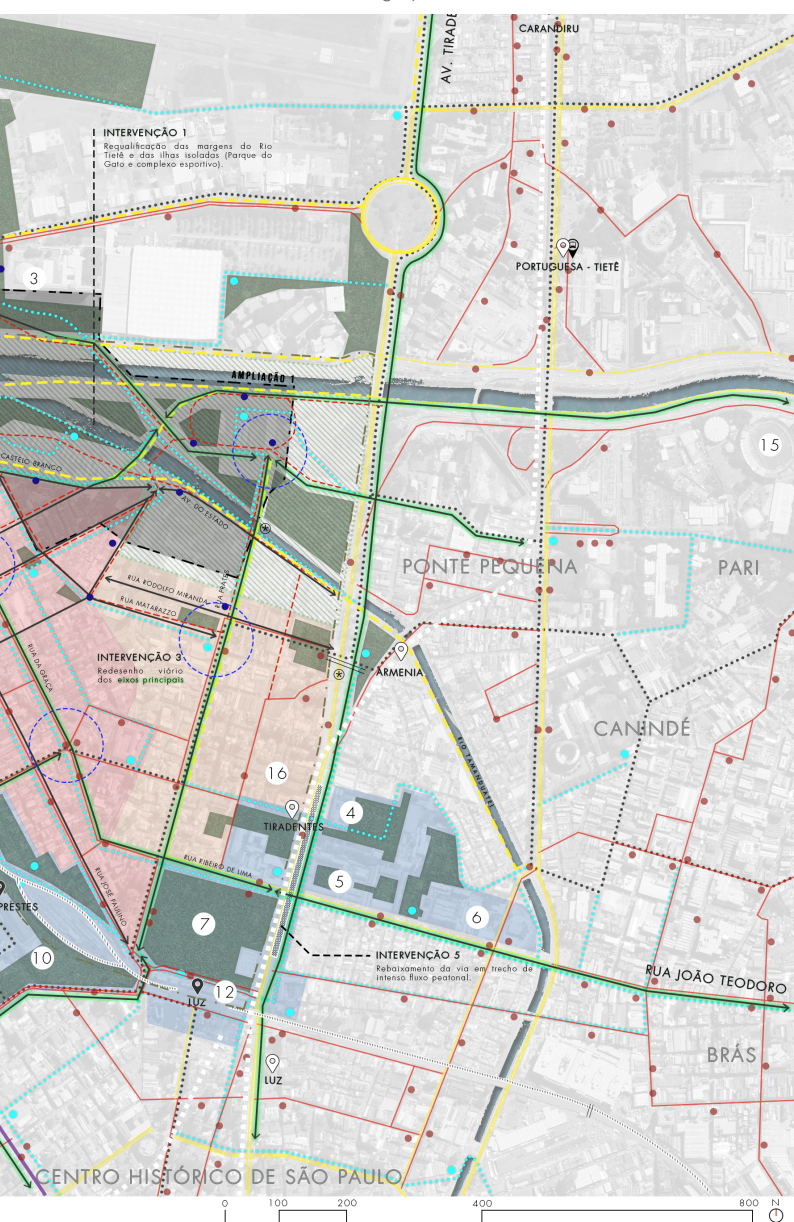


Figura 2 - Mapa de diretrizes de reestruturação urbana / Fonte: Autoria do grupo sobre base do Google Earth

Para nova reconfiguração urbana do Bom Retiro, pautou-se as propostas de intenção em cinco eixos estruturadores a serem colocados em prática ao longo de todo o bairro, sendo eles:

SISTEMA INTEGRADO DE ESPAÇOS LIVRES



- Promover praças, parque e eixos verdes;
- Regeneração das margens: proteção ambiental, convívio e lazer para a população;
- Criação de enseadas e cais;
- Eixos viários arborizados e ressignificação da relação dos rios com o bairro;
- Introdução de novas áreas verdes: respiros nos miolos e esquinas das quadras;
- Aumento da taxa de permeabilidade;

ADENSAMENTO E USO MISTO



- Promover diversidade de uso;
- Térreo comercial livre e permeável;
- Aumento do coeficiente de aproveitamento;
- Fachada ativa;
- Unidades habitacionais multifamiliares;
- Variação tipológica;

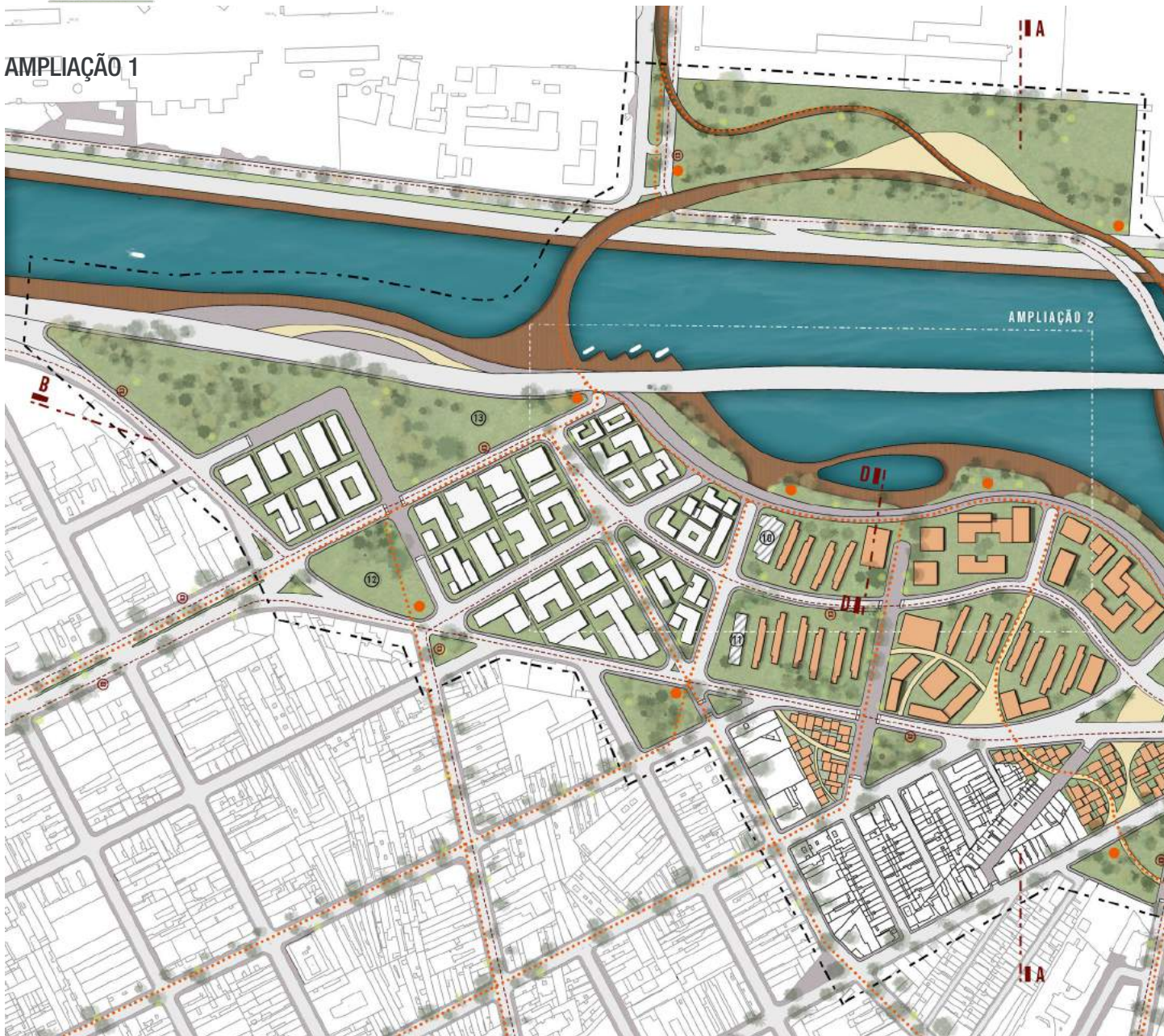
EIXOS ESTRUTURADORES

VITALIDADE DO ESPAÇO URBANO



- Ocupação dos lotes subutilizados com espaços públicos;
- Reparcèlement e conexão das quadras isoladas;
- Permeabilidade das quadras;

AMPLIAÇÃO 1



LEITO CARROÇÁVEL	PISO PERMEÁVEL	EDIFICAÇÕES INSTITUCIONAIS	RIO TIETÊ E RIO TAMANDUAÉ	EDIFICAÇÕES SETOR PRIVADO
PASSEIO E VIAS COMPARTILHADAS	ÁREAS PERMEÁVEIS	HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL	PASSEIO PÚBLICO (ORLA, CAIS E TRANSPOSIÇÕES)	CICLOFAIXAS E CICLOVIAS PROPOSTAS
1 CENTRO ESPORTIVO	3 ESCOLA TÉCNICA PROFISSIONALIZANTE	7 PLANTÁRIO	9 COMPANHIA DE SANEAMENTO BÁSICO DE SP - SABESP	11 CENTRO COMERCIAL E CULTURAL DO BOM RETIRO
2 UNIVERSIDADE FEDERAL	4 CENTRO DE PESQUISA	8 CENTRO CULTURAL	10 ESCOLA DE ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL	12 GINÁSIO DE SUMÓ DO BOM RETIRO
				13 BIBLIOTECA PÚBLICA
				14 CENTRO GASTRONÔMICO

Figura 4 – Implantação do Perímetro de Intervenção 1 (Ampliação 1) às margens dos rios Tietê e Tamanduaé – escala 1:2500 / Fonte: Autoria do grupo com

MOBILIDADE URBANA



- Rede de transporte coletivo que atenda ao bairro todo;
- Modal hidroviário e intermodalidade de transporte;
- Requalificação dos eixos internos (novos desenhos que priorizam o pedestre, o transporte público e o meio ambiente);
- Transposições voltadas ao pedestre e ao transporte público com áreas de sociabilidade e de permanência;
- Implantação de um novo sistema de rede ciclo viária;

VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA



- Valorização do patrimônio fabril como símbolo da história e da cultura do Bom Retiro;
- Preservação da memória industrial do bairro;
- Preservação dos elementos notórios preexistentes no bairro;



modificações sobre planta cadastral do GeoSampa.

NOVOS PARÂMETROS URBANÍSTICOS PROPOSTOS

MAPA DE COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO (CA)

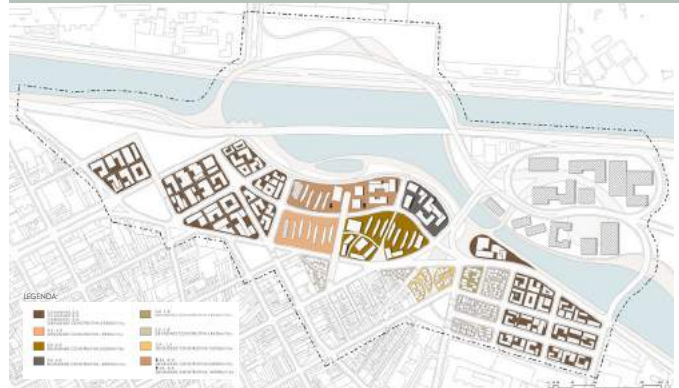


Figura 5 – Mapa de coeficiente de aproveitamento / Fonte: Autoria do grupo com modificações sobre planta cadastral do GeoSampa

MAPA DE DENSIDADE POPULACIONAL

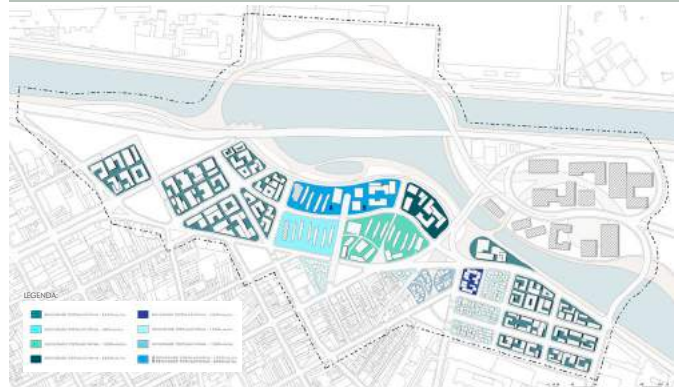


Figura 6 – Mapa de densidade populacional / Fonte: Autoria do grupo com modificações sobre planta cadastral do GeoSampa

MAPA DE TAXA DE OCUPAÇÃO (TO)

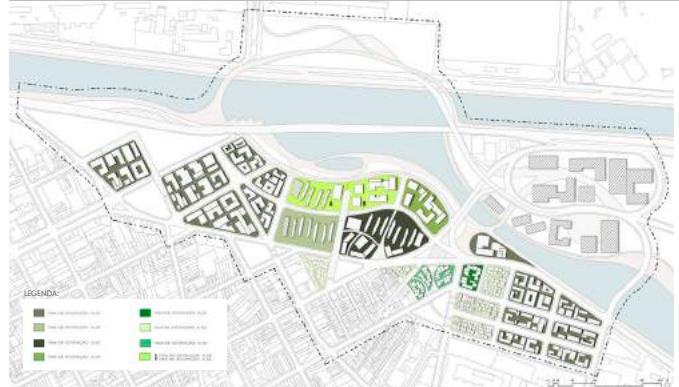


Figura 7 – Mapa de taxa de ocupação / Fonte: Autoria do grupo com modificações sobre planta cadastral do GeoSampa

MAPA DE DENSIDADE HABITACIONAL

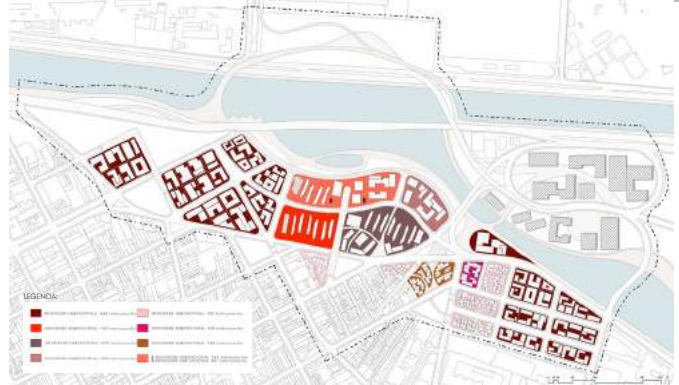


Figura 8 – Mapa de densidade habitacional / Fonte: Autoria do grupo com modificações sobre planta cadastral do GeoSampa

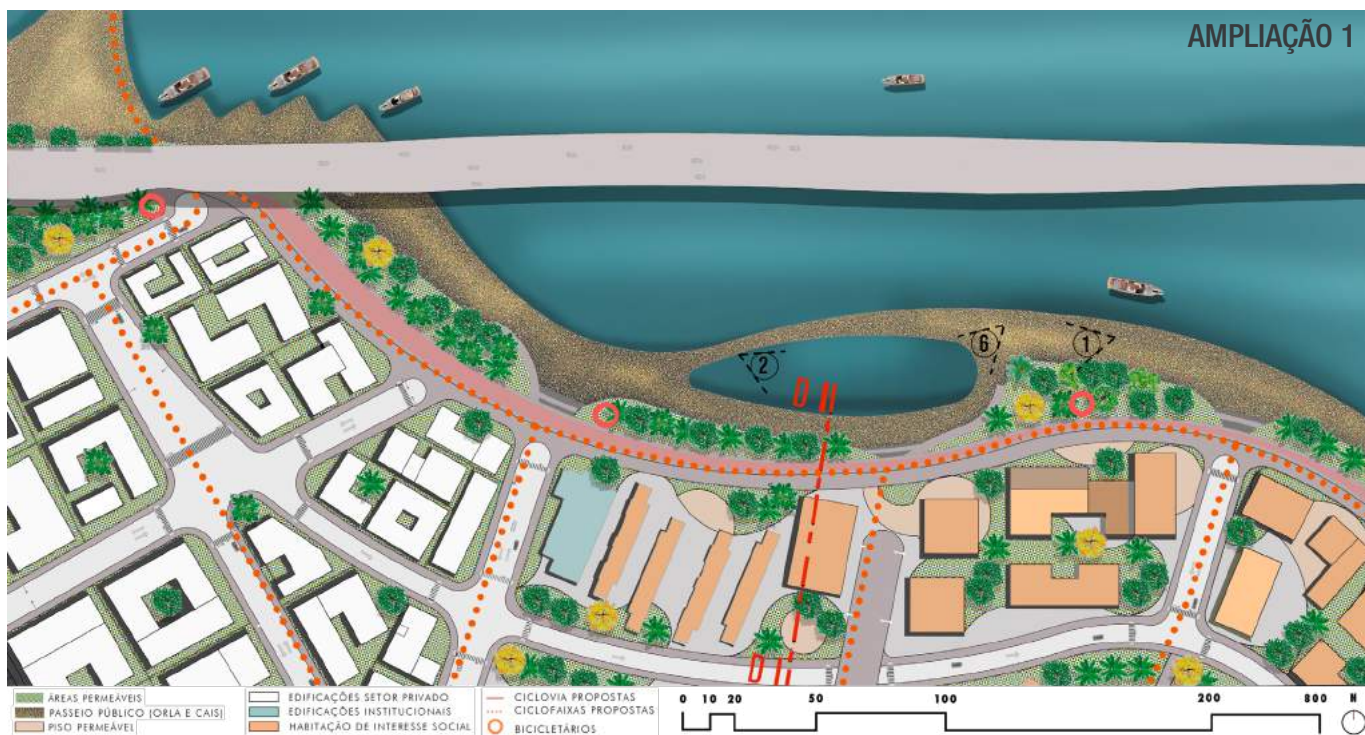


Figura 9 – Implantação aproximada do Perímetro de Intervenção 1 (Ampliação 2) às margens dos rios Tietê e Tamanduaé / Fonte: Aatoria do grupo

FLUXOGRAMA

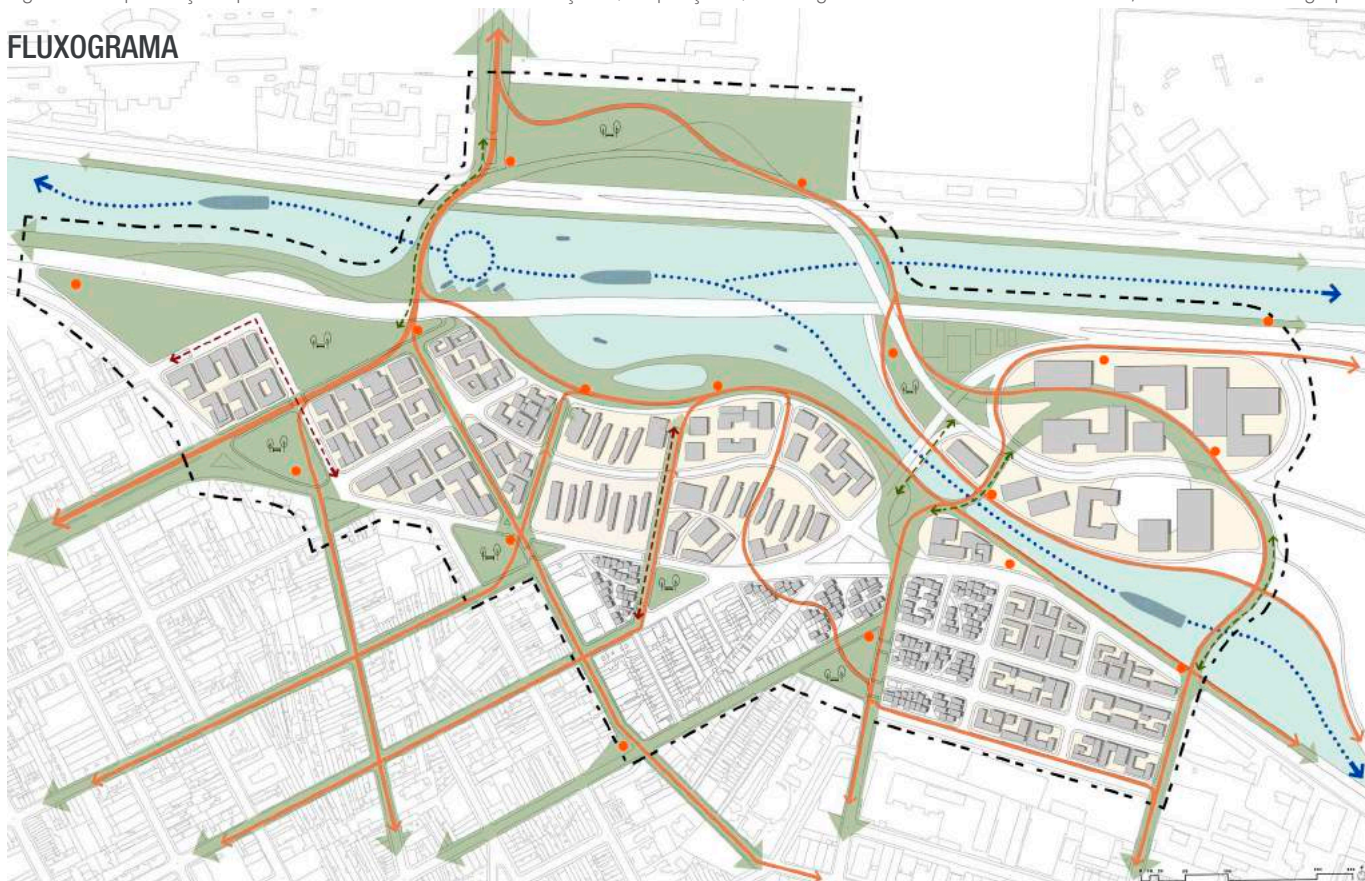


Figura 10 – Fluxograma e sistema de espaços livres na área de intervenção/ Fonte: Aatoria do grupo sobre base do Google 45°

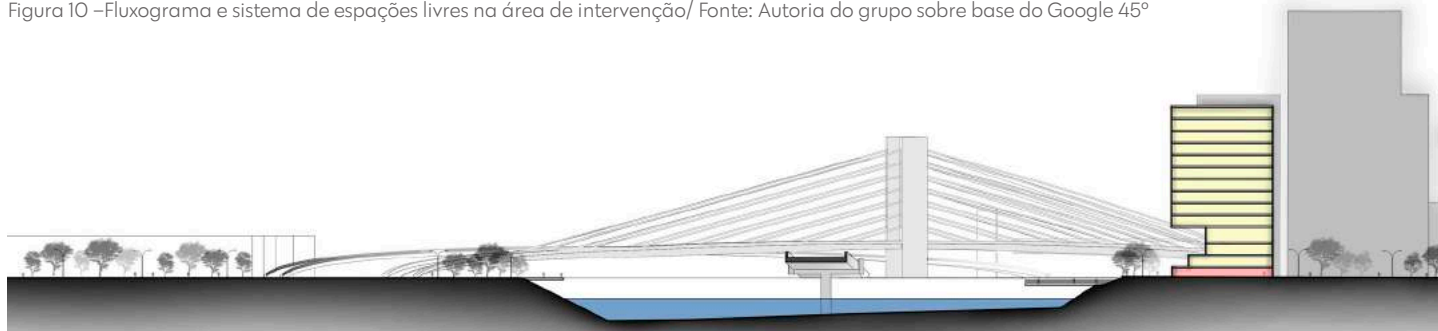


Figura 11 – Corte Geral AA/ Fonte: Aatoria do grupo

PERÍMETRO DE INTERVENÇÃO CENTRAL

O perímetro de intervenção escolhido tem como principais potencialidades a conexão interbairros, a possibilidade de implantação de um modal hidroviário e a revitalização das margens do Rio Tietê e Tamandateí. Sendo assim, com o objetivo de integrar esta área - atualmente isolada e fragmentada devido a retificação do rio e ao parcelamento tardio do solo - com o restante do bairro são propostos eixos verdes estruturadores articulados a um cais e uma orla que ressignificam a relação da cidade com a paisagem ambiental. Estes eixos verdes se distribuem estrate-

gicamente em todo o bairro, criando um sistema articulado de praças e parques que se apropriam da arborização, de passeios largos e de vias compartilhadas para se consolidar. A partir de quadras vinculadas ao setor privado e quadras públicas (junto a equipamentos institucionais), buscou-se a permeabilidade e a urbanidade a partir da diversidade tipológica e de uso. Além disso, as transposições voltadas à mobilidade ativa (pedestres e bicicletas) reconectam o Bom Retiro aos bairros próximos, além de promover uma integração entre o Parque Campo de Marte com o projeto.

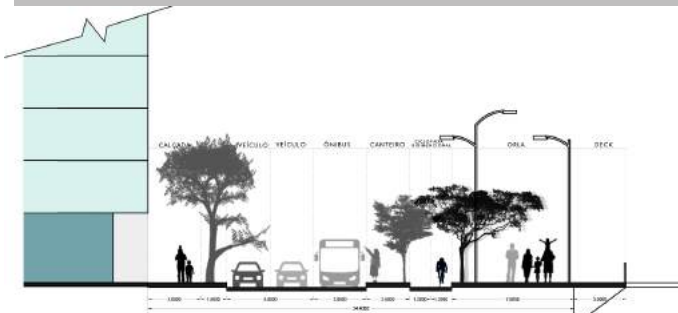


Figura 12 - Corte da proposta de reurbanização da Av. do Estado
Fonte: Autoria do grupo



Figura 13 - Croqui da proposta de reurbanização da Av. do Estado
Fonte: Autoria do grupo sobre imagem do Google Street View

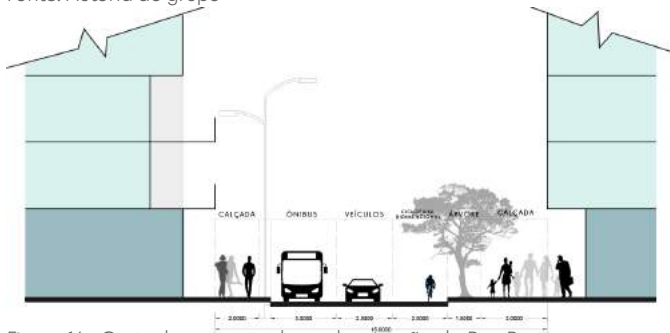


Figura 14 - Corte da proposta de reurbanização da Rua Prates
Fonte: Autoria do grupo

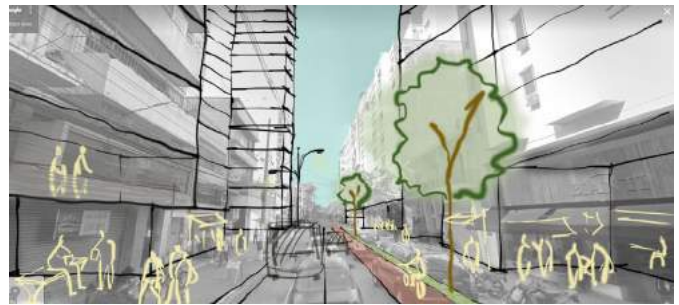


Figura 15 - Croqui da proposta de reurbanização da Rua Prates
Fonte: Autoria do grupo sobre imagem do Google Street View



Figura 16 - Corte da proposta de via compartilhada
Fonte: Autoria do grupo



Figura 17 - Croqui da proposta de via compartilhada lindeira às áreas públicas/
Fonte: Autoria do grupo sobre imagem do Google Street View



PROPOSTA DE FUNCIONAMENTO DAS QUADRAS PÚBLICAS (HIS) + CAIS AO LONGO DO RIO TIETÊ

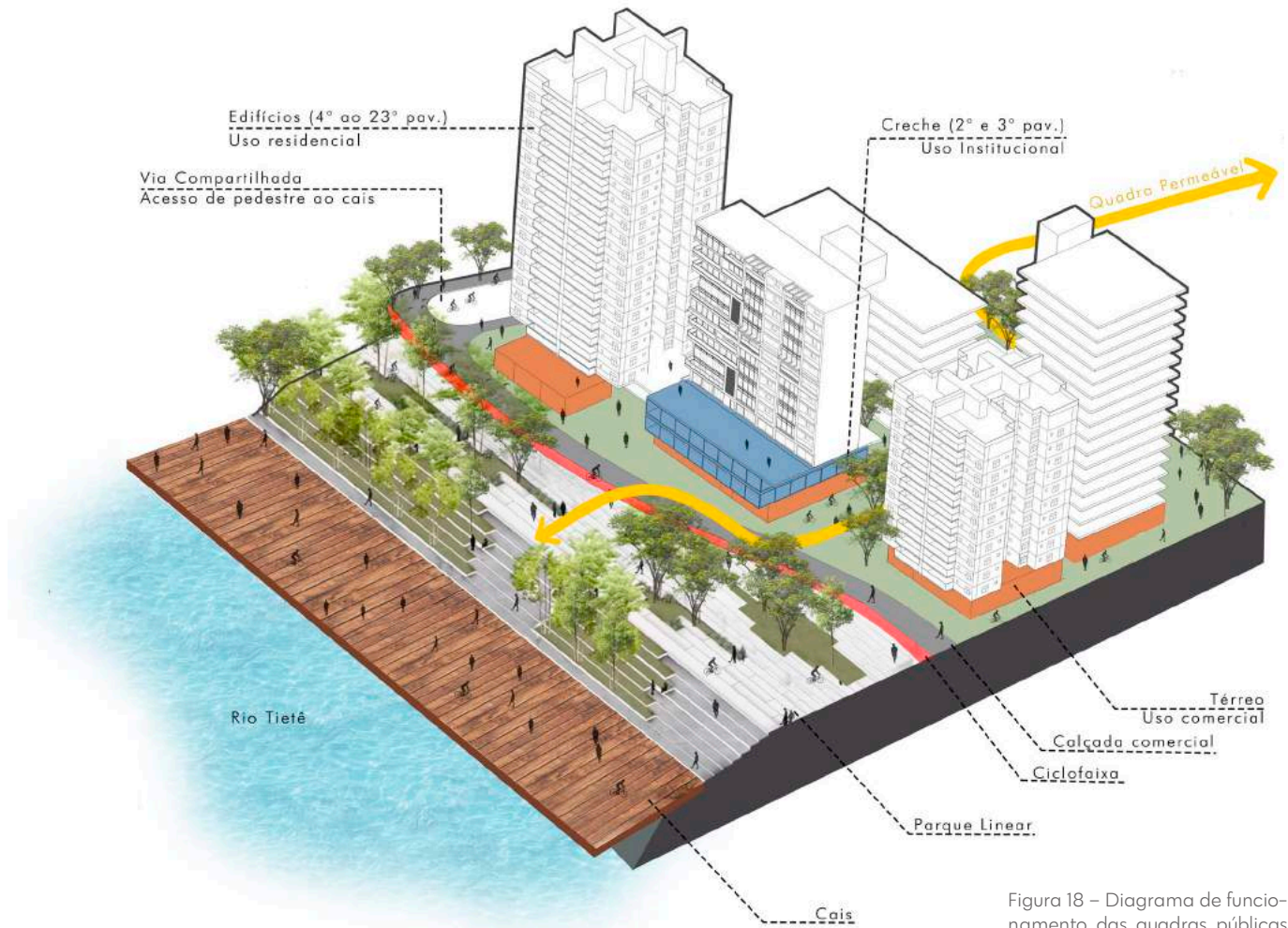


Figura 18 – Diagrama de funcionamento das quadras públicas com Habitação de Interesse social (HIS) lindeiras ao cais. Fonte: Autoria do grupo

PROPOSTA DE FUNCIONAMENTO DAS VILAS



Figura 19 – Diagrama de funcionamento das vilas residências abertas (HIS) atreladas aos fluxos peatonais cais. Fonte: Autoria do grupo

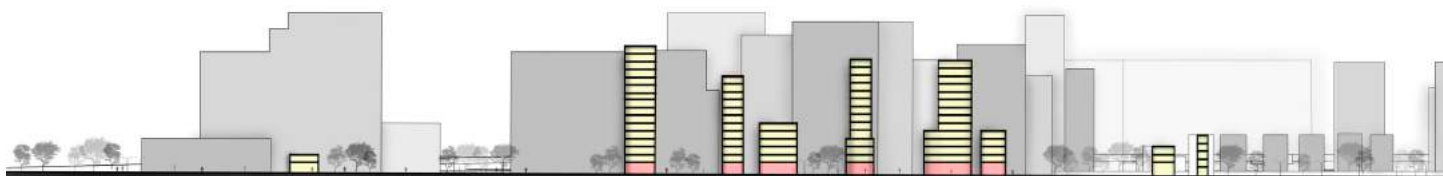


Figura 20 – Corte Longitudinal BB / Fonte: Autoria do grupo

VOLUMETRIA GERAL



Figura 21 – Proposta de volumetria geral na área de intervenção 1 às margens dos rios Tietê e Tamanduateí / Fonte: Autoria do grupo sobre base do Google 45°



Figura 22 – Croqui do novo cais do Rio Tietê / Fonte: Autoria do grupo sobre imagem do Google Street View



Figura 25 – Perspectiva 1 da orla comercial do Rio Tietê / Fonte: Autoria do grupo

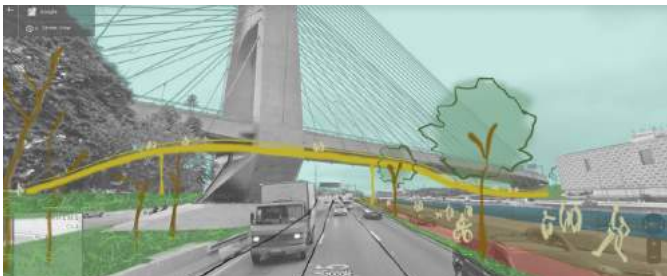


Figura 23 – Croqui da proposta transposição de pedestres e ciclistas acima da Marginal Tietê com conexão ao Campo de Marte / Fonte: Autoria do grupo sobre imagem do Google Street View



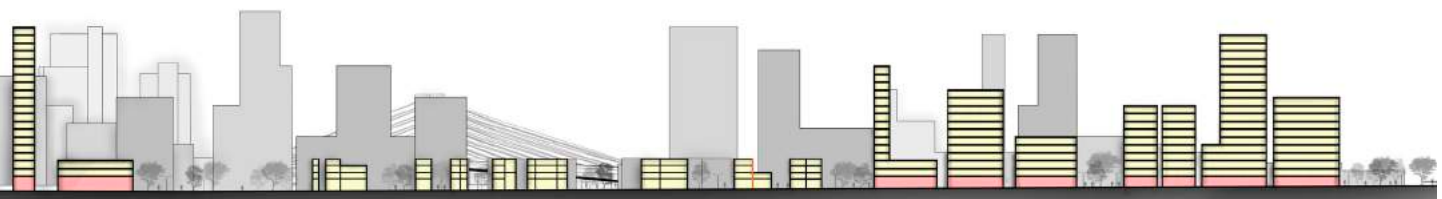
Figura 25 – Perspectiva 2 da orla comercial do Rio Tietê / Fonte: Autoria do grupo

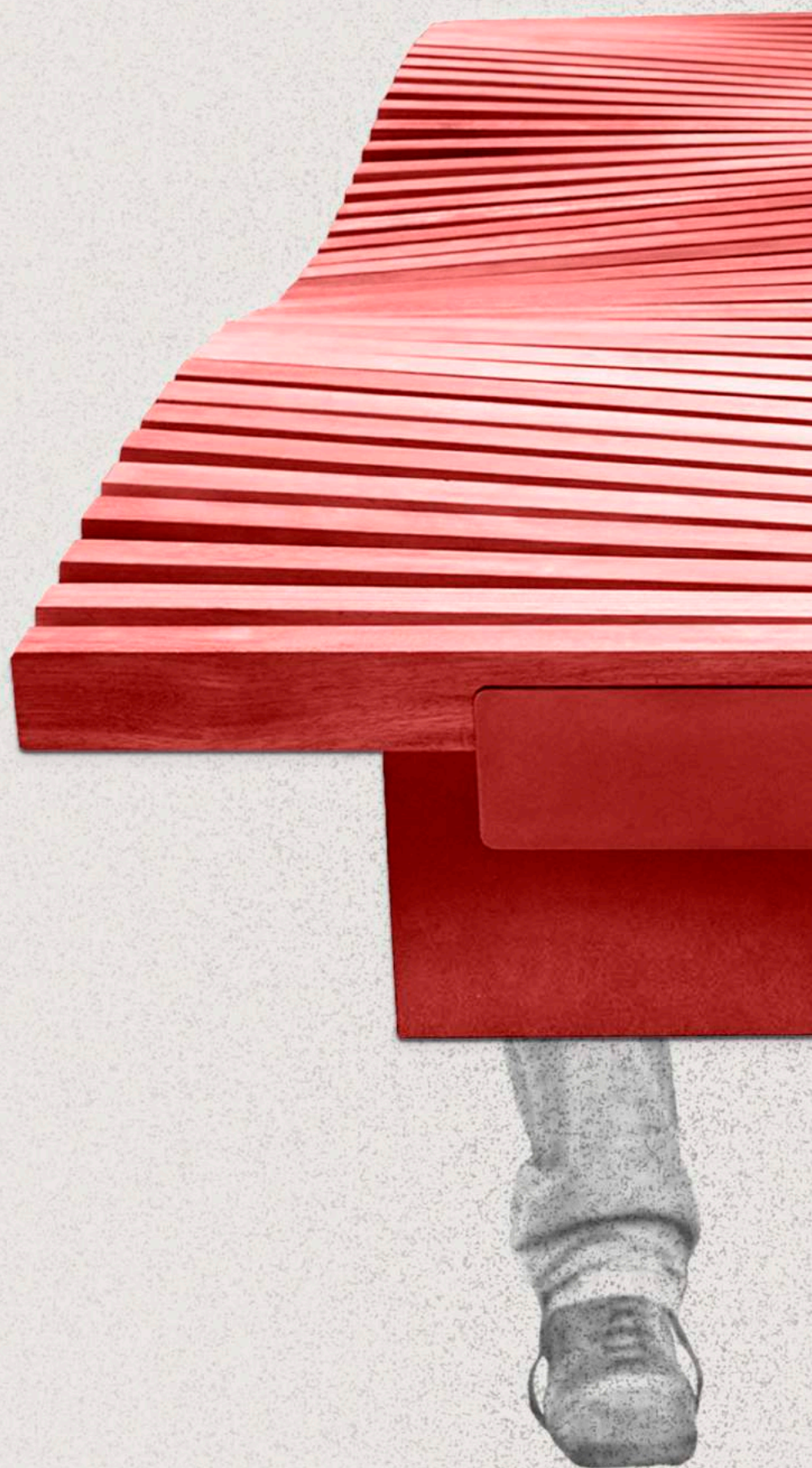


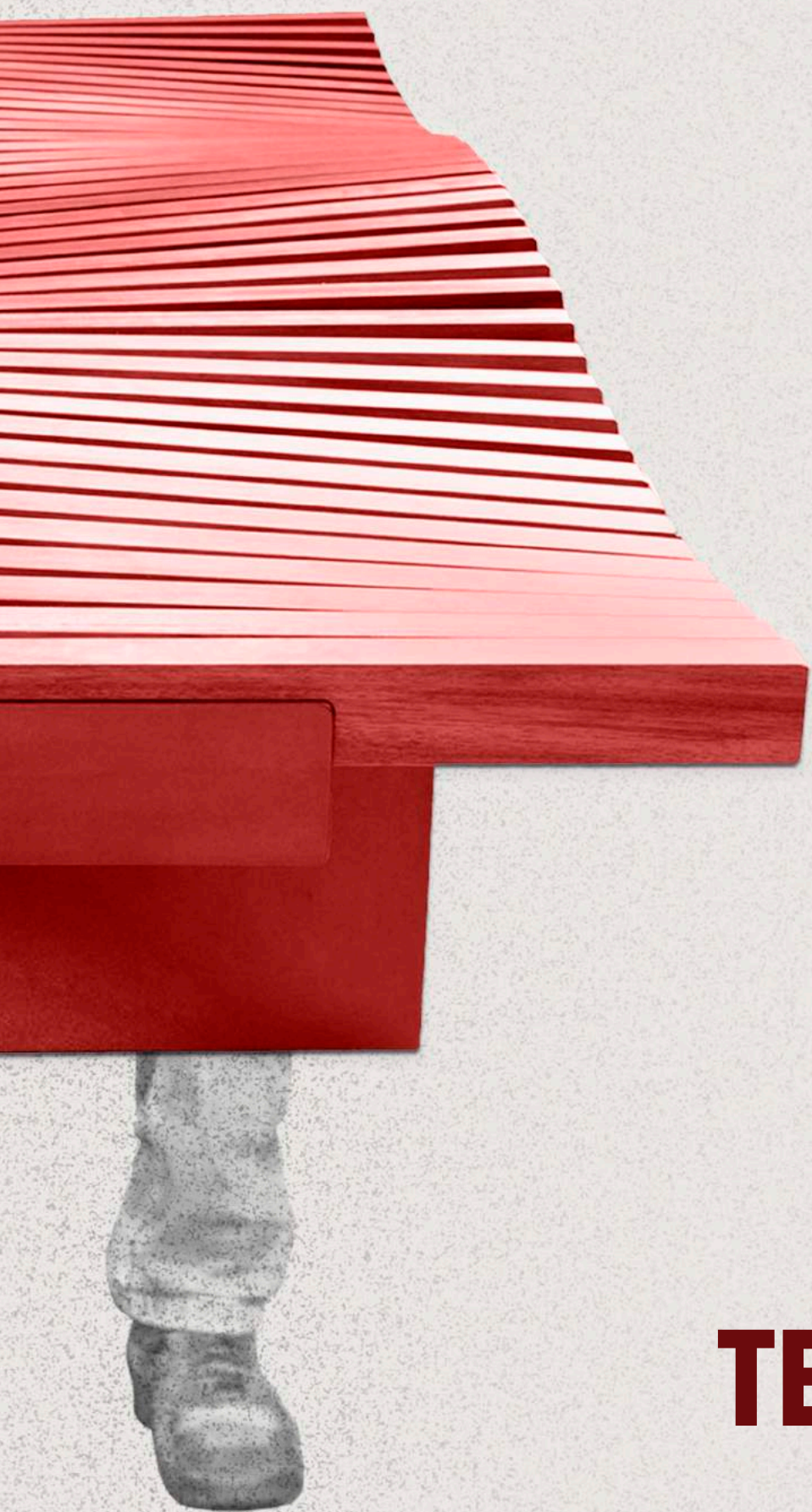
Figura 24 – Croqui das vilas residenciais / Fonte: Autoria do grupo sobre imagem do Google Street View

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MENDES, L. A regeneração urbana na política de cidades: inflexão entre o fordismo e o pós-fordismo. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)*, v. 5, n. 1, p. 33-45, jan./jun. 2013
- BERNARDINI, S. P.; VENITUCCI, R. U. Territórios cindidos: o bairro do Bom Retiro e o conjunto habitacional Parque do Gato em São Paulo. *PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção*, Campinas, SP, v. 6, n. 3, p. 169-187, 2015. DOI: 10.20396/parc.v6i3.8635019.







ensaios
TEXTUAIS

É possível falar de um lugar da mulher?

Ensaio elaborado para a disciplina de Teoria da Arquitetura. Por acreditar que a resposta para esta pergunta passa por um emaranhado indissociável entre a questão social e a questão espacial (cidade e arquitetura), ao longo deste trabalho a análise sobre o lugar da mulher em aspectos físicos ou abstratos. Para tal, será utilizada como base a análise do filme, *A Vida Invisível* de Eurídice Gusmão.

AUTORES

Bianca Rizk
Helena Martins Colombo
Isabela Nonato Criado
Lara Papin Briani
Nilma Karoline Souza da Conceição
Pâmela Nascimento Vieira
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas



Figura 1 - Pôster do filme *A Vida Invisível*. Fonte: RT features produção.

1. FILME “A VIDA INVISÍVEL”

Ganhador do prêmio principal da mostra Um Certo Olhar no Festival de Cannes em 2019 e inspirado no livro *A Vida Invisível* de Eurídice Gusmão de Martha Batalha, o filme *A Vida Invisível* retrata a história de duas irmãs (Eurídice e Guida) durante os anos 1950 na cidade do Rio de Janeiro com olhares leves e felizes retratando a espontaneidade feminina. Logo em seguida, as duas se desencontram por um breve período e chamam uma pela outra. Esta cena inicial é um prenúncio do que viria a se tornar a história das duas irmãs ao longo do filme – friamente separadas pela estrutura patriarcal familiar e social e que passam pela vida à procura uma da outra. Os letreiros em vermelho vivo, cor de sangue, com o nome do filme faz alusão à violência vivida pelas mulheres neste filme. Violência física, psicológica, social e espacial.

1.1 SOBRE A INVISIBILIDADE

Como o título afirma, *A Vida Invisível* fala sobre a representação do invisível. Neste filme repleto de dualidades, a mulher passa da condição de sujeito à sua objetificação. O oculto sempre está presente, apesar das aparências. Criação e destruição. Ausência e presença. Vida e morte (tanto real quanto simbólica).

Ao evidenciar as estruturas familiares e sociais patriarcais, as mulheres são levadas ao silenciamento, às interrupções e às negações – à escolha, aos afetos e aos futuros. As personagens são transformadas ao longo do filme e levadas à reclusão social e ao peso de não poderem existir. Se não fossem as narrações dos saltos temporais e as mudanças de cabelo e figurino, a passagem dos anos não seria tão clara, tendo em vista que a dor e a melancolia são sempre persistentes. Enquanto separadas, imaginam uma para outras vidas felizes que

são o oposto da realidade. Saem do imaginário ideal para vidas enclausuradas pela condição de mulher nesta sociedade. Os homens e o tempo são os agentes deste enclausuramento.

A violência patriarcal evidencia a ideia de “dois pesos, duas medidas” quando, por exemplo, Eurídice é acusada de cometer um crime simplesmente pelo fato de pensar no aborto de um filho que abortava seus sonhos e, ao mesmo tempo, em sua noite de núpcias, ela sofre um estupro conjugal. Em outra cena, fica clara a naturalidade da violência pelo homem na sociedade quando observamos Antenor (marido de Eurídice) brincando com sua filha sobre “a mão que a persegue”, causando desconforto para quem assiste e reafirmando a posição do masculino sobre o feminino em todas as relações. Assim como quando a mãe de Eurídice e Guida é forçada a manter segredo sobre a volta de Guida para a irmã e, simbolicamente, morre vítima de câncer de mama e sem um seio – metáfora sobre a perda de uma das filhas.

Os únicos momentos em que Eurídice e Guida podem se expressar e existir são quando a primeira toca seu piano e a segunda escreve as cartas para a irmã que nunca as recebe.

Em falas durante o filme, Eurídice afirma que toca seu piano para tornar-se invisível ao patriarcado, pois somente assim ela pode existir – longe do olhar dos homens. Ao perceber que fora enganada pelos homens durante toda a sua vida sobre o paradeiro de Guida, Eurídice sucumbe, queima o piano e, enfim, desaparece para si também.

Com relação às cartas de Guida, ela escreve em uma delas que tal ato tem a finalidade de lutar contra seu desaparecimento, não se esquecendo de quem um dia ela foi. Guida passa a vida submetida a um trabalho braçal em um estaleiro que a apaga como mulher. É acolhida com seu filho por Filomena, uma mulher negra que se torna a família de Guida. Daí vem a dualidade de família de sangue (aquela que remete à violência) e família de amor (entre mulheres que se apoiam).

A *Vida Invisível* também é um filme sobre o amor. Todavia, o amor entre mulheres é o único possível de existir, tendo em vista que os homens as violentam e as subjugam. Atualmente, este amor entre mulheres retratado no filme é chamado de sororidade.

“Sororidade [substantivo feminino]: relação de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres, assemelhando-se àquela estabelecida entre irmãs.”

(AURÉLIO, 2010, p.711)

1.2. SOBRE A ESPACIALIDADE

O contexto urbano em que o filme se desenvolve é a cidade do Rio de Janeiro da década de 1950. No entanto, por observar até os dias atuais um enorme repertório arquitetônico na cidade com edificações de diferentes épocas de urbanização, se não fossem o figurino, as mobílias e os meios de transporte, o filme poderia facilmente ser interpretado como atual. O calor da cidade também permeia o filme de forma sutil causando uma constante sensação de desânimo cuja relação pode ser percebida diretamente com o próprio desconforto causado pelo lugar das mulheres nesta sociedade.

Ademais, ao longo do filme, as mulheres que são apresentadas em um primeiro momento em meio à natureza e do lado de fora de suas habitações, aos poucos são empurradas para dentro das casas e apartamentos – um paralelo com as transformações às quais as mulheres são forçadas para desempenhar seus papéis na sociedade. Com isso, observamos o espaço da mulher sendo reduzido a uma vivência mais em cômodos, entre quatro paredes, do que na rua.

A fotografia do filme mostra a vida das mulheres em contraposição à realidade lá fora, emoldurada em portas e janelas, o que pode remeter sutilmente a uma situação de enclausuramento construído dia a dia. Dentro de casa, a mulher, diferentemente do homem, não possui um local que seja somente dela. O lugar da mulher dentro de casa são os lugares compartilhados entre toda a família ou com o marido. O estudo de piano de Eurídice que sonhava em ser pianista era realizado na sala. Ao contrário do homem que sempre manteve seu local de trabalho, como um escritório, onde pudesse ter momentos de privacidade ou de reunião com outros homens. O filme também toca de forma bem delicada e quase imperceptível em uma questão diretamente ligada à arquitetura e urbanismo – o direito da moradia à mulher. Este tema ainda é pauta atual nas reuniões da ONU, nas quais Raquel Rolnik (urbanista e professora da FAU-USP) fora relatora especial do direito à moradia adequada no período de 2008 a 2014.



Figura 2 – Cenas do filme A Vida Invisível. Fonte: RT features produção.

No filme, Guida deve forjar a própria morte e a falsificação de documentos para que pudesse continuar habitando a casa que lhe fora deixada de herança pela amiga Filomena. Naquela época, não seria permitido uma mulher mãe solteira possuir tal bem de forma legal. Até aquele momento, no censo brasileiro, o termo “chefe de família ou chefe da casa” era utilizado como referência apenas ao “homem da casa” (MEYLAN, 2019). Este conceito foi modificado somente a partir da década de 1990 em que “chefe da família” deu lugar a “pessoa de referência” e, desde então, percebe-se cada vez mais lares brasileiros sendo chefiados por mulheres.

Esse fato demonstra como as conquistas dos direitos da mulher sobre a questão fundiária também foram mais lentas e até hoje se tem muita discrepância de gênero no que se diz respeito ao direito à terra e à propriedade. Somente a partir da Constituição foi concedido o título de domínio e à concessão da terra, independentemente de seu estado civil, tanto na área urbana como rural. Apesar da grande conquista, o fato de a mulher só poder ter esse direito tardiamente acentuou a desigualdade sobre a posse de moradia, o que se reflete até os dias atuais.

“Mais de 12% das terras do Brasil pertencem às mulheres e essas propriedades representam pouco mais de 5% das áreas rurais. Os homens são donos de 87,32% das propriedades no país, que representam quase a totalidade das áreas rurais.” (VILLELA, F. 2016)

A citação acima mostra que não diz respeito somente à propriedade rural, também é discrepante a diferença entre títulos de posse em propriedades urbanas.

Guida é negada pela família e pela cidade – onde não tem espaço para uma mulher, mãe solo, chefe de casa, independente e com um pensamento a frente de seu tempo. Ela sofre nos lugares em que trabalha. Uma cena que denuncia essa negação da mulher na cidade é quando Guida está trabalhando no estaleiro como única mulher da equipe e um homem fala que “aquele ambiente não é para mulher trabalhar”.

Esse evento nos faz questionar – qual o ambiente para a mulher, afinal? Se, por um lado, a cidade não pode ser utilizada por elas por muito tempo, pois é perigoso e,

no pensamento da sociedade patriarcal, estar fora de casa por muito tempo abre possibilidades para sofrer preconceitos e violência, por outro, dentro de casa não existe seu próprio espaço para ter momento como um indivíduo singular.



Figura 3 – Cenas do filme A Vida Invisível. Fonte: RT features produção.



Figura 4 – Cenas do filme A Vida Invisível. Fonte: RT features produção.



Figura 5 – Cenas do filme A Vida Invisível. Fonte: RT features produção.

2. SOBRE A EQUIPE TÉCNICA

O filme traz no elenco Fernanda Montenegro, Julia Stockler e Carol Duarte interpretando as principais personagens mulheres. A direção é realizada pelo cearense Karim Aïnouz, arquiteto e urbanista de formação pela Universidade de Brasília (1988) e com mestrado em Teoria e História do Cinema pela Universidade de Nova York (1991). Karim Aïnouz já afirmou em entrevistas que fora criado por mulheres feministas – a avó e a mãe –, o que atribui a ele um olhar mais sensível sobre a questão da mulher. Com relação à direção de fotografia, esta é realizada pela francesa Hélène Louvart.

3. REFLEXÕES FINAIS

Sem concluir nenhum aspecto sobre arquitetura e mulher, partindo da ideia de que o assunto ainda é amplamente questionado e debatido, ainda é possível tomar reflexões finais sobre tal estudo do grupo.

Sobre o espaço da mulher – seja ele urbano, arquitetônico ou social, é possível notar que, apesar das conquistas sociais das mulheres através de lutas feministas, o cenário de ofuscamento do gênero ainda é tanto histórico como uma problemática contemporânea. Em *A Vida Invisível* percebe-se que as personagens mulheres só são respeitadas pela família e sociedade quando ocupam espaços permitidos por esses grupos, sendo negadas quando tentam ocupar espaços que almejam – o espaço da mulher está intrinsecamente ligado com o espaço social que lhe é dado e, na maioria das vezes, retirados pela sociedade patriarcal, o qual a mesma só tem permissão para ocupar o que a cultura e moral patriarcal e machista permite que ela ocupe.

Infelizmente, ao longo de toda a história observa-se que falar do espaço feminino na sociedade, e na questão urbanística, é sempre situá-lo em contraposição ao espaço do masculino. Como falar do espaço do feminino por si só? Há um lugar da mulher ou há um resquício de espaço deixado pelo homem e que a mulher tem permissão para ocupar?



Figura 6 – Cenas do filme *A Vida Invisível*. Fonte: RT features produção.



Figura 7 – Cenas do filme *A Vida Invisível*. Fonte: RT features produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- *A VIDA Invisível*. Direção: Karim Aïnouz. Produção: RT features. Intérprete: Fernanda Montenegro, Carol Duarte, Julia Stockler, Gregório Duvivier. Roteiro: Murilo Hauser Inés Bortagaray Karim Aïnouz Martha Batalha. Brasil: Sony Pictures e Vitrine Filmes, 2019.
- CARMELO, Bruno. *A Vida Invisível – natureza feminina*. Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-249383/criticas-adorocinema/> _ Acessado em 13 de outubro de 2020.
- GOMES, Kel. *A Vida Invisível: para aquelas que nos antecedem, aquelas que somos e as que virão*. Disponível em <https://www.cinematorio.com.br/2019/09/critica-a-vida-invisivel-euridice-gusmao-karim-ainouz-carol-duarte-julia-stockler-fernanda-montenegro-cannes-oscar/> _ Acessado em 13 de outubro de 2020.
- MEYLAN, Arleide. *As dimensões do direito à moradia: o protagonismo da mulher na política de habitação de interesse social*. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/36764/1/2019_ArleideMeylan.pdf _ Acessado em 13 de outubro de 2020.
- VILLELA, Flávia. *Propriedades comandadas por mulheres representam cerca de 5% da área rural*. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-11/propriedades-de-terra-comandadas-por-mulheres-representam-cerca-de>. Acessado em 13 de outubro de 2020.

Arquitetura do Vazio: a concepção de nada e de tudo

Ensaio elaborado para a disciplina de Teoria da Arquitetura acerca da tentativa de conceituação do vazio; "A gente está dentro, logo a gente está fora daquele dentro onde a gente esteve. A gente se sente vazia, porque não há nada dentro da gente. A gente trata de pôr de por dentro da gente, aquele dentro do fora. Dentro do qual a gente já esteve..." (Ronald David Laing)

AUTORES:

Caio Rodrigues Ramos
Giovanna Loiola Marques
Luma Cristina Cavallaro

8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

1. O PRIMEIRO CONTATO PARA A REFLEXÃO



Figura 1 - Espalhados pelo vazio (2020) / Fonte: Autoria do grupo.

Querido leitor,

Primeiramente, seja bem-vindo a essa discussão para qual se pretende analisar as condições espaciais no campo da teoria da arquitetura. Logo te convido a abstrair de tudo que você esteja conectado no momento, talvez esse seja o primeiro desafio que você tenha que enfrentar neste exato instante de leitura, mas que é necessário.

Antes de tudo, para que você possa compreender a proposta desse texto, imagine que você está prestes a entrar em uma discussão empírica e assim como nas teses de John Locke, que você seja uma Tábula Rasa, logo **"Vamos, então, supor a sua mente sendo, como se costuma dizer, um papel em branco, vazio de todos os caracteres, sem quaisquer ideias"** (Ensaio, II, 1, §2 - John Locke).

Talvez para você leitor, essa passagem pareça descrever a mente como um objeto passivo, recebendo da experiência tudo que ela contém, que a mente seja desprovida de razão, verdades e ideias racionais. Mas é aí que você se engana, é preciso compreender que sua mente, seu próprio olhar, sua própria percepção são ferramentas fundamentais para compreender os

elementos do espaço que o circunda. Sua mente não é desprovida de pensamento, pelo contrário, imagino que ela esteja pensando em inúmeras coisas agora, mesmo eu tendo pedido para você relaxar no início desse texto e se concentrar na nossa reflexão.

Mas aí, se você e eu somos uma Tábula Rasa, como um corpo seria passível de receber ideias a qualquer momento?

"Como chega a recebê-las? De onde obtém esta prodigiosa abundância de ideias, que a ativa e ilimitada fantasia do homem nele pintou, com uma variedade quase infinita? De onde tira todos os materiais da razão e do conhecimento? A isto respondo com uma só palavra: da experiência" (LOCKE, 2010, p. 106).

É a partir da experiência, que daqui algum tempo você poderá responder tantas perguntas as quais anseia, pode ser que você tenha mais experiência que eu, e esteja apto a responder em um menor tempo os tantos questionamentos que este ensaio possa vir a deixar.

Para Locke, existem dois tipos de conteúdo baseados em nossa experiência, dos quais apenas um vem da interação com o espaço. Embora a **sensação** pareça ser "a maior fonte da maioria das ideias que temos", não há exclusividade nesse processo.

O outro tipo de fonte o qual o filósofo explicita é a **reflexão**, que fornece a experiência que a mente adquire "ao perceber suas próprias operações". O objeto da reflexão não é externo à mente que pensa, mas é o próprio processo de pensar. A mente possui assim uma fonte intrínseca de ideias, que examinando o próprio ato de examinar produz um novo conjunto de ideias que podem por sua vez ser examinados:

"Essas operações, quando a alma sobre elas reflete e as considera, abastecem o entendimento de uma outra série de ideias que não se poderiam receber das coisas exteriores. Tais são as de percepção, pensar, duvidar, acreditar, raciocinar, conhecer, querer e de todas as diversas ações do nosso próprio espírito" (LOCKE, 2010, p.107).

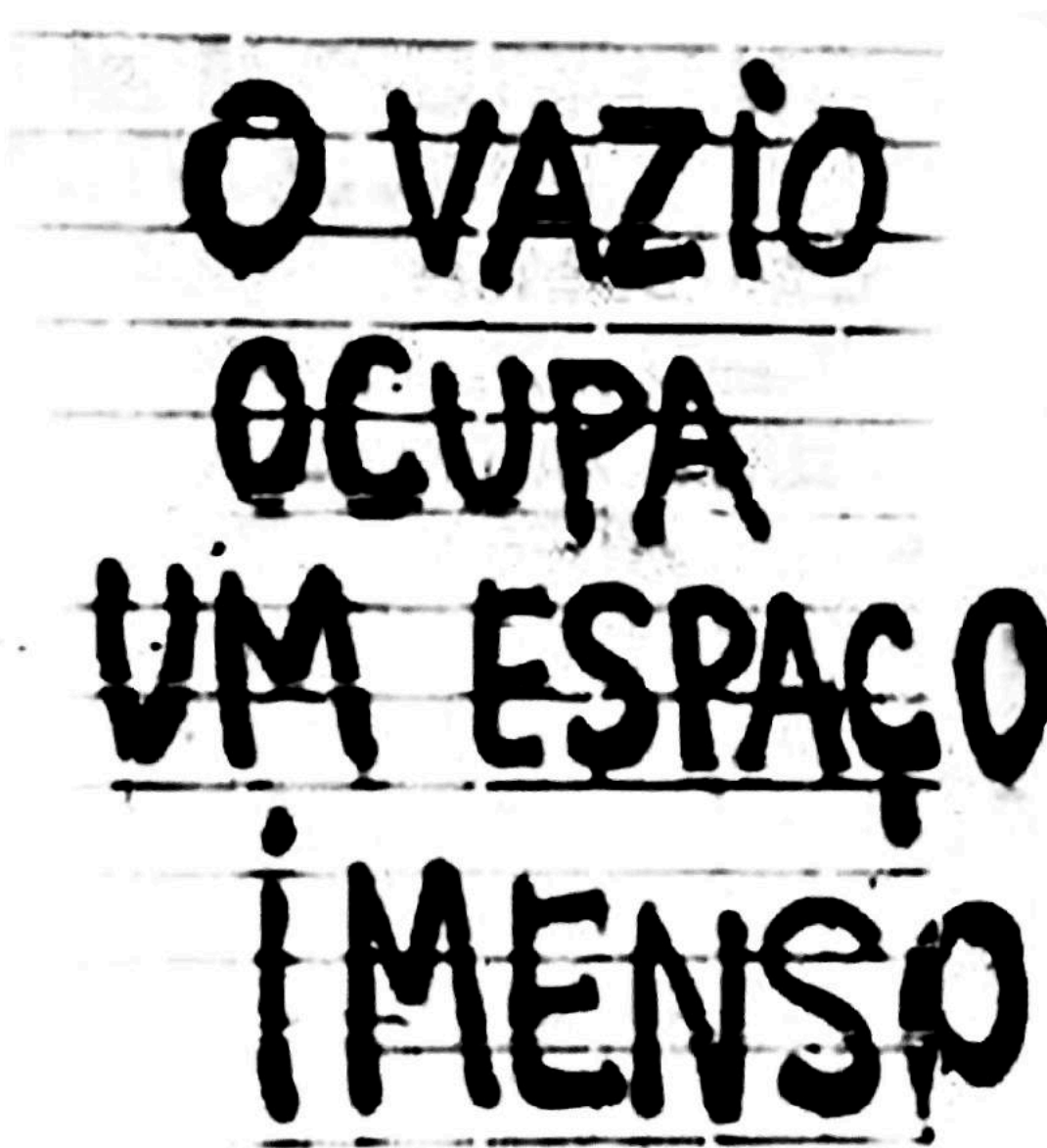


Figura 2 – Grafite “O vazio ocupa um espaço imenso”. Fonte: Imagem da web – Autor desconhecido.

E foi aqui que pretendi chegar com você caro leitor, que você compreenda que naturalmente estará inserido em algum lugar, em um espaço, e cabe a você depositar nele suas próprias interpretações, ele será o lugar de intenção, um vir a sentir, o devir. Assim, a ideia de percepção não é obtida através de uma sensação momentânea, mas sim ao refletir sobre a capacidade que a mente possui em si mesma de perceber. Como diz Locke, ela é a “primeira e mais simples ideia que temos”, pois, a capacidade é anterior ao ato de perceber. As operações da mente sobre as quais a reflexão reflete não são ideias, elas são anteriores à experiência que as apresentará à consciência sob a forma de ideia.

A sua mente pode até se assemelhar a uma folha de papel, mas é uma folha de papel com vários rascunhos, imagine que nela você já fez inúmeros croquis, já elaborou dezenas de ideias e soluções, voltou atrás nessas ideias mais dezenas de vezes, apagou tudo e recomeçou aquela ideia inicial. Do ponto de vista da ordem temporal não há, portanto, nenhum momento em que a mente seja vazia de conteúdo, seja na infância ou na vida adulta,

isso porque, uma vez que exista mente, ela é capaz de perceber a própria capacidade de perceber.

Geralmente quando se fala em arquitetura, é inerente a presença da apreciação da estética e da técnica construtiva, mas proponho a desvinculação desses termos da mesma, pretende-se aqui antes de tudo analisar a condição espacial, que agora passa a ser protagonista da nossa proposta, o estudo dos valores simbólicos empíricos que o mesmo possa provocar em cada um, e para isso precisa-se antes de tudo da experiência espacial, seja ela pelo seu andar na cidade ou no interior de sua residência.

Nessas últimas frases é possível que você tenha notado a palavra **ESPAÇO**, e é claro que eu não posso entrar numa discussão da concepção espacial dentro da teoria da arquitetura sem antes defini-lo.

es.pa.ço: 1- Linha que se imagina descrita por um ponto em movimento.
2-Distância linear entre duas coisas, objetos etc.; intervalo, vão, vazio.



Figura 3- Espaço, espaços espaçados / Fonte: Autoria do grupo.

2. A CONCEPÇÃO ESPACIAL

O que se pode dizer é que o conceito de espacialidade, como elucidado na definição, pode ser compreendido inicialmente a partir do corpo em movimento; o espaço sendo conceituado e avaliado a partir do passeio arquitetônico, do modo como se estabelece a relação entre corpo em movimento, paredes e mobiliário, seja nas diferentes escalas. Porém, mesmo diante dessas ideias o espaço pode ainda ter sua existência questionada, em outras palavras, o espaço pode não existir. Parece abstrato, assim como pareceu para mim no momento em que fui tentar compreender o que seria espaço, seria uma casa? Seria ele qualquer coisa conformada por arestas? E assim não obtive nenhuma resposta.

Não tenho o objetivo aqui de reproduzir os clichês que sondam a arquitetura, como por exemplo, uma explicação objetiva de qual seria o sentido do espaço. Porque aí entramos numa conversa de começo, meio e fim, e isso é tudo que o espaço não tem, delimitações. Ele é singular e plural ao mesmo tempo, permitindo a existência de diferentes interpretações para esses questionamentos existencialistas, mas a única coisa que posso dizer é que o espaço é fluido, mutável, assim como eu e você.

Para corroborar essa ideia, em seu texto *"O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?"*, Fernando Freitas Fuão dirá que "A busca de um sentido das

coisas e do espaço é todo um sem-sentido, e qualquer tentativa em compreender, deve passar pela lógica do nonsense. O sentido não vive sem o sem-sentido, pois justamente é ele que alimenta o sentido". E é aí que existe a diferença entre o ter e o ser, o espaço deve ser sentido e não, ter sentido. E qualquer tentativa de compreender isso vai ser em vão, pois não existe uma interpretação total, uma verdade absoluta, é exatamente como eu disse anteriormente, o espaço é um lugar de intenção, são as ideias que você quiser atribuir a ele.

Talvez o sentido do espaço só exista a partir da experiência particular de cada indivíduo, não existe um espaço objetivo e autônomo sem o ser humano. Portanto, o significado do espaço na arquitetura não está na abstração dele, no interior do edifício, na relação entre o constructo e o não constructo. Qualquer significado que possa ser dado está do lado de fora, muito além da superfície. Está no interior das pessoas que o vivencia, está nas experiências que John Locke havia atribuído a cada um e aí diz que o espaço não é uma categoria de orientação, mas sim toda orientação. Naturalmente, pelo fato de existirmos, estamos gerando inconscientemente um espaço, somos um corpo no espaço.

Sendo assim, a espacialidade tem uma dinâmica; a forma do espaço e o deslocamento do corpo interagem e modificam-se mutuamente. A espacialidade, portanto,



Figura 4 - Croqui para concurso da Praça Arautos da Paz (1999) / Autoria: Joaquim Caetano de Lima Filho.

não é neutra, ela pode colaborar ou emperrar o desempenho do corpo. E é exatamente nesse sentido que inúmeros teóricos dizem que a essência das questões esteja no observador em movimento, no lá ou no cá, no ali e no aqui, e que a essência experiencial da arquitetura só pode ser vivida se tivermos a capacidade de nos colocar nessa posição de centros e então, intuir a lógica espacial de cada situação.

O espaço por si só é tão plástico e imaterial como o próprio tempo, variando com os indivíduos, com os povos, com as épocas e, principalmente, com os pontos de vista. E é nesse jogo de pontos de vista que David Harvey vai dizer que "Vivemos a temporalização do espaço e a espacialização do tempo".

3. O VAZIO

- va.zi.o :* 1- Espaço vazio; oco, vácuo, vão.
 2- Que é superficial, sem conteúdo; frívolo, fútil, oco, vão.
 3- Desprovido de significado ou de valor.
 4- Que não contém nada ou só contém ar.
 (DICIONÁRIO MICHAELIS)

Depois da tentativa mínima de conceituar o espaço, nós chegamos aqui, em uma manifestação dele. Explicar o espaço e entender as variações dele não se limita aos elementos construtivos, não se limita às dimensões de larguras, comprimentos e alturas, mas pode se manifestar de outras maneiras, isto é, pelo vazio. Admito aqui e reconheço que o vazio tenha sua existência concreta, como um elemento ativo e efetivo, porém jamais neutro. O vazio não deve ser entendido como algo desprovido de sensibilidade; algo que seja indiferente ou insensível, ou que por definição não apresente uma clareza, isto é, que seja vago. Na realidade o vazio se manifesta em suas mais variadas e complexas conjunturas, seja no vão livre do MASP de Lina Bo Bardi, seja no grande práctico do MUBE de Paulo Mendes da Rocha, ou em outros grandes exemplares da arquitetura brasileira.

O que existe é que os vazios configuram-se a partir da existência de determinado tipo de arquitetura que gera esse vazio, e não é decorrente da ausência da arquitetura ou de uma arquitetura abandonada. E é essa

a ideia que ilustra o título deste ensaio: "A arquitetura do vazio: a concepção do nada e de tudo". O que significa que pensar na arquitetura, é pensar também no vazio, é conceber a história para o nada assim também como para o tudo, logo, o vazio nunca estará desprovido de arquitetura, e sim tem seus múltiplos significados, seus sentidos que são transportados ora mais ora menos, ao passo que cada indivíduo dá um significado e ocupa esse vazio.

Volto aqui leitor para a ideia que eu expus anteriormente sobre espaço ser movimento, movimento gera percurso, e é nesse momento que deparamos que o vazio é o percurso em direção ao interior, à verdadeira vida, o estado acompanhado de certo prazer que antecede a experiência de si próprio, o espaço da solidão, introspecção, serenidade. E para compreender tanto esse vazio que falo, precisamos fazer um esforço de pensar nele como a dimensão mais profunda que a arquitetura poderia ter, é difícil de se compreender eu sei, pois, entender o vazio naturalmente implica no reconhecimento da dimensão cinestésica do corpo ao mergulhar nas profundezas do espaço arquitetônico, isto é, como seu corpo sente no espaço, e como essas experiências se manifestam em você, seria por meio da emoção? Do choro? Do entusiasmo? Da curiosidade? Ou do desinteresse? E é aí que eu te pergunto, você se conhece? Compreende seus próprios sentimentos antes de estar apto a reconhecer as intenções desses vazios na arquitetura?

Assim como nós, o espaço vazio é como uma folha em branco, aquela que John Locke refletiu. Talvez o vazio seja a folha em branco à espera de algumas palavras, de algum movimento, de alguma interação espacial. Percebemos que o espaço vazio denuncia um desejo de iminência das coisas, do pensamento, por exemplo. No vazio, o pensamento encontra lugar, porque ali ainda nada foi escrito, nada foi dito, nada foi estabelecido, e digo estabelecido no sentido de habitado, pois é no vazio que às vezes a gente encontra o lugar, o lugar de conforto, de paz de reflexão, do diálogo dele e com ele.

E assim o homem, propriamente dito o 'eu' e o pensamento, nos tornamos protagonistas do espaço, eles agem, dizem, criam sem restrições, porque no vazio nada foi preestabelecido. "O vazio faz então pensar sobre as coisas do homem: nessa expressão de liberdade, somos o próprio espaço." (FELIPPE, M. L.) O espaço onde o vazio se completa. O espaço onde tudo

de um espaço para o outro, determinando períodos..

Aqui



À procura de um lugar.

acontece.

O vazio nunca deve ser compreendido pela falta de materialidade contemplativa, e sim com a ênfase no vazio que desmaterializa o espaço para a dinâmica social própria, pois é a partir desse pensamento que o vazio passa a se qualificar como uma transformação contínua de valores no espaço ligado com a atividade social. É isso que Argan vai elucidar no livro “El concepto del espacio arquitectónico”, onde percebe espaço já não concebido através dos limites perspectivos, mas através de direções quase ilimitadas, indefinidas:

(...). Naturalmente, não devemos esquecer de ter em conta sempre a condição do ambiente. Entretanto, este não é o espaço no sentido arquitetônico, é simplesmente um vazio que todas as vezes se qualifica linearmente, plasticamente, luminotecnica e cromaticamente pela forma arquitetônica em seu desenvolvimento contínuo. E afirmar que existe aqui uma busca de uma dinâmica, e não de uma composição de massas, (...) o que se deseja alcançar é precisamente uma dinâmica interior da forma arquitetônica. (ARGAN, 1977, 158).

Sendo assim, precisamos desconstruir a ideia de que o vazio é obsoleto, inútil. Na verdade, o vazio pode ser desprovido de matéria, mas é cheio de significado. Para muitos, compreender o vazio limita-se talvez na percepção da falta de edificação, mas reitero que o vazio é mais que isso. Assim como René Descartes, compartilho do juízo de que “Assumir a ideia de a visão como elemento principal da percepção espacial, é basear uma ideia no privilégio dela”, em outras palavras significa dizer que o indivíduo não detentor de visão é desprovido da capacidade de compreensão espacial, o que não é verdade. O certo a se fazer, é também relacionar “a visão ao tato, um sentido considerado mais certo e menos vulnerável a erros do que a visão”. Trecho este presente no livro Os olhos da pele de Juhani Pallasmaa.

“Os olhos querem colaborar com os outros sentidos. Todos os sentidos, inclusive a visão, podem ser considerados como extensões do sentido do tato – como espacializações da pele. Eles definem a interface entre a pele e o ambiente – entre a interioridade opaca do corpo e a exterioridade do mundo, na visão de René Splitz, “toda percepção começa na cavidade oral, que serve como a ponte primitiva da recepção interna à percepção externa” (PALLASMA, 2005).

O autor reitera ainda que:

“A predileção pelos olhos nunca foi tão evidente na arte da arquitetura como nos últimos 30 anos, nos quais tem predominado um tipo de obra que busca imagens visuais surpreendentes e memoráveis. Em vez de uma experiência plástica e espacial embasada na existência humana, a arquitetura tem adotado a estratégia psicológica da publicidade e da

persuasão instantânea; as edificações se tornaram produtos visuais desconectados da profundidade existencial e da sinceridade.” (PALLASMA, 2005)

Dito isso, encerro aqui, caro leitor, o diálogo sobre o vazio que tive com você até o momento, e digo encerramento não sendo o limite da discussão sobre o vazio, mas porque esse meu espaço aqui é curto. Busque extrair das suas experiências passadas e as que virão, se conhecer, o teu interior... o teu vazio interior, como também conhecer o vazio da arquitetura. Não sei se respondi as questões que você esperava, mas logo no início deste ensaio havia explanado que não tinha a menor pretensão de superar suas expectativas, de provar alguma coisa para você.

Espero que eu não tenha dado resposta de nada, não iniciei essa discussão em busca de uma solução final, uma conclusão, que aliás não terá aqui, porque concluir algo significa dizer que cheguei a uma resposta, mas não foi isso que aconteceu, chegamos juntos a questões que com certeza me perguntarei daqui para a frente, pode ser que daqui alguns anos eu volte para retornar a esses pontos em um outro texto. O que resta dizer é que estamos em completa desorientação, estamos dentro do cheio e fora do vazio, ou fora do cheio e dentro do vazio, ou até estamos simultaneamente dentro e fora, ou simplesmente nem dentro nem fora.

“Foi engraçado, porque eu escutando de um amigo que era da minha terra, que eu morava junto com ele, ele sempre achava que ali no vão do MASP – quando a gente fica ali embaixo – ele sempre parava ali e ia pro outro lado da Avenida Paulista, debaixo do MASP, porque ele achava que ali tinha o mar. Ele sempre ia achar o mar ali. E aí uma vez eu fui fazer isso, fiz algumas vezes, porque parece que tem o mar. E esse mar, eu fui entendendo esse mar dentro de mim. Entendendo esse mar nas proporções oceânicas que essa cidade tem, nas proporções e na profundidade dessa cidade, e aí eu fui também descobrindo a minha própria. Descobrindo na ausência e no anonimato de uma cidade grande como essa um pouco mais quem eu era.” (Trecho retirado do Filme: SOMOS SÃO PAULO. Fala de migrante do Rio Grande do Norte, vive em São Paulo).





Figura 5 - Croqui Museu de Arte de São Paulo, MASP (2020) / Autoria: Giovanna Loiola Marques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. El concepto del espacio arquitectónico: desde el Barroco a nuestros días. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1977.
- PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2006. DAVIS, Mike. Planeta favela. São Paulo: Boitempo, 2006. DELEUZE, Gilles.
- LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano. Volume II. Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo. Tradução de Anoar Aiex, 1999.
- LAING, R.D. Laços. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ROSENDAHL, Zeny. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do Espaço Sagrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. 33Cadernos de Geografia nº 37 - 2018 Coimbra, FLUC - pp. 33-41
- OLIVEIRA, Olivia de. Lina Bo Bardi - Obra construída. Editora G. Gili, Ltda. São Paulo-SP, 2014.
- ALABASTRO, Revista eletrônica da escola de Sociologia e Política de São Paulo. Alabastro: ISSN 2318-3179, São Paulo, ano 4, v. 1, n. 7, 2016.
- AGUIAR, Douglas Vieira. ESPAÇO, CORPO E MOVIMENTO: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura. Arqtextos Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAU UFRGS, 2006.
- FUÃO, Fernando Freitas. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 2ª parte . Vitruvius ARQUITEXTOS 049.02 ano 05, jun. 2004. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.049/574> > .Acesso em 07 dez 2020.
- FUÃO, Fernando Freitas. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 1ª parte . Vitruvius ARQUITEXTOS. 048.02 ano 04, maio 2004. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582> > . Acesso em 07 dez 2020.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho. Numa velha fábrica de tambores. Sesc Pompeia comemora 25 anos. Vitruvius ARQTEXTOS. 093.01 São Paulo abril 2008. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897> > .Acesso em: Acesso em 10 dez 2020.
- GOMES, Sílvia de Toledo. A estrela de Davi estilhaçada: uma leitura do Museu Judaico de Berlim de Daniel Libeskind . Vitruvius ARQUITEXTOS. 081.06ano 07, fev. 2007. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/273> > .Acesso em 10 dez 2020
- PERRONE, Rafael Antonio Cunha. Passos à frente: algumas observações sobre o MUBE. Vitruvius ARQTEXTOS. 136.03ano 12, set. 2011. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4042> > .Acesso em 10 dez 2020.
- FELIPPE, Maira Longhinotti (2010). Casa: uma poética da terceira pele. Psicologia & Sociedade, 22(2), 299-308.

O encontro entre a arquitetura e a dança

AUTORES

Milena Furlan Andrello
10º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

Sarah Maria Miranda Lima
Arquiteta e Urbanista/ Mestranda no PÓSURB-ARQ,
PUC-Campinas (Bolsista Capes)

RESUMO

A partir da indagação feita pelos professores na disciplina de Teoria da Arquitetura (FAUPUCCAMP) sobre o que seria uma boa arquitetura e as diferentes formas de atuação de um arquiteto, pensamos em juntar três paixões: a música, a dança e a arquitetura para produzir o trabalho final da disciplina. A partir daí foi criado um método de análise do espaço a partir dos movimentos do corpo. O Engenho Central de Piracicaba foi o local escolhido. Foram selecionados três conceitos que por si caracterizam aquele espaço e também tinham referência com a música e a dança: tempo, escala e ritmo, e assim a análise foi concretizada a partir da produção de um vídeo.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura; dança; música; tempo; escala; ritmo.

1. INTRODUÇÃO

Essa metodologia de análise do espaço através dos movimentos do corpo foi desenvolvida a partir da necessidade de elaboração de um trabalho final para a disciplina de Teoria da Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, orientada pelos professores Wilson Mariana e Luis Amaral. O trabalho deveria responder a duas principais perguntas: O que é uma boa arquitetura? Quais são as diferentes formas de atuação de um arquiteto?

Pensando nisso e em conjunto com uma paixão já antiga na dança, foi decidido criar alguma forma de juntá-las e assim foi desenvolvida a metodologia de análise do espaço através dos movimentos do corpo que será descrita adiante. Na época, o único trabalho que chegava próximo ao que era a intenção de desenvolvimento era o Trabalho Final da Graduação (TFG) da aluna Taís Akemi Tada que discursava sobre o movimento do corpo no espaço [1].

A dança é produção de conhecimento, a partir dela criamos questionamentos, analisamos, discutimos e narramos. Quando um **movimento** é escolhido, nele são representadas todas as suas intenções, crenças, relações e pensamentos. Nem sempre isso acontece de modo consciente, mas conscientemente ou não ali estão expostas suas atitudes e pensamentos [2].

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para analisar um espaço arquitetônico através dos movimentos do corpo foi composta por 4 principais etapas: definição do espaço, da música, estudo dos movimentos do corpo e a consolidação da análise.

O primeiro passo foi a escolha do local a ser analisado, era importante que ele tivesse fácil acesso para que fosse possível analisar, criar e gravar o conteúdo, procuramos também um espaço que tivesse uma **diversidade de sensações** (dentro e fora, pequeno e grande). A partir das buscas e análises foi decidido que o espaço escolhido seria o Engenho Central de Piracicaba, de modo a analisar os elementos arquitetônicos e o espaço como um todo, sendo caracterizado em três conceitos que tinham conexão entre as três diferentes áreas (música, dança e arquitetura): **TEMPO, ESCALA E RITMO**.

Após definidos os conceitos que norteariam essa análise, iniciou-se o processo de escolha da música. Houve uma reflexão sobre qual estilo faria mais sentido na nossa concepção para analisar esse espaço e chegamos a Ludovico Einaudi, pianista e compositor italiano de música erudita, pois para as autoras do trabalho suas peças conseguem abranger diferentes sensações e contém uma complexidade musical que condizem com o espaço analisado. O próximo passo foi escutar várias músicas do compositor para encontrar uma peça que representasse e conseguisse transmitir a ideia que era desejada para os três conceitos escolhidos. A música indicada foi "Night", lançada em 2015.

Escolhidos o espaço, a música e os conceitos, buscamos definir padrões corporais que os demonstrassem, e a partir deles foi criada uma coreografia dividida em trechos que representavam cada um e ao final, uma síntese com todos esses conceitos numa única sequência coreográfica.

2.1 DEFINIÇÃO E EXPLICAÇÃO DAS PALAVRAS ESCOLHIDAS

- TEMPO

Na arquitetura, segundo a visão das autoras, o tempo é representado através das construções (os barracões antigos, restaurados e não restaurados) que compõem o mesmo espaço no tempo presente. Na dança, o tempo representa a velocidade do movimento corporal, contraste e contratempo entre eles [3]. E na música, o tempo é a duração de cada unidade do compasso [4].

Na análise feita para o presente trabalho, o tempo é literal (passado e presente – antigo e restaurado). Ao ser criada a coreografia, os **movimentos** foram mais marcados e, na maior parte dela, dançada no contratempo, pois cada corpo representava um tempo espacial e arquitetônico, mas que de certa forma estavam relacionados no mesmo espaço, motivo também para sempre estarem dançando as duas bailarinas.



Figura 1 – Foto entre dois barracões / Fonte: Autoral.

- **ESCALA**

Na arquitetura, a escala é representada pela relação entre as medidas de um espaço construído ou não-construído e sua representação gráfica [5]. Na dança, a escala é a relação e sensação do corpo entre os diferentes espaços, segundo a percepção das autoras, e na música a escala é uma sequência ordenada de tons pela frequência vibratória de sons que consiste na manutenção de determinados intervalos entre as suas notas [6].

No trabalho, a parte coreografada mostrava as diferentes escalas do engenho, relacionando-as com as **diferentes escalas que o corpo ocupa** nele (escala do edifício, da porta, de um espaço amplo e do engenho inserido no contexto urbano). Neste momento, não havia muita coreografia, era algo mais fluido, andando, correndo ou fazendo alguns movimentos. A única parte coreografada foi quando havia uma relação com o urbano, pois a intenção era mostrar a grandeza do lugar (movimentos grandes e dinâmicos).



Figura 2 - Foto do Teatro Erotídes de Campos - Projeto de Restauro: Brasil Arquitetura / Fonte: Autoral.

- **RITMO**

Na arquitetura, o ritmo se dá pelas **repetições** dos elementos que a compõem [7], já na dança ele se dá a partir da execução do movimento seguindo um determinado ritmo pré estabelecido pela música [8], e na música o ritmo pode ser descrito como um movimento coordenado, uma repetição de intervalos musicais regulares ou irregulares, fortes ou fracos, longos ou breves, que estão presentes na composição musical [9].

No presente trabalho, a coreografia que representava esse conceito era composta por movimentos mais soltos, circulares, fluidos e repetitivos. Fluida quando se fala do rio, mostrando sua dinâmica e sua leveza e repetitiva quando mostradow o ritmo arquitetônico dos pilares e janelas dos barracões.

- **SÍNTESE**

Foi a junção de tudo o que foi avaliado e levantado

como informação. Na parte coreografada há uma mistura dos movimentos, já feitos anteriormente, com sobreposição de imagens. A intenção é mostrar que o Engenho Central de Piracicaba é composto por essas camadas sobrepostas de tempos, espaços, linguagens, ritmos e escalas.

3. RESULTADO E CONCLUSÃO

Como produto final de toda essa metodologia de análise do espaço, foi desenvolvido um vídeo onde música, coreografia, imagem e edição formam um conjunto que representa o que o próprio nome desse trabalho diz: "O encontro entre a arquitetura e a dança".

O vídeo foi a forma que melhor traduziu a leitura e metodologia, nele foi possível reunir dança, arquitetura e música num único produto. Este, pode ser acessado através do QRCode ao lado.



Figura 3 – Foto interna de um dos barracões do Engenho / Fonte: Autoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] AKEMI, Thais. Arquitetura e Dança: o movimento do corpo no espaço. 2017. Trabalho Final de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- [2] RENGEL, Lenira; SCHAFFNER, Carmen; OLIVEIRA, Eduardo. Dança, Corpo e Contemporaneidade. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174965/4/eBook_Danca_Corpo_e_Contemporaneidade-Licenciatura_em_Danca_UFBA.pdf>. Acesso em: 26 jun 2021.
- [3] Secretaria de Educação do Paraná. Elementos formais da Dança. Disponível em: <<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=261>> Acesso em: 30 jun 2021.
- [4] Tempo (música). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempo_\(m%C3%BAsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempo_(m%C3%BAsica))> Acesso em: 30 jun 2021.
- [5] Colégio de Arquitetos. Disponível em: <<http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2013/02/o-que-e-escala/>> Acesso em: 30 jun 2021.
- [6] Escala Musical. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Escala_musical> Acesso em: 30 jun 2021.
- [7] HASSEGAWA, Benício. 7 conceitos práticos com exemplos de utilização na arquitetura. Disponível em: <<http://comoprojetar.com.br/o-que-e-venustas-7-conceitos-praticos-com-exemplos-de-utilizacao-na-arquitetura/>> Acesso em: 30 jun 2021.
- [8] RONDINELLI, Paula. Dança: história, ritmo e movimento; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/danca-historia-ritmo-movimento.htm>> Acesso em 30 jun 2021.
- [9] SANTIAGO, Emerson. Ritmo Musical; Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/musica/ritmo-musical/>> Acesso em: 30 jun 2021.

O referente artigo é resultado do trabalho de origem elaborado para disciplina de Teoria da Arquitetura – FAU PUC-Campinas em 2018, integrado pelas autoras Gabriela Arena, Milena Furlan Andreello e Sarah Maria Miranda Lima.



RAÇA: um olhar “sob” a arquitetura e o urbanismo

AUTORA

Ana Beatriz Balbino Gonçalves
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

1. INTRODUÇÃO

As questões raciais permeiam profundamente todos os âmbitos da sociedade, estando diretamente ligadas à situações socioeconômicas e moldando de forma cruel a definição de nossas posições hierárquicas. O racismo é sistêmico e as várias formas de desigualdade servem como base para a concepção da estrutura social como conhecemos.

A palavra “sob” encontrada no título deste artigo não caracteriza um erro gramatical, mas uma escolha proposital: possui o significado de “posição inferior a outra”. Sem dúvida podemos afirmar: a arquitetura e o urbanismo não são isentos de problemáticas raciais.

A percepção romantizada através do ideal artístico prejudica a compreensão da arquitetura como um elemento fundamentalmente político. Porém, devemos nos libertar dessas crenças falsas e ingênuas, reconhecendo que não existe neutralidade, em tudo se acha motivações, causas e consequências.

Investigaremos então aspectos que associam raça, arquitetura e urbanismo, buscando estabelecer relações e compreender fenômenos, desde a introdução de alunos negros na graduação, a exposição à determinadas obras e a desigualdade extrema apresentada no território brasileiro, até os diversos efeitos em nossas práticas e visões profissionais.

2. CONCEITUAÇÃO

É de conhecimento geral que, nos séculos passados, o termo raça foi erroneamente utilizado de forma biológica e científica, em prol de uma categorização hierárquica dos seres humanos e como justificativa para a segregação e exploração de determinados povos, se baseando em características fenotípicas, culturais e a origem comum. Tais alegações, empregando a teoria darwinista através do fator social, foram utilizadas como pretexto para a dominação e extermínio de populações consideradas inferiores, servindo de base para ideais e leis eugenistas. Tendo estas teorias racistas sido, em tese, superadas, percebemos que suas doutrinas surtem efeitos na organização social até o momento atual.



Figura 1 - Capa do trailer do podcast Afrofuturismo.
Autoria: Emmanuelle Nicolas, FMM.



Neste artigo abordaremos o conceito de raça pelo aspecto sociológico, já que a construção do reconhecimento de raças se dá socialmente, através da leitura visual das características físicas dos indivíduos, mediante suas equivalências com a categorização de grupos étnicos pre-determinada no imaginário coletivo. Segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2004): "o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação."

3. INGRESSO E PERMANÊNCIA

Como já mencionado, a identificação racial é, por muitas vezes, vinculada à posição socioeconômica, sendo a maioria da população negra, ou seja, pretos e pardos, também pobre, grave sequela do período escravocrata. Sabemos também que o acesso ao ensino superior no Brasil (um país majoritariamente negro) é extremamente desigual, o que não seria diferente nos cursos de arquitetura, tanto em universidades públicas quanto particulares. O curso, historicamente prestigiado e elitista, é proporcionalmente um dos que menos admite estudantes negros. Isso implica em diversas problemáticas, como as relacionadas a representatividade, o que discutiremos em seguida.

Quando nos deparamos com uma desigualdade é necessário encontrar meios efetivos e reais para superá-la. Parece uma contradição, porém uma desigualdade apenas pode ser superada através de outra. Tratemos a busca néscia por uma igualdade ilusória e frágil como a ideia simplista e utópica que é, não surtindo efeitos reais e significativos. O conceito constitucional de equidade, adaptação da regra em prol de uma distribuição mais justa, somente é alcançado com a compreensão de que grupos historicamente desprivilegiados precisam de medidas concretas que atuem a seu favor, como forma de reparação, possibilitando a superação do sistema hierárquico de poder e posicionamento social.

Surgem então as políticas públicas de ações afirmativas, ferramentas que, ao auxiliar o ingresso de determinados grupos no ensino superior, por exemplo, visam atenuar essas desigualdades tão expressivas. De fato, conseguimos perceber que essas medidas funcionam, já que, desde sua implantação, houve um aumento significativo do índice de estudantes negros nas universidades brasileiras.

Além das políticas de inclusão, é essencial também citar a necessidade de políticas de permanência, para evitar a evasão universitária de pessoas negras e de baixa renda. Um dos principais motivos de desistência e trancamento de curso é a impossibilidade de se sustentar financeiramente, já que muitos cursos de arquitetura abrangem o período integral e exigem uma alta demanda de tempo, dificultando a conciliação entre trabalho e estudo.

Ainda no contexto acadêmico, podemos apontar casos de discriminação racial, assédio moral e sexual, entre outras adversidades que muitos estudantes relatam sofrer. É importante que as universidades procurem compreender a realidade de todos os alunos e tomem as ações

apropriadas para cada situação.

4. REFERENCIAL, CONTEXTO E CONTRIBUIÇÃO

É indiscutível afirmar que os referenciais que absorvemos durante a vida servem como nosso principal ponto de partida para a criação e moldam o arquiteto que somos ou nos tornaremos. Se refletirmos sobre o tipo de concepção arquitetônica que temos contato na maior parte do curso acadêmico logo encontramos um padrão: arquitetura de visão colonizada, produzida por homens brancos, cis gêneros, heterossexuais, europeus ou norte-americanos, salvo quando falamos da arquitetura brasileira em específico. Como podemos considerar que isto não afeta a nossa visão sobre o que é projetar, de que forma e para quem?

Temos que admitir: tanto a produção arquitetônica quanto o desenho das cidades perpetuam e escancararam as estruturas de poder existentes. Desde a maneira como a cidade se conforma até seus edifícios, símbolos de domínio e status que, no passado, eram construídos com mão de obra escravista (sem citar a tipologia colonial da casa grande e senzala), e atualmente, seguem com a mesma lógica segregacionista, como os conhecidos "quartinhos de empregada" e elevadores de serviço.

Partindo do acesso à prática do projeto: regularmente destinado às classes mais altas ou incorporado pelo mercado imobiliário, se encontrando pouco acessível ao restante da população. Desta forma, mantém-se o estereótipo (reforçado fortemente pela burocracia e falta de informação) de que a contratação do serviço de arquitetura é cara demais e dispensável, o "hábito" cultural das construções na informalidade e a desvalorização da profissão como a atividade indispensável que é. Isso sem mencionar a carência básica de moradias e infraestruturas dignas no Brasil: não se tem acesso à habitação, que dirá à arquitetura.

Quando falamos de urbanismo, temos a evidente segregação socioespacial que impera na produção do espaço urbano, afastando os bairros periféricos dos locais de trabalho, fomentando a criação e ampliação de favelas, vetando as populações marginalizadas do acesso à infraestrutura adequada e espaços públicos e de lazer de qualidade, entre outros. Os modelos condominiais, sob o propósito de criar minicidades autosuficientes, partem de uma lógica excludente e higienista, concentrando usos e infraestrutura cercados por muros enormes, renegando a rua e a cidade, em uma espécie de apartheid social.

Logo, vemos a multiplicidade presente na maneira de viver e experienciar a arquitetura e a cidade. É inconcebível acreditar que exista apenas um tipo interessante de arquitetura, ou de arquiteto, e que suas pautas sejam suficientes para atender toda a sociedade. Não podemos mais desconsiderar a participação de pessoas com contextos diferenciados nas discussões acerca dos espaços e das cidades, é necessário aceitar que a diversidade é primordial e benéfica, é preciso, antes de tudo, furar a bolha e aprender a reconhecer um universo de existências e contextos.



Figura 2 – Colagem “Os novos arquitetos da Liberdade” com utilização da obra “History of the Black People” de Jean-Michel Basquiat e fotografia principal disponível em: www.beautifulnews.com/meet-new-architects-freedom / Fonte: Ana Beatriz Balbino Gonçalves

5. TRABALHO E DIVULGAÇÃO

Em 2018 foi realizado pelo CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) o diagnóstico de gênero, seu primeiro registro com levantamento de dados étnico-raciais. Conforme as informações divulgadas apenas 13% dos arquitetos selecionados se declararam pardos, e 4% se declararam pretos. As arquitetas negras aparecem como o grupo que mais declarou ter sofrido assédio moral, sexual e discriminação de gênero no ambiente de trabalho, além de sua média de rendimentos ser praticamente a metade da média de arquitetos homens brancos. Também é possível destacar a falta de professores e pesquisadores negros no campo da arquitetura.

Estes fatores apontam para a notória falta de representatividade negra dentro da profissão. É importante que jovens que se identificam com a arquitetura possam encontrar pessoas nas quais se espelhar e inspirar. Felizmente, existem projetos que realizam o mapeamento e a divulgação de arquitetos e arquitetas negras e seu trabalho, como o coletivo Arquitetas Negras e o projeto Arquitetas e Arquitetos Negros pelo Mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

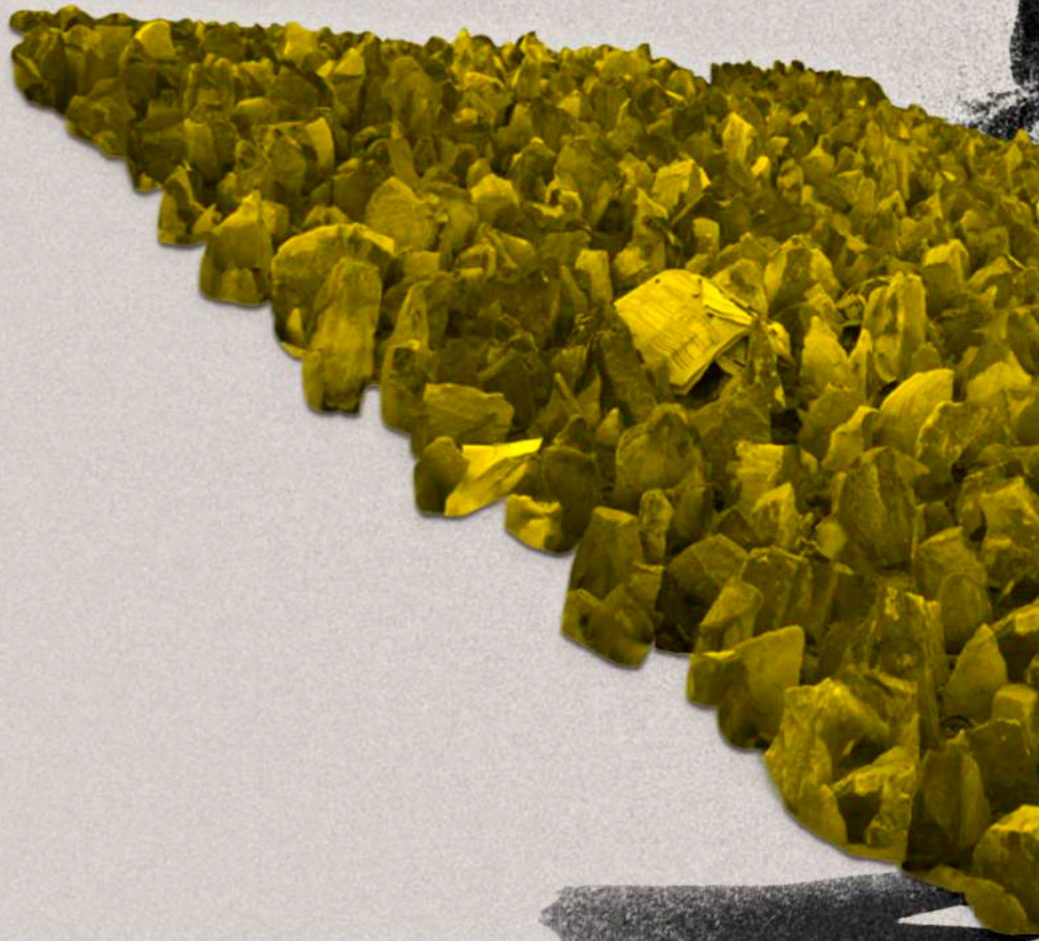
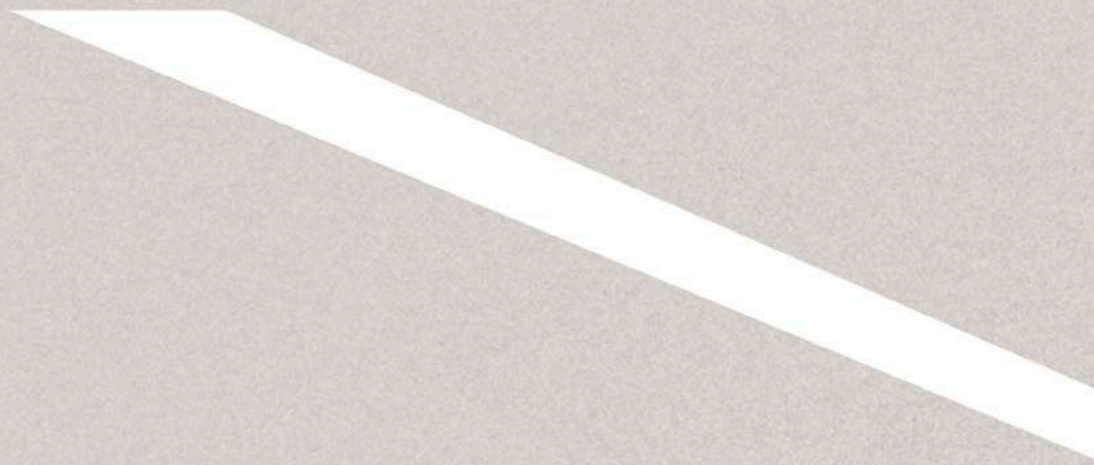
- ARQUITETAS E ARQUITETOS NEGROS PELO MUNDO. Disponível em: <http://arquitetasnegras.ufba.br/>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- CAU/BR. Diagnóstico revela o perfil da desigualdade de gênero na Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/diagnostico-revela-o-perfil-da-desigualdade-de-genero-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em: 29 jun. 2021.

6. CONCLUSÃO

Uma das principais características da arquitetura e urbanismo é seu grande potencial de transformar: o espaço, as experiências, as percepções, as sensações e a sociedade. Seu olhar sensível é capaz de notar as nuances entre os desejos e necessidades dos seus usuários. Seu papel na sociedade é central, concebendo e articulando a organização territorial e os espaços. Tendo isso em vista, a arquitetura não pode mais permanecer alheia aos sérios problemas encontrados no contexto social. Ela precisa se reconectar com as múltiplas realidades em um país tão desigual quanto o nosso, pois, não devemos nos esquecer do papel social intrínseco à nossa atuação.

A equidade social, racial e cultural na arquitetura pode ser atingida, ao democratizar seus espaços, abandonando as lógicas coloniais, elitizadas e segregacionistas e ao se abrir para a diversidade e novas discussões, transformando-a em um espaço acessível e inclusivo, de todos e para todos.

- THE ARCHITECT'S NEWSPAPER. Un-making ARCHITECTURE: An anti-racist architecture manifesto. Disponível em: <https://www.archpaper.com/2020/06/un-making-architecture-an-anti-racist-architecture-manifesto/>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- VITRUVIUS. Perspectivas e desafios para o jovem arquiteto no Brasil. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/12.133/3950>. Acesso em: 29 jun. 2021.





ensaios
GRÁFICOS

Homenagem ao arquiteto Paulo Mendes da Rocha

AUTOR

André Scarpa
Arquiteto e Urbanista



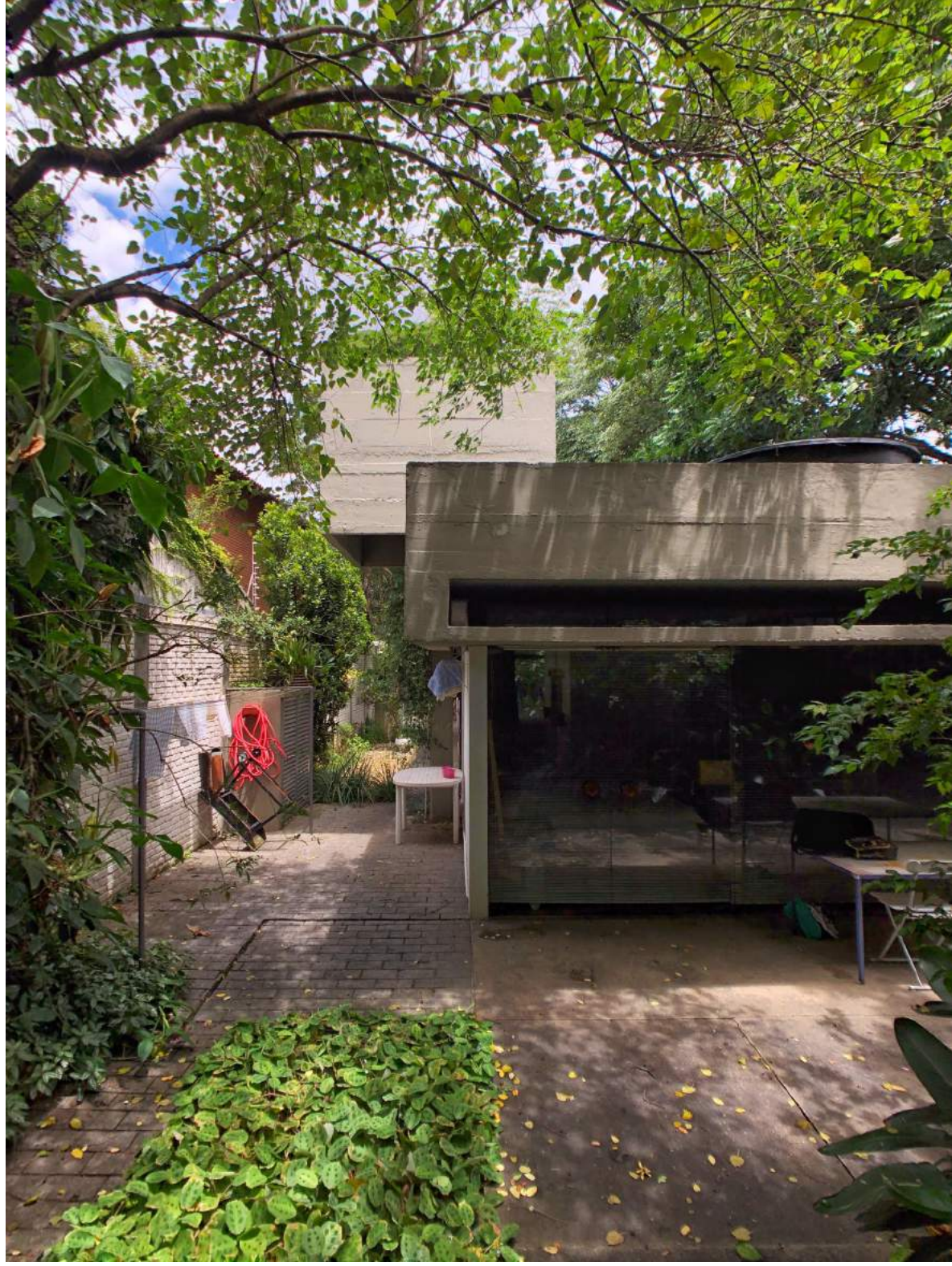
O presente ensaio se apresenta como homenagem ao arquiteto Paulo Mendes da Rocha que nos deixou em maio deste ano. As imagens exploram seis residências projetadas pelo arquiteto na cidade de São Paulo.



1964
**Residência
no Butantã**

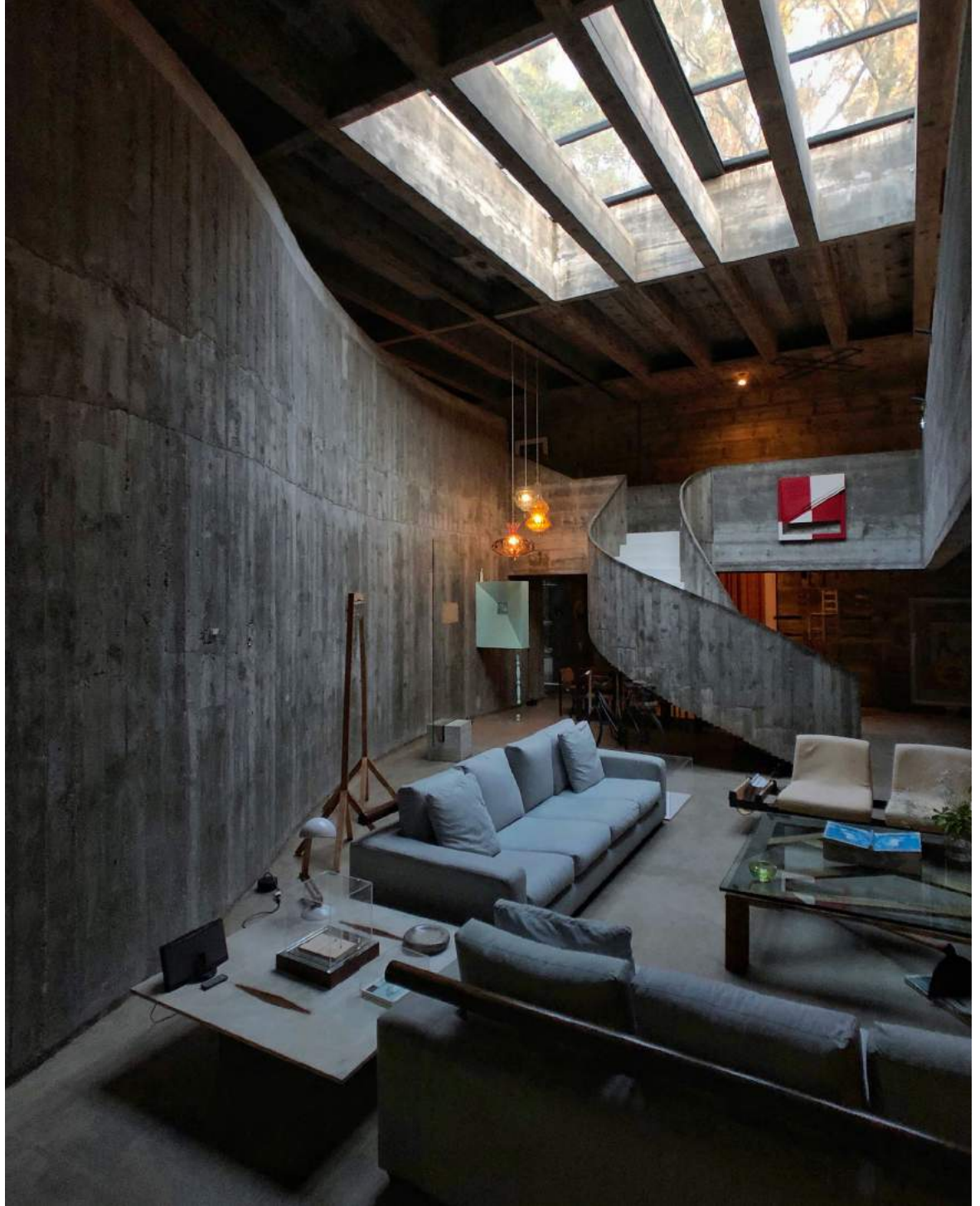


Residência
Marcello Nitsche
1966





Residência
Millan / Leme
1970

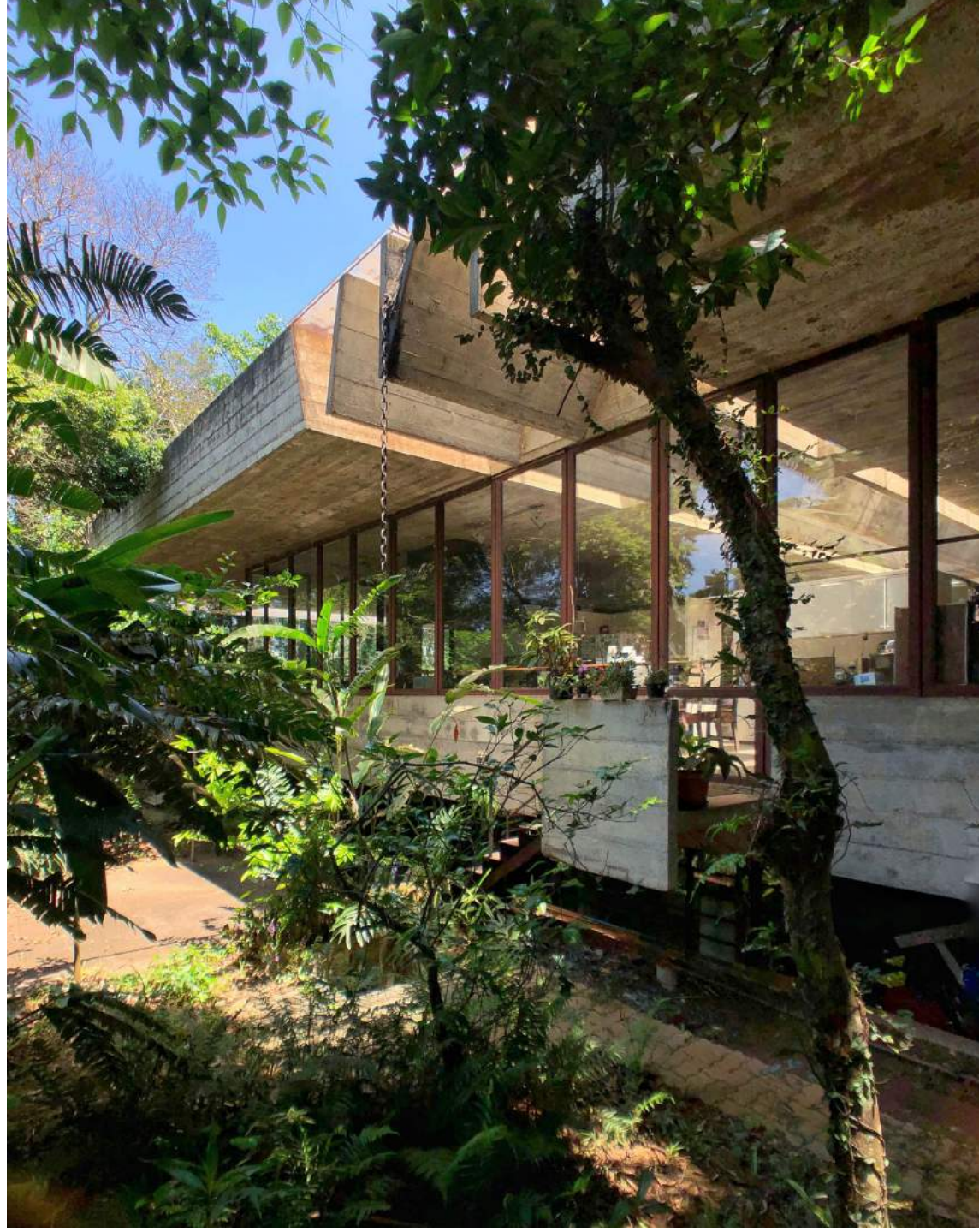




Residência

1973

Ligia e Newton Isaac Carneiro Jr.

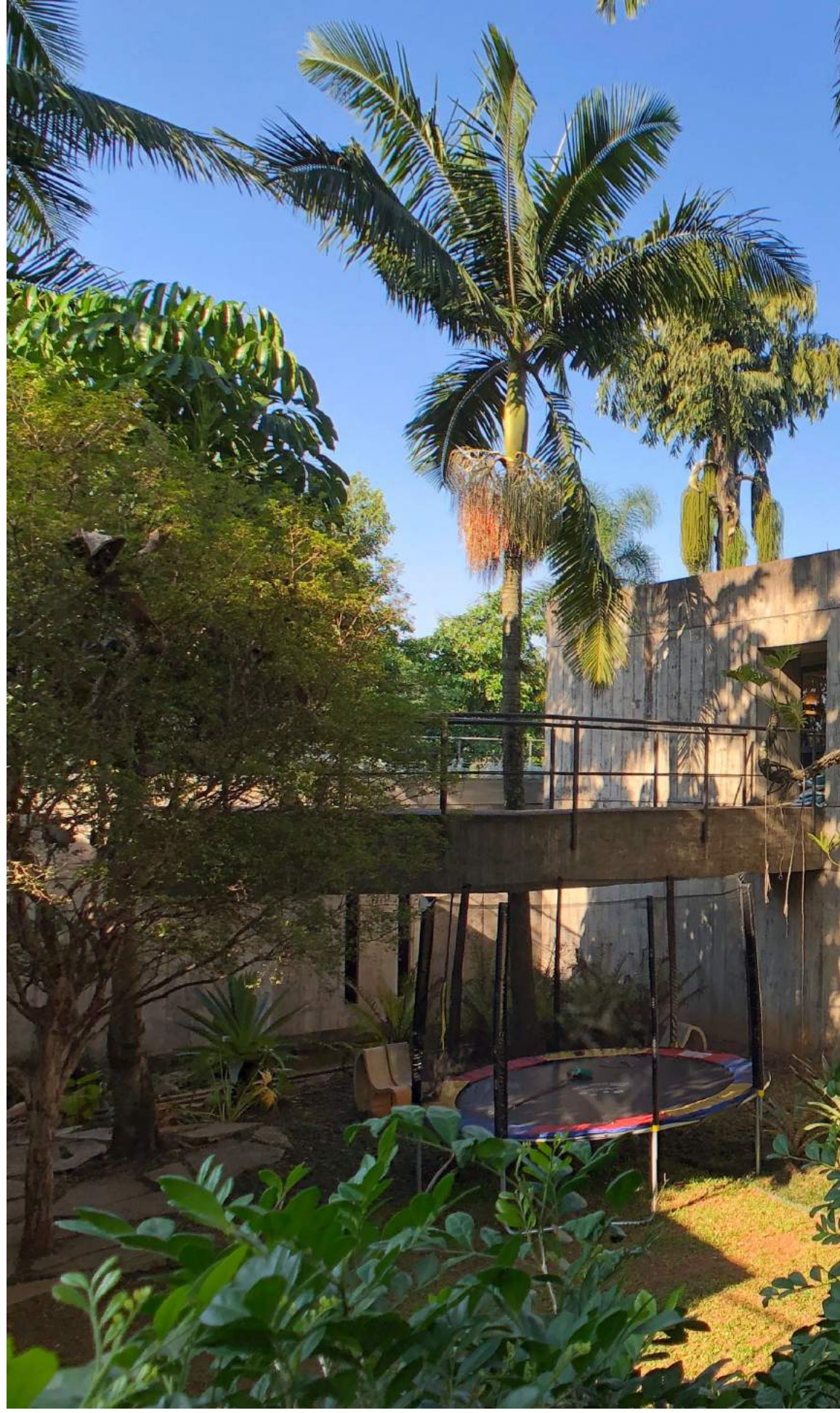




Residência

Antônio Junqueira

1975



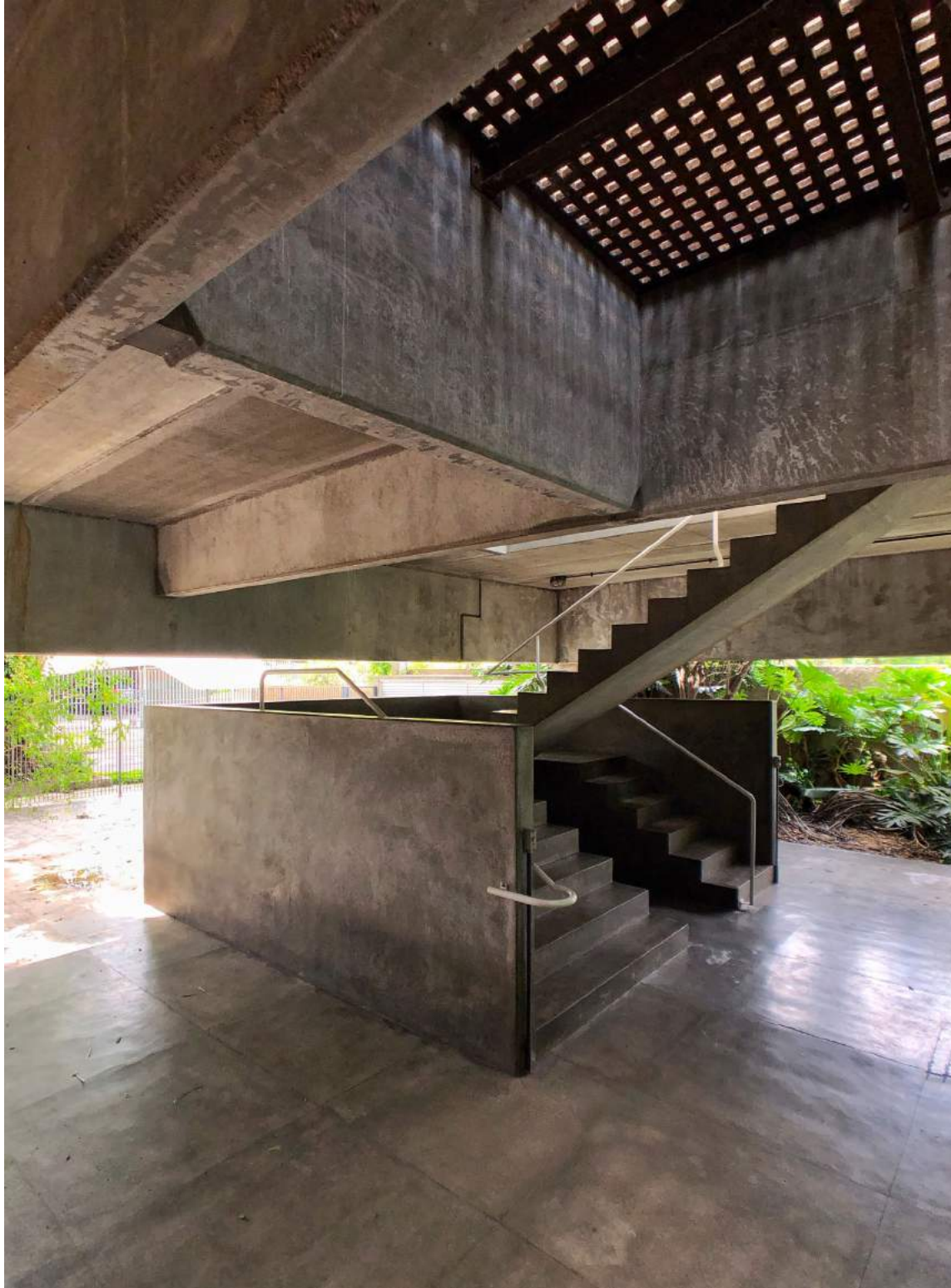






Residência
Gerassi 1991









Quer nas obras mais emblemáticas, como a Residência no Butantã e a Residência Gerassi, até obras menos divulgadas, como a Residência Marcello Nitsche ou a Residência Isaac Carneiro, é visível a postura do arquiteto em tensionar o diálogo entre a casa e a cidade.

As opções projetuais identificadas reverberam posteriormente em trabalhos de maior porte, como o MuBE e o Museu dos Coches.

Não sendo a casa particular o programa de eleição de Paulo Mendes da Rocha, estas obras acabam por servir como laboratórios para questionar a forma como moramos e como nos relacionamos com o espaço à nossa volta.

André Scarpa é arquiteto formado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em Portugal. Trabalhou de 2009 a 2011 no gabinete do arquitecto António Madureira onde desenvolveu projetos em colaboração com o arquiteto Álvaro Siza, entre eles a Nova Biblioteca da Faculdade de Direito de Coimbra, uma residência unifamiliar na Maia e uma urbanização com edifícios de uso misto, também na Maia. Em 2011 colaborou com o escritório Ferreira-Leite em projetos de diversas escalas. Em 2012 integrou a equipe do escritório Vivá Arquitetura e de 2012 a 2018 integrou a equipe do Nitsche Arquitetos. Desde 2013 atua também como fotógrafo de arquitetura e desenvolve passeios com interesse na mesma área. Em 2018 abriu o escritório André Scarpa onde se dedica a atividade projetual, fotografia de arquitetura e roteiros para passeios arquitetônicos, entre outras atividades ligadas a esse universo.

Sobre o autor

Entre tempos

O escultor polonês Igor Mitoraj, falecido em 2014, teve exposição póstuma instalada no sítio arqueológico de Pompeia, na Itália, em 2017. Trinta esculturas do corpo humano fragmentado feitas em bronze foram espelhadas pela área; o contraste entre a história antiga e contemporânea potencializaram a misticidade do local, que se encontra à séculos parado ao tempo sob o olhar atento ao Vesúvio.

AUTORA

Marília Dal Bem Grizzo
6º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas













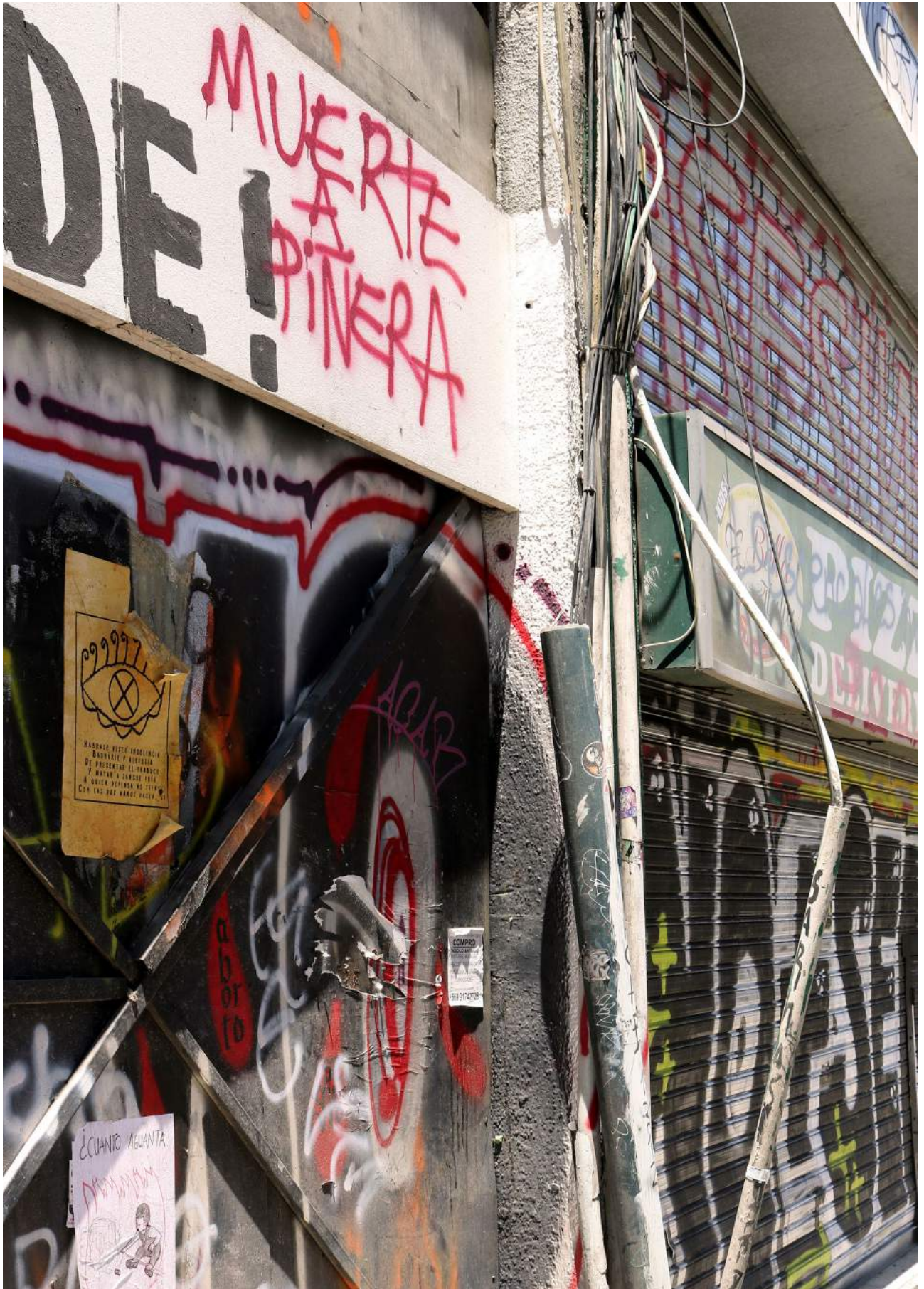
Rebeldia

AUTORA

Marília Dal Bem Grizzo
6º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas



Viva o Chile,
Santiago do povo Mapuche,
forte, valente e resistente
Alvenaria se transformou
em tela,
Vidro, alvo.
Sentimento que persiste,
na calmaria do descanso,
ruas gritando.
Viva a arquitetura,
destruída ou recém-nascida,
viva a história, viva o Chile.



299977
MIRARDE HASTA LOGOJINIA
BOBALLE P. HERRAZA
DE PRESENTA EL FRANGO
P. NAYAN A. JARON 1914
A. ULIER DELANDA DE 1914
C.R. 192. 192. MARCE. RIVERA. P.

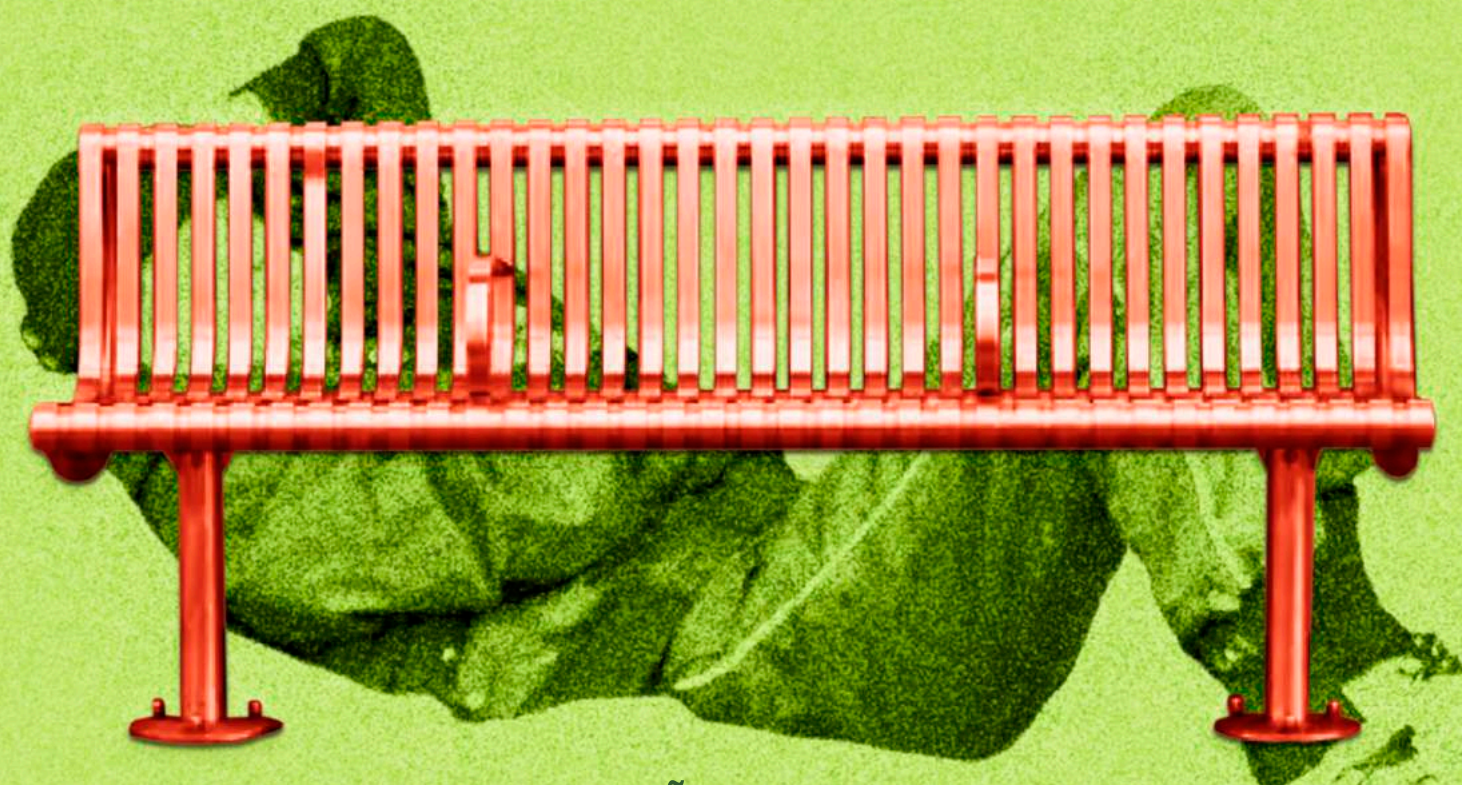
¿CUANTO AGUANTA
MIRARDE
[Drawing of a person]

COMPRO
969 91742700



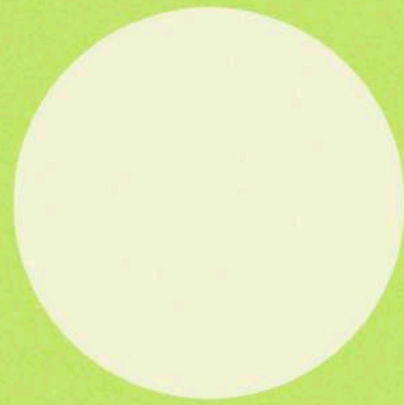
1º LUGAR

VICTOR LUCENA



COMISSÃO AVALIADORA

Dra. Jane Victal | Tutora do PET
Me. Fábio Boretti Netto de Araújo | Professor convidado
Dra. Ana Paula Giardini Pedro | Professora convidada
Carolina Xavier Pinto de Souza | Editora chefe
Caio Rodrigues Ramos | Diretor de arte e diagramação
Isabelle Gonçalves de Oliveira | Petiana egressa
Matheus Rodrigues Moura | Petiano egresso



concurso de capa

E QUEBRA DE PÁGINAS

2º LUGAR

ANNA CECÍLIA

Nos últimos anos, o desenho urbano dos espaços públicos tem influenciado o comportamento e o convívio da sociedade, na intenção de afastar ou excluir pessoas “indesejáveis” de áreas de permanência e convivência, a partir de elementos hostis que manifestam a falta de gentileza presente na população como forma de “prevenção do comportamento criminoso”.

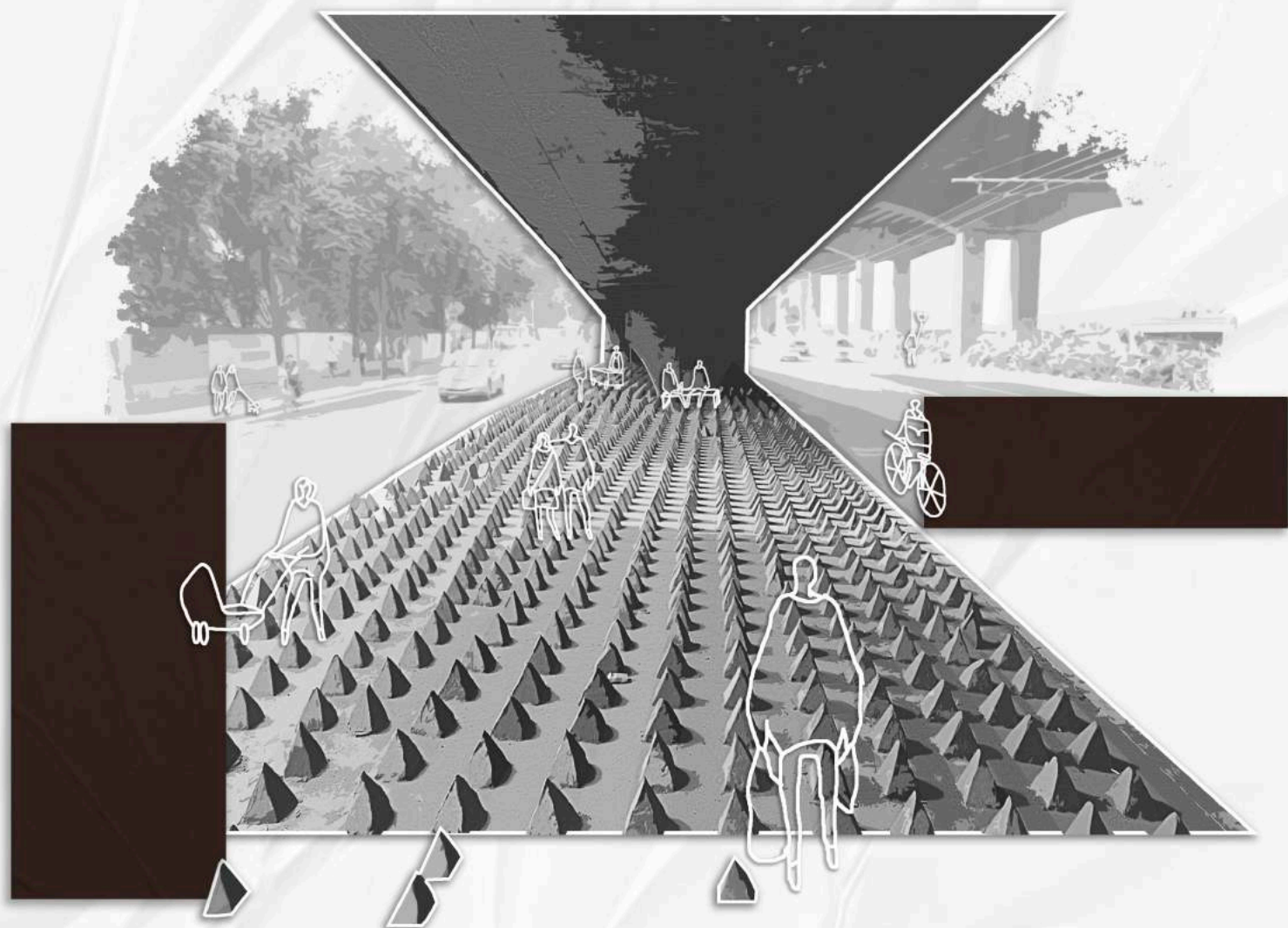
As artes gráficas apresentadas expõem recortes de elementos excludentes a partir de imagens da cidade sem cor ou vibração, no intuito de representar a cruel realidade para a qual as pessoas apenas “fecham os olhos” e se permitem passar despercebidos. Sobre um cenário inamistoso, dispõem traços de uma vida utópica a partir de calungas da figura humana, retratando a convivência em um ambiente ameno no qual toda a cidade se enxerga com olhares mais humanos.

(Texto de defesa da proposta do candidato para o 2º Concurso de Capa e Quebra de páginas da Revista TULHA)

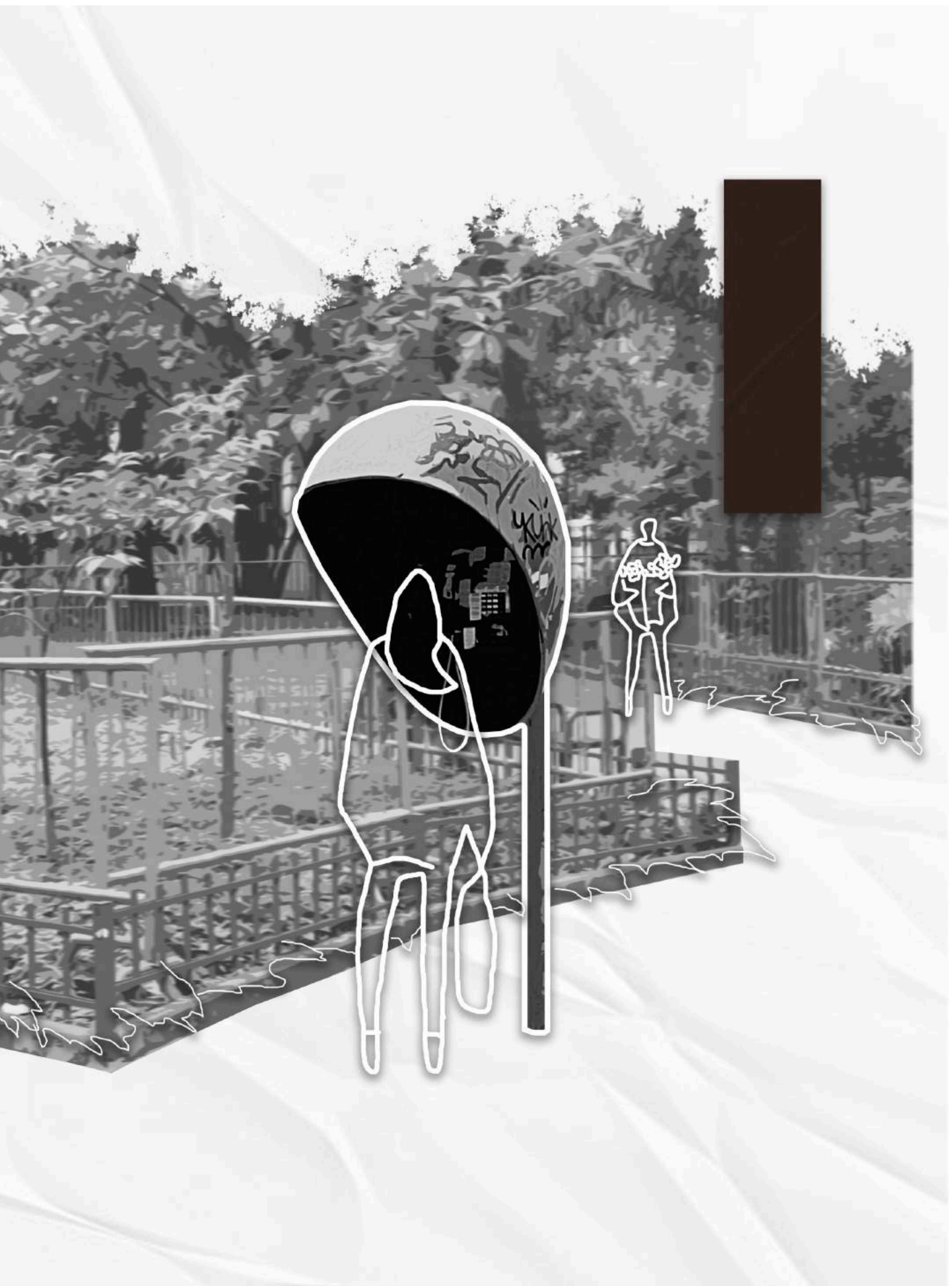
Ana Cecília Soares Mota, 20 anos
Estudante, 6º semestre de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO



















3º LUGAR

GUILHERME MOURA

A partir da iconografia o debate da ressignificação dos espaços públicos nos tempos modernos se deu através de simbologias. Dessa forma o apelo visual, altamente requerido na atualidade onde tudo é instantâneo, faz referência também a simplicidade com que as ideias se formam para as pessoas.

Essas ideias que permeiam todas as artes, concretizam a realidade de que espaços públicos e verdes têm a importância de acolher o cidadão, enquanto as grandes cidades e edifícios o isolam em bolhas individuais e estanques. Dessa forma a linguagem das imagens trazem a simbologia dos espaços e seus impactos diretos na relação do cidadão com a cidade.

Através desse raciocínio a capa transfigurou a ideologia de um espaço amplo e comum que mesmo em sua simplicidade acolhe e abriga o ser humano sem diferenciação. Julgamento o qual se faz como um dos principais responsáveis pela segregação e diminuição/ banalização das áreas coletivas e abertas.

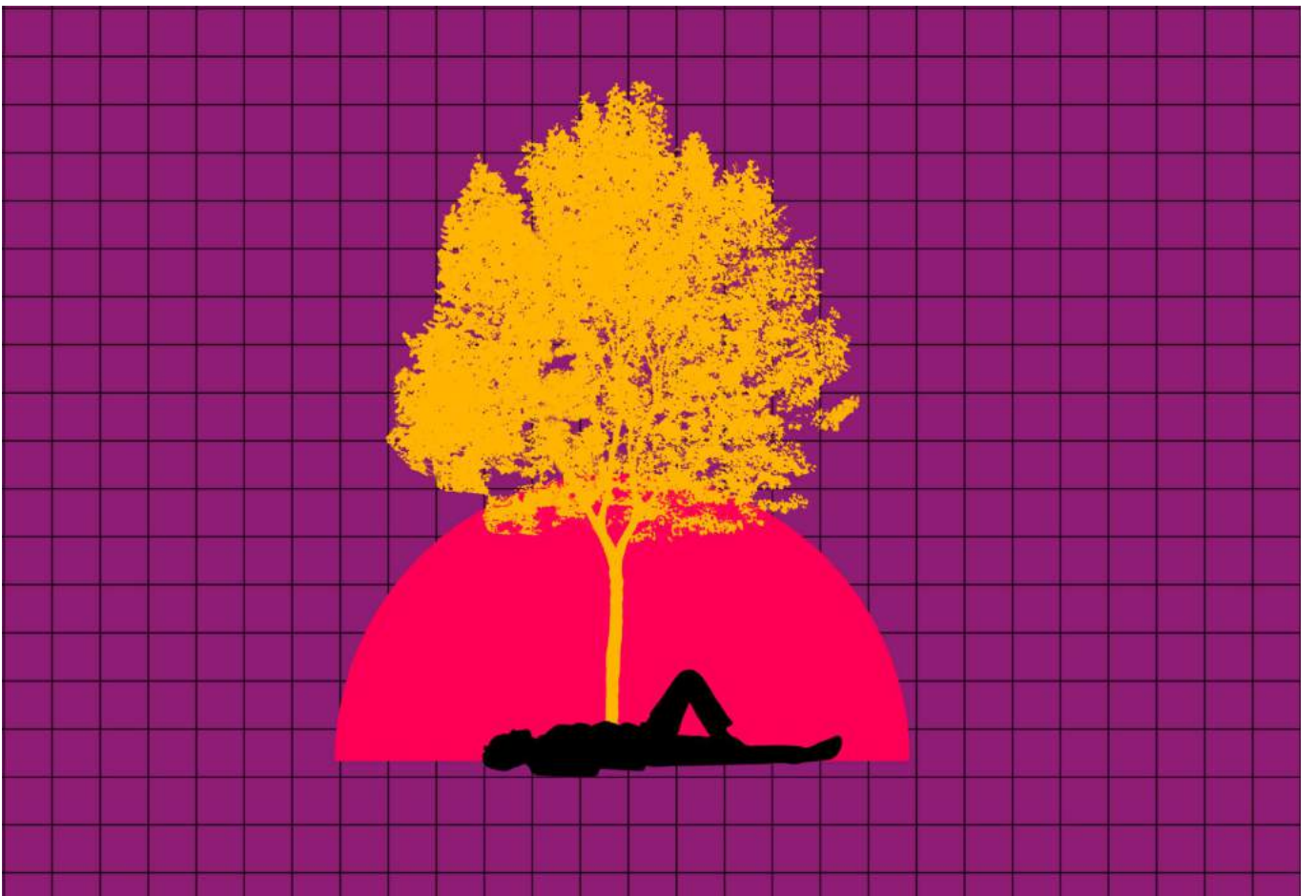
(Texto de defesa da proposta do candidato para o 2º Concurso de Capa e Quebra de páginas da Revista TULHA)

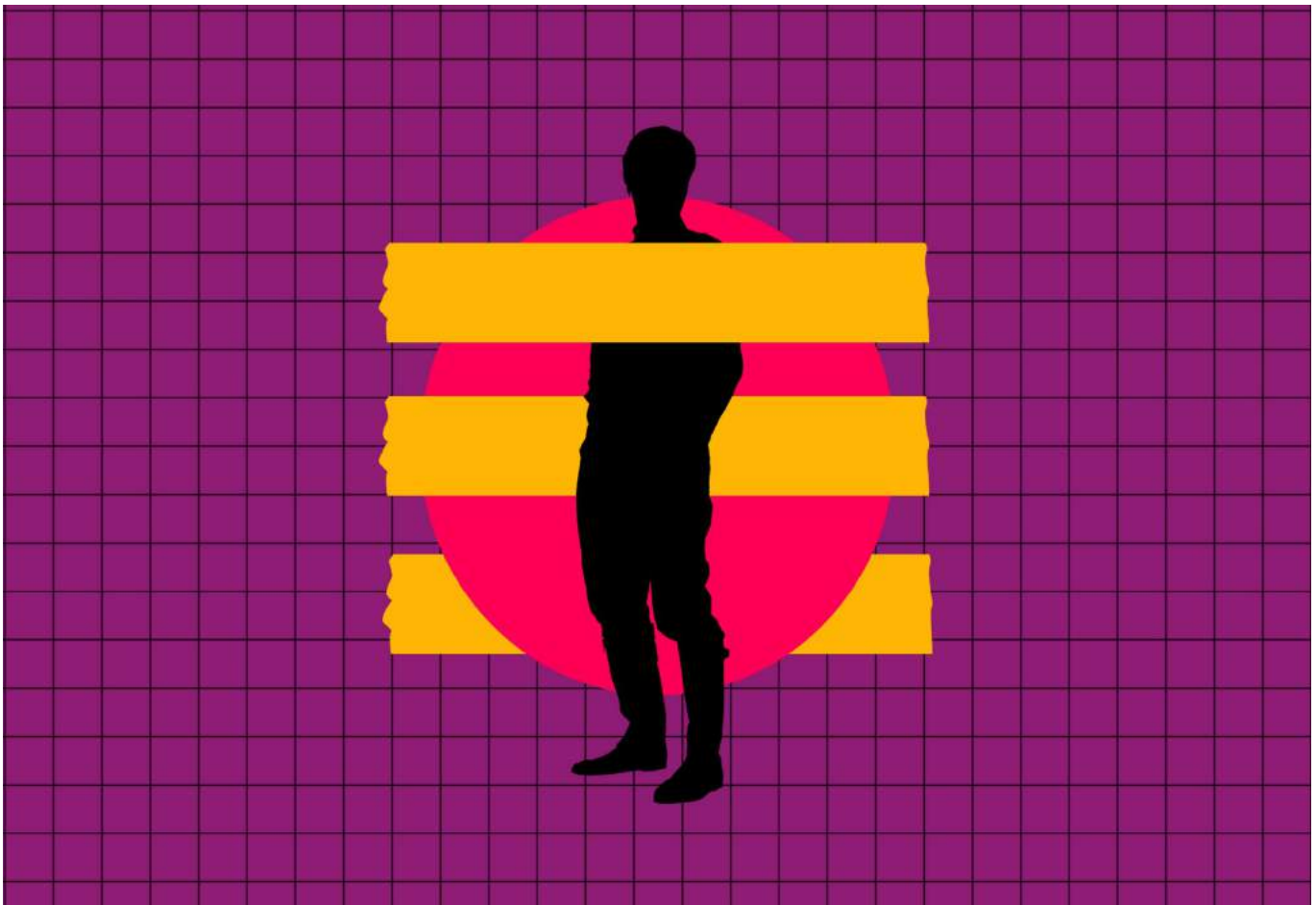
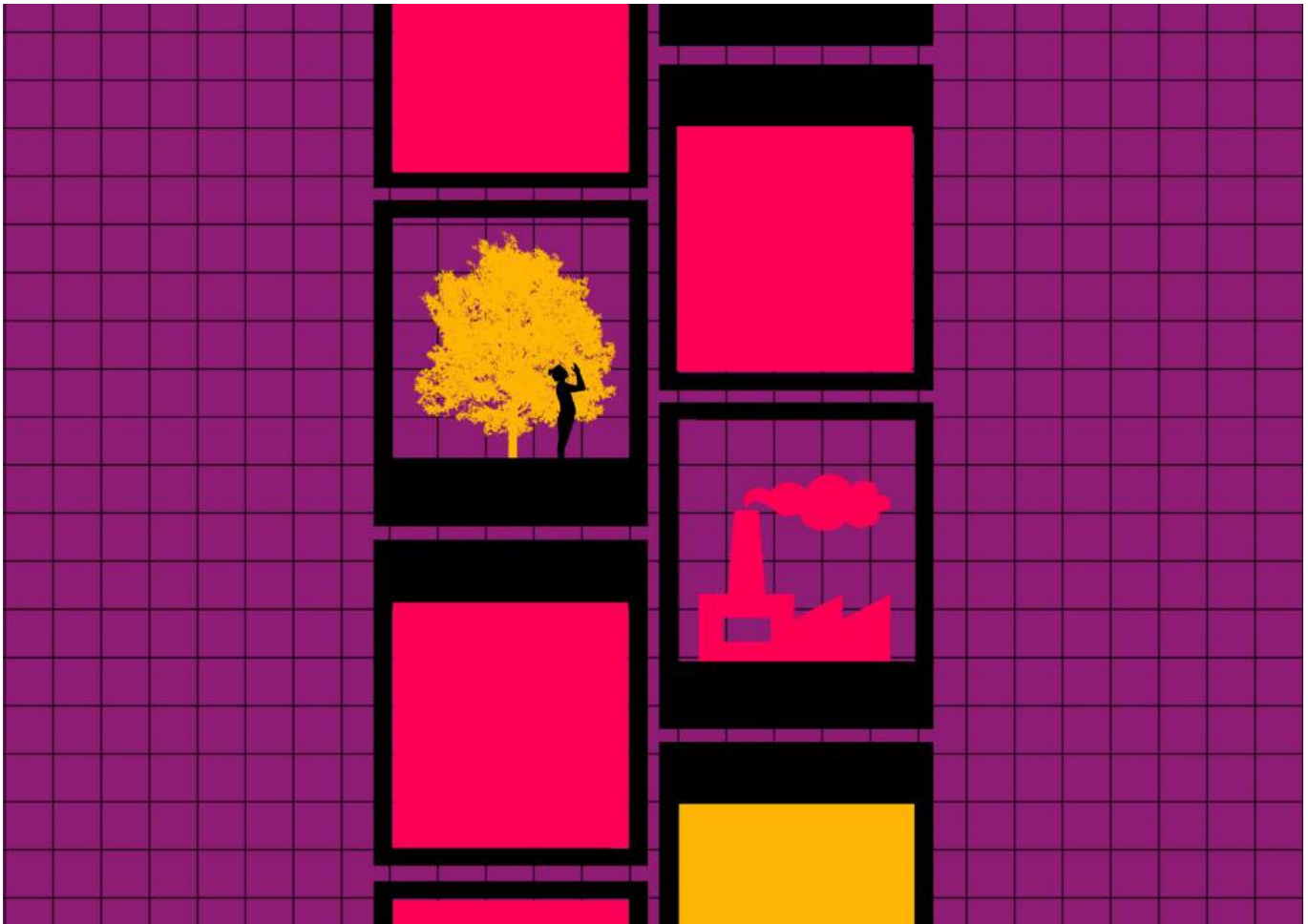
Guilherme Moura Massucato, 19 anos
Estudante, 4º semestre de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

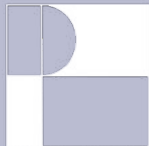
TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO









NOV/2021